

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA

REPRESENTANDO O PRECONCEITO: O EU E O OUTRO

EM CONTOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

STELLA MONTALVÃO FERRAZ

Dissertação de Mestrado submetida ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília para cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira

ORIENTADORA:

PROFESSORA DOUTORA REGINA DALCASTAGNÈ

BRASÍLIA, JULHO DE 2004.

Banca de Avaliação:

Professor Doutor Gilberto Figueiredo Martins

Professor Doutor Denílson Lopes

Professora Doutora Regina Dalcastagnè

(orientadora).

Brasília -DF, 13 de julho de 2004

É mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito.

Albert Einstein

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar de que forma escritores brasileiros contemporâneos, especificamente contistas, têm representado o preconceito e a estigmatização. A análise textual se concentra na forma como são construídos o foco narrativo, as personagens e o conflito que se configura entre elas, procurando fazer emergir os diversos tipos de mecanismos de construção do preconceito e estigmatização e as relações de poder justificadas pela construção de representações que os validam na sociedade.

A primeira parte da dissertação, *Construindo o Preconceito*, divide-se em dois capítulos dedicados aos contos “Eu, um homem correto”, de Murilo Carvalho e “O espartilho”, de Lygia Fagundes Telles. Ambos são narrados em primeira pessoa e destacam o processo da construção do estigma em si, o que permite uma análise da forma como narrador e personagens se confrontam, em busca de definir quem terá o poder de narrar a si mesmo e de contruir a representação do *outro*. Na abordagem desse confronto, foram utilizados conceitos de Pierre Bourdieu e de Norbert Elias, referentes às relações de poder que se estabelecem entre dominadores e dominados.

A segunda parte, *Vivenciando o Preconceito*, é composta de três capítulos dedicados aos contos “Sem rumo” de Salim Miguel, “O profeta” de Samuel Rawet e “História natural” de Autran Dourado. Narrados em terceira pessoa, partem da representação do estigmatizado já definida *a priori*, o que desloca o foco da análise para as situações de convivência entre a personagem estigmatizada e o *outro*, destacando o conflito que se estabelece entre eles, as implicações do estigma na representação que o estigmatizado faz de si mesmo e as dificuldades a ele impostas pelo preconceito e discriminação. Foram utilizados, como aporte teórico, conceitos de Erving Goffman no tocante às representações sociais e à estigmatização.

Por fim, na *Conclusão*, apontam-se correlações importantes entre os contos, no que se refere ao uso de algumas técnicas narrativas específicas na construção do foco narrativo, das personagens e da trama textual no sentido de representar o preconceito e a estigmatização.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how contemporary writers, specifically short-story writers, have been representing prejudice and stigmatization. The focus of the research is the ways authors build the narrative point of view, the characters and the conflicts among them, in order to elicit the several types of mechanisms of construction of prejudice and stigmatization as well as the relations of power justified by the construction of representations that validate prejudice and stigmatization in society.

The first part of the dissertation, *Building Prejudice*, is divided in two chapters which analyze the short-stories “Eu, um homem correto” (Me, a correct man) by Murilo Carvalho and “O espartilho” (The corset), by Lygia Fagundes Telles. Both stories are narrated in the first person and they point out the process, itself, of the construction of the stigma, which allows for an analysis of how narrator and characters are confronted, in the attempt to define who will have the power to narrate oneself and to build the representation of the other one. To understand that confrontation, the analysis used concepts of Pierre Bourdieu and Norbert Elias, regarding the relationships of power that settle down among rulers and dominated.

The second part, *Living Prejudice*, is divided in three chapters which analyze short-stories “Sem rumo” (Without direction), “O profeta” (The prophet) and “História natural” (Natural history), written respectively by Salim Miguel, Samuel Rawet and Autran Dourado. Narrated in the third person, they deal with a prestablished representation of the stigmatized, which moves the focus of the analysis to situations of coexistence between the stigmatized character and the others, highlighting the conflict between them, the implications of the stigma in the representation that a stigmatized makes of himself, and the difficulties imposed by prejudice and discrimination. As a theoretical guidance, the analysis used concepts of Erving Goffman, concerning social representations and stigmatization.

Finally, in the *Conclusion*, important correlations are pointed out among the short-stories, concerning the use of some specific narrative techniques of construction of narrative point of view, characters and plot in order to represent prejudice and stigmatization.

AGRADECIMENTOS

Quando se abre diante de nós um novo objetivo, um novo caminho a ser trilhado, é que o apoio, a colaboração, a amizade e o amor do *outro* se tornam mais necessários.

Agradeço profundamente a minha orientadora, Doutora Regina Dalcastagnè, por ter me proporcionado o contato com novas concepções e idéias que se tornaram determinantes para o meu trabalho. Seu constante incentivo à reflexão foi fundamental na realização dessa dissertação e no meu amadurecimento intelectual.

Agradeço também aos Doutores Margarida Patriota, Ricardo Araújo, Hilda Orquídea Hartmann Lontra, Rita de Cassi Pereira dos Santos, Elizabeth de Andrade Lima Hazin, Maria Isabel Edom Pires e Sylvia Helena Cyntrão do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras - UnB; Thereza Negrão e Márcia de Melo Martins Kuyumjian do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas – UnB e Denílson Lopes do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação – UnB que, em momentos diversos, contribuíram com suas sugestões e incentivo a esse trabalho.

A convivência com meus colegas de estudo foi fundamental na realização desse trabalho. Agradeço, em especial, a Adriana Sacramento e Izabel Brunacci pela colaboração que cada uma delas deu ao trabalho, pela profunda amizade que se estabeleceu entre nós e pela possibilidade de compartilhar minhas alegrias e ansiedades com elas.

Agradeço também o carinho com que fui tratada pela secretária da Pós-Graduação, Dora Duarte, e pelos demais funcionários do Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

Finalmente, agradeço a Deus ter me dado forças e coragem para enfrentar todas as adversidades vividas durante o período em que me dediquei a esse trabalho e ter me dado amigos carinhosos, uma família que me apóia, um esposo dedicado e filhos maravilhosos que são a razão última de todo esse esforço.

LISTA DE ABREVIATURAS

EHC “Eu, um homem correto”

OE “O espartilho”

OP “O profeta”

SR “Sem rumo”

HN “História natural”

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
LISTA DE ABREVIATURAS	vii
INTRODUÇÃO.....	10
1. CONSTRUINDO O PRECONCEITO	16
1.1. O OLHAR DO OUTRO EM “EU, UM HOMEM CORRETO”	20
1.1.1 As marcas da distinção	22
1.1.2 Autoridade e violência simbólica	30
1.1.3. A voz seqüestrada	34
1.1.4. A presença feminina	38
1.2 A MULTIPLICIDADE DE OLHARES EM “O ESPARTILHO”	42
1.2.1 O grupo estabelecido	44
1.2.2 O grupo marginalizado – os outsiders	48
1.2.3 As marcas de distinção	52
1.2.4 A aceitação do preconceito: poder e violência simbólica	60
1.2.5 A recusa ao preconceito: resistência e desconstrução	62

2. VIVENCIANDO O PRECONCEITO	65
2.1 O EU E O OUTRO – A COMUNICAÇÃO QUE NÃO SE REALIZA EM “O PROFETA”	72
2.1.1 O eu-desacreditado	73
2.1.2 A convivência social marcada pelo estigma	76
2.1.3 O isolamento na impossibilidade de comunicação	81
2.2 O EU E O OUTRO – O HOMEM SEM LUGAR EM “SEM RUMO”	88
2.2.1 O eu-desacreditado	89
2.2.2 A convivência social marcada pelo estigma	92
2.2.3 O isolamento na impossibilidade de permanência	99
2.3 O EU E O OUTRO – A IDENTIDADE FRÁGIL EM “HISTÓRIA NATURAL”	102
2.3.1 O eu-desacreditável	103
2.3.2 A convivência social marcada pelo estigma	105
2.3.3 O isolamento na impossibilidade de construção de identidade	110
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

Inseridos em um campo de relações de poder, homens e mulheres revelam-se na leitura que fazem do mundo, a partir das representações que constroem de si e do outro. Dessa forma, no intuito de construir sua identidade, entendida como “esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros” (BOURDIEU, 2001: 117), buscam estabelecer arbitrariamente diferenças e semelhanças, fundamentadas nos mais diversos “argumentos”, que os coloquem em posição valorizada na sociedade em que vivem.

Nessa perspectiva, o processo de construção da identidade consiste em uma luta pela possibilidade de classificar e classificar-se:

os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como ‘nós’ por oposição a ‘eles’, aos ‘outros’ e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade (BOURDIEU, 2001: 124).

Assim, no processo de construção da identidade, seja ela regional, étnica, de gênero, de orientação sexual ou outra qualquer, toda busca de critérios objetivos para classificação supõe prática social em que estão envolvidas representações mentais e objetais que passam pela percepção, apreciação, conhecimento e reconhecimento como estratégias de manipulação no campo simbólico. E é a partir dessas estratégias que se determina a representação que os outros devem ter dessas propriedades e de seus portadores, ou melhor, qual o valor que devem ter essas propriedades no mercado dos bens simbólicos.

Esse processo de diferenciação, baseado no valor atribuído aos bens simbólicos, e, portanto, definido a partir do capital simbólico desejável, na maioria das vezes consubstancia-se em estigmatização e visa legitimar a dominação de um grupo pelo outro. O processo,

embora se manifeste diversas vezes como se ocorresse individualmente (esse ou aquele indivíduo é preconceituoso, esta ou aquela pessoa foi discriminada), estrutura-se, portanto, em relações entre grupos que se enfrentam por poder, no sentido de defender as posições conquistadas pelo grupo estabelecido e de receber o reconhecimento de sua identidade pelos grupos marginalizados, estigmatizados.

Esses processos de estigmatização e discriminação, que se relacionam diretamente com questões relativas à identidade, à representação e ao preconceito, têm sido, ora de forma velada, ora explícita, tematizados nas mais diversas expressões artísticas, inclusive nas manifestações literárias.

No Brasil, desde o período romântico, a própria Literatura é vista como um “instrumento” fundamental na construção de uma identidade nacional¹. No entanto, se esta se revela como miscigenada e pluralista de acordo com estudos sociológicos e antropológicos, no campo literário, ainda se mantém, com certa frequência, a prática de marginalizar o *outro* (mulheres, loucos, homossexuais, idosos, estrangeiros etc) a partir de representações que idealizam esses grupos, tirando-lhes a sua concretude; ou que os desvalorizam diante dos grupos estabelecidos.

A partir de meados do século XX, surgem debates no campo da crítica literária, no sentido de revisar nossa Literatura à procura de enfatizar, trazer à tona, preconceitos subjacentes em diversas obras literárias que muitas vezes não exploravam diretamente o tema. Além disso, multiplicam-se temáticas em estudos da Literatura Brasileira, voltadas para a questão dos diferentes grupos marginalizados, que buscam estudar em profundidade e em sua

¹ Ver COUTINHO, 1983: 139-178.

especificidade a forma como são representados cada um desses grupos no texto literário. Assim, pesquisadores hoje estudam as diversas possibilidades de literatura referente à raça negra, ou de autoria negra ou, ainda, voltada para os negros, por exemplo. Essas vertentes surgem da necessidade, que os grupos marginalizados começam a impor à sociedade brasileira, de dar voz a esses que, juntos, formam a grande maioria do povo brasileiro.

Nesse contexto, a proposta desse trabalho é analisar como autores contemporâneos representam o preconceito e a discriminação no que há de intrínseco a esses processos e que, portanto, atinge todas as chamadas “minorias sociais”. Assim, a base dessa pesquisa é a análise da forma como os autores constroem o foco narrativo e as personagens, com ênfase no conflito que se configura entre eles, procurando fazer emergir os diversos tipos de mecanismos de construção do preconceito e estigmatização e as relações de poder justificadas pela construção de representações que os validam na sociedade. É importante destacar que este trabalho, portanto, não se propõe a fazer uma aproximação do preconceito implícito nas posturas de época e de autores diversos.

Dessa forma, parte-se da idéia de que a obra literária se constitui como uma possibilidade de o leitor reconstruir, a partir de uma elaboração das diversas perspectivas que surgem e se entrelaçam na trama, uma visão da realidade que, não sendo a própria realidade, é uma representação da realidade ampliada (ISER,1996), e de que textos de ficção de caráter social, focam, essencialmente,

personagens, grupos e classes retratadas na ficção, cuja vida, bem ou mal lograda, numa ordem épica ou trágica, se torna cabalmente representativa da situação histórica que a determina: os conflitos subjacentes à trama social aí aparecem nitidamente, quer sob um aspecto positivo, construído, quer sob um aspecto negativo, de posição crítica e condensadora da ordem considerada injusta. O ético e o político se juntam para a fixação de um caráter (LUCAS, 1987: 6).

No estabelecimento de critérios de seleção do *corpus* de análise, as idéias de Julio Cortázar no que se refere ao conto, como gênero literário, foram fundamentais. Afirma ele, comparando o conto com o romance e estes com a foto e o cinema respectivamente, que o contista não pode proceder acumulativamente, sendo necessário que seu trabalho se processe em profundidade, a partir de uma imagem ou acontecimentos que sejam significativos: “que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de ‘abertura’, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto” (1993:152).

Assim, fica evidente que o aspecto de condensação do conto não o empobrece, mas antes o intensifica, colocando em evidência o acontecimento narrado e seus significados. Além disso, Cortázar afirma também que o “tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa ‘abertura’ a que me referia antes” (1993: 152). Ou seja, o tempo e o espaço condensados permitiriam que as relações entre foco narrativo, personagens e conflito emergissem, trazendo consigo a “abertura” de que nos fala Cortázar.

Escolher o conto como base de análise é, portanto, ter a possibilidade de lidar com um texto intenso pela sua própria estrutura e buscar essa “abertura”, para nela entrever os significados. Assim, a análise pode se concentrar na personagem, no foco narrativo e no conflito, elementos fundamentais na abordagem proposta. O estudo da personagem se faz imprescindível na medida em que se busca, exatamente, investigar a identidade que se constrói na relação entre o marginalizado e o *outro*. Já o estudo do foco narrativo possibilita destacar o ponto de vista de quem constrói as representações; e, por fim, o estudo do conflito

surge da necessidade de investigar como essas representações em forma de personagens se confrontam e se inter-relacionam em uma esfera de poder.

Em seguida, foi necessário escolher com quais contos trabalhar. A intenção foi centrar o estudo em contos de escritores contemporâneos, referenciados em estudos sobre a Literatura Contemporânea Brasileira², e que estabeleceram suas raízes a partir da década de 60, estruturando-se com o *boom* do conto brasileiro nos anos 70. Nesse período, uma parte significativa dos contistas brasileiros tomou a direção inequívoca da exploração de conteúdos de caráter social de grande apelo no que se refere à realidade brasileira. Foram temas recorrentes aqueles relacionados diretamente à desigualdade social, à perda de referências no espaço urbano e capitalista e ao descompasso entre progresso e exclusão social, utilizando-se freqüentemente, da “exploração da violência repressiva como núcleo temático” (LUCAS, 1983: 155). Não se pode esquecer que esse período histórico corresponde a Ditadura Militar (1964 a 1985) no Brasil, o que poderia justificar em parte a freqüência desses temas e a ênfase dada às diversas formas de repressão.

O intuito era o de capturar as diversas possibilidades de tematização do preconceito, bem como explorar diversos grupos de marginalizados, em busca do ponto de convergência em que eles deixam de ser grupos específicos para se tornarem “companheiros de infortúnios”, expostos aos mesmos processos de construção e manipulação da identidade e das representações que lhe são imputadas no estabelecimento do preconceito e discriminação. Nesse sentido, foram selecionados cinco contos que contemplassem vários tipos de construção de personagens e de conflitos, escritos entre meados dos anos 50 e final dos anos 70, por autores que se destacaram nesse período como contistas, permitindo abordagens

² Ver LUCAS, 1983, HOHLFELDT, 1981 e DALCASTAGNÈ, 2001.

diferentes do mesmo tema. São eles: “Eu, um homem correto”, escrito por Murilo Carvalho em 1977; “O espartilho”, escrito em 1965³ por Lygia Fagundes Telles; “O profeta”, escrito em 1956 por Samuel Rawet; “Sem rumo”, escrito em 1973 por Salim Miguel e “História natural”⁴, escrito entre 1956 e 1957 por Autran Dourado.

Destaca-se o fato de que não foram encontradas narrativas que apontassem para uma situação de convivência solidária entre personagens estigmatizadas e seus prováveis opressores, o que, em si, já revela quão difícil é tornar evidente possibilidades de superação do preconceito e da discriminação. Assim, os contos escolhidos “não apontam, no caso, para a utopia, não se tem transformado em armas ideológicas para se lograr uma revolução social ou uma sociedade perfeita. O seu conteúdo é crítico, milita mais na área da negatividade e da desesperança do que da idealização de um mundo corrigido. Somente por linha reflexa é que sugerem a emancipação humana” (LUCAS, 1983: 159).

O trabalho encontra-se dividido em duas partes principais. A primeira, denominada *Construindo o Preconceito*, divide-se em dois capítulos dedicados à análise dos contos “Eu, um homem correto” e “O espartilho”. Nela, busca-se destacar as relações entre narrador e personagens no processo de construção das representações, que vão evidenciar as formas construídas no sentido de “naturalizar” o preconceito. A segunda, denominada *Vivenciando o Preconceito*, divide-se em três capítulos dedicados à análise dos contos “Sem rumo”, “O profeta” e “História natural”. Nesta parte, a intenção é aprofundar a discussão de algumas das situações de convivência entre essas representações marcadas pela estigmatização.

³ Optou-se pela primeira versão desse conto, datada de 1965, embora haja duas versões mais recentes, de 1978 e de 1991, pois é nela que mais se explicita a temática do preconceito. Para uma análise das alterações realizadas pela autora nas três versões, ver LEAL, 2003.

⁴ Esse conto foi escrito entre 1956 e 1957, segundo o próprio Autran Dourado, mas foi publicado pela primeira vez somente em 1972, não sofrendo modificações nas edições posteriores.

1. CONSTRUINDO O PRECONCEITO

Nesta primeira parte do trabalho, busca-se analisar de que forma se processa a construção de representações. No primeiro capítulo, destacam-se, inicialmente, as relações entre narrador/personagens em um processo de construção da identidade social com o foco no embate entre indivíduos no conto “Eu, um homem correto” de Murilo Carvalho⁵. Já no segundo capítulo, analisam-se as relações narrador/personagens como conflito estabelecido entre elementos inseridos em grupos em “O espartilho” de Lygia Fagundes Telles⁶.

Ressalta-se que os dois contos apresentam foco narrativo de primeira pessoa e que seus narradores são protagonistas das narrativas. Dessa forma, exploraram-se duas possibilidades. No primeiro conto, a narrativa linear se estrutura em um estilo bem próximo ao de um depoimento, em um tom quase policial, em que o narrador/depoente se coloca na posição de única voz autorizada em um texto construído totalmente em discurso indireto. No segundo conto, a narrativa estrutura-se em torno das memórias da narradora, em que se mesclam as vozes de outras personagens. O texto apresenta-se entrecortado e dúbio, posto que constituído de trechos que alternam discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre, e em que a voz de cada uma das personagens é permeada pela voz de outras.

Considerando que a temática do preconceito e da estigmatização desenvolvidas neste trabalho é de fundamental importância e que estas se inserem num contexto social, uma vez

⁵ **Murilo de Carvalho** (1947-). Desde 1974, trabalha como repórter, viajando pelo interior de diversos estados brasileiros. Militante em movimentos sociais, escreveu outras obras. Entre elas, um livro de contos baseado na vida de bóias-frias – “A cara engraçada do medo” (1978) e outro sobre as lutas no campo: “Sangue da terra” (1980).

⁶ **Lygia Fagundes Telles** (1923-). Escritora brasileira de renome. Pertence, atualmente, à Academia Brasileira de Letras. Seu primeiro livro foi publicado em 1938. Produziu ininterruptamente desde então, tendo quatro romances e diversos livros de contos publicados. Os mais recentes são “Invenção e Memória” (2000) e “Durante aquele estranho chá: perdidos e achados” (2002).

que é na sociedade real e vivida que os processos de construção de identidade e de representações, de estigmatização e de preconceito ocorrem, fez-se necessário a utilização de conceitos que vão além da teoria literária.

Essa pesquisa parte do pressuposto de que “os preconceituosos pretendem marginalizar do poder aqueles a que atribuem certas características menos ‘nobres’ e incluir-se naquela estreita parcela da população possuidora das virtudes necessárias para o exercício das melhores funções; noutras palavras, o preconceito funciona como exercício de poder” (PINSKY & ELUF, 1997: 11). Sendo assim, utilizam-se, nesse parte do trabalho, conceitos de dois sociólogos que desenvolveram estudos relativos à identidade, à representação e ao preconceito, incluindo os processos de estigmatização e discriminação, em suas diversas manifestações, a partir da década de 60: o francês Pierre Bourdieu e o alemão Norbert Elias.

No primeiro capítulo, em que se analisa o conto “Eu, um homem correto”, destaca-se a construção da identidade da raça negra, focalizando o processo que se realiza entre duas personagens em confronto. Em seguida, transpõe-se essa análise para a identidade feminina que perpassa o conto. A abordagem utilizada baseia-se nas idéias de Pierre Bourdieu, que merecem destaque, principalmente, por revelarem o deslocamento da luta entre classes do campo exclusivamente econômico para a noção de *campo simbólico*, do qual derivam os conceitos de *poder simbólico* – “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1997:7-8)⁷ – e *violência simbólica* – “violência⁷ que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com freqüência, dos que a exercem, na

⁷ Nesse sentido, o poder simbólico é mais efetivo quanto mais ignorado, mais “naturalizado”.

medida em que uns e outros freqüentemente são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997: 7-8).

Estes conceitos buscam desvelar a forma pela qual o dominador constrói a representação de si mesmo e, por contraposição, constrói também a representação do dominado, outorgando-se, por esse processo, a autoridade necessária – *poder simbólico* – para o exercício pleno da *violência simbólica*. Essa autoridade simbólica permitirá ao dominador não só falar pelo dominado, mas traçar definições dele próprio e do outro – *marcas de distinção* – que acabam por se tornarem “naturais”, tornando a violência simbólica dificilmente perceptível.

Já no segundo capítulo, em que se analisa o conto “O espartilho”, entrelaçam-se as identidades de raça, de cor, de gênero e de classes sociais. A proposta é analisar a forma como são construídas as personagens e de que maneira elas se inter-relacionam a partir de posições cambiantes. Nesse sentido, destacam-se as estratégias de formação e manutenção do preconceito e da discriminação, as dificuldades de se desconstruir essas estruturas e as possibilidades efetivas de combatê-las.

No aspecto teórico, amplia-se a análise, acrescentando à noção de *valor simbólico*, os estudos de Norbert Elias, que valorizam a dinâmica que se estabelece entre grupos de *estabelecidos* e de *outsiders*. Vale ressaltar que Elias destaca como características identificadoras do *grupo estabelecido* não necessariamente uma superioridade econômico-financeira ou de classe social, mas “o grau de coesão grupal, a identificação coletiva e as normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de

pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos”(ELIAS, 2000: 21).

Já o grupo dos *outsiders* consiste naqueles que não se inserem no grupo dos estabelecidos e, por isso, são vistos como inferiores, sofrendo um processo de estigmatização ao qual muitas vezes acabam eles mesmos por aderir e justificar. Elias destaca, ainda, que “a possibilidade de um grupo afixar em outro um rótulo de inferioridade humana e fazê-lo prevalecer era função de uma figuração específica que os dois formavam entre si” (ELIAS, 2000:23). Desconstrói, assim, a idéia de preconceito e de discriminação como processos de fórum íntimo e caráter individual, para inseri-lo, como também faz Bourdieu, dentro de um contexto de relações de poder.

1.1 O OLHAR DO OUTRO EM “EU, UM HOMEM CORRETO”

Afinal, o que é um papa, um presidente ou um secretário-geral, senão alguém que se toma por um papa ou um secretário-geral ou, mais exatamente, pela Igreja, pelo Estado, pelo partido ou pela nação? A única coisa que o distingue da personagem de comédia ou do megalômano é que geralmente ele é levado a sério e lhe é reconhecido o direito a essa espécie de impostura legítima.

Pierre Bourdieu

O conto “Eu, um homem correto”, ao retratar uma cena cotidiana, explora os temas do preconceito e da discriminação racial e de gênero. Seu enredo aparentemente simples e sua linguagem coloquial dissimulam uma trama complexa em que, a partir de uma construção sutil, cada palavra, cada frase faz parte de um jogo dúbio entre narrador e leitor. E é nesse jogo dúbio que se evidencia o processo por meio do qual são construídas essas representações e suas possíveis implicações.

A história é narrada em primeira pessoa por um vendedor que viaja de uma cidade do interior para outra. No ônibus, ele observa os demais passageiros e fixa-se em dois: a “professorinha”, objeto de seu desejo, e o “negro”, objeto de seu desprezo. E, a partir das suas “percepções” durante a viagem, ele termina por deduzir que o homem negro está sexualmente interessado na professora.

Quando o homem negro desce, com alguma hesitação, no mesmo ponto em que desce a professora, ele conclui que aquele praticará um ato de violência sexual e convence as

peças do ônibus a interromper a viagem e procurá-lo. O desfecho é previsível: o homem negro é linchado e acaba morto, mesmo depois da aparição da professora sã e salva. Uma narrativa que, em outros termos, poderia estar nas páginas policiais de um jornal ou na tela da televisão ou, ainda, do cinema. Destacam-se, então, duas perguntas cruciais que, colocadas pelo texto, são questões que o extrapolam e se colocam diante de nossos olhos no dia-a-dia: Por que um grupo de pessoas participa de um linchamento a partir de uma desconfiança de um único homem? E por que acabam por matá-lo, mesmo com o surgimento da professora, que elimina qualquer possibilidade de contestação da inocência do homem negro?

As respostas a estas perguntas estão no processo de valoração negativa do negro a partir das marcas de distinção historicamente construídas. A distinção deste em relação aos demais do grupo e, em especial, em relação ao narrador, estabelece um campo de forças em que o homem negro fica à mercê da violência simbólica justificada por estas marcas de distinção. Assim, sua voz é “legitimamente” seqüestrada e suas possibilidades de defesa neutralizadas.

Esta análise do conto, portanto, será dividida em quatro momentos: um levantamento das marcas de distinção que se delineiam no decorrer do texto, uma visão do poder simbólico construído a partir destas marcas, um olhar sobre a questão da legitimidade da representação de uma etnia a partir do olhar do outro e, por fim, uma análise da caracterização da personagem feminina.

1.1.1 As marcas de distinção

O processo de construção da diferença entre o narrador e a personagem negro é protagonizado pelo “homem correto”: inicialmente ele se apresenta como a materialização da ordem e limpeza algo obsessivas – a higiene corporal meticulosamente feita: “Acabei de escovar os dentes e enxagüei, bem enxaguada, a boca” (EHC, 58)⁸; a organização visível na sua imagem corporal: “Os documentos no bolso interno esquerdo do paletó, o pente no direito e no bolso detrás da calça a carteira com dinheiro” (EHC, 58); a previdência “Um bolso com botão bem resistente, que abotoa sobre uma casa pequena, quase pequena demais para ele: difícil de abotoar e mais difícil ainda de desabotoar” (EHC, 58); a constante conferência e a reiterada conclusão de que se encontrava “tudo em ordem” (EHC, 58).

No entanto, quase imediatamente somos levados a perceber a diferença entre o que ele diz de si mesmo, reafirmando sua identidade, e o que realmente é: sua obsessão pela limpeza não o impede de limpar seus sapatos sujos na colcha da cama do hotel em que está hospedado e justificar-se por isso: “Na colcha ficara uma mancha escura e avermelhada, mais de um palmo, mas não tinha importância, até melhor: desse jeito a dona da pensão era obrigada a mandar lavá-la, ela estava mesmo precisando, malcheirosa” (EHC, 58). Esse processo se repetirá durante todo o conto: os comportamentos que critica nos outros e especialmente no homem negro são pelo narrador praticados e justificados. É de se questionar: o que faz com que ele tenha tão certa sua superioridade em relação aos demais e mais precisamente em relação ao negro? O que faz dele *um homem correto* e, portanto, dos demais, homens incorretos?

⁸ Todas as referências aos contos no decorrer da dissertação estão identificadas pela abreviatura correspondente, seguida do número da página em que consta o trecho.

Ele se define como alguém que segue as convenções meticulosamente: busca hospedar-se em hotéis que têm campainhas e caixas registradoras, respeita horários, compra sua passagem de véspera e reserva o melhor lugar do ônibus, veste guarda-pó de linho para não ficar empoeirado na estrada, traz ternos para cada ocasião, acredita no Brasil. Ao mesmo tempo, revela suas contradições: lê rabiscos em portas de mictórios, masca palitos de dentes e os cospe no chão, faz associações escatológicas: “Abriu-se a porta com um sonoro chiado que me fez lembrar um peido” (EHC, 61). Observa cuidadosamente todos os passageiros e retira conclusões exclusivamente pelas aparências. Identifica e identifica-se com os passageiros sobre quem tece considerações, mas não se envolve. A passagem comprada na véspera, mencionada diversas vezes no texto, diferencia-o dos demais: “podia esperar enquanto os outros passageiros se atropelavam na porta do ônibus, porque eu tinha meu lugar reservado, banco número seis, desde a véspera” (EHC, 61).

A primeira menção do narrador ao homem negro é rápida: “Um pouco longe dela, no mesmo banco, um negro” (EHC, 62). O narrador volta sua atenção para o negro novamente quando este, nas suas palavras, “inclinava-se para o lado e procurava olhar melhor a professora” (EHC, 63). E conclui: “Achei esquisito” (EHC, 63). É de se perguntar o que haveria de esquisito no comportamento do homem negro, já que o próprio narrador acabara de fazer o mesmo. O que tornava, ao seu ver, seu comportamento plenamente aceitável e esquisito o comportamento do homem negro? Evidentemente, neste momento já se estabeleceu uma diferenciação básica entre ele, narrador, e os demais passageiros. Mas sua diferenciação em relação ao negro é sentida, com certeza, como mais profunda.

Em seguida, o narrador descreve uma ação do homem negro: ele ajuda prontamente duas mulheres que entram no ônibus com bolsas e sacolas. E completa: “Enquanto ele ajeitava

as bolsas, notei que não desgrudava os olhos da professorinha.” (EHC, 63). Sendo assim, o narrador insinua o que seria o motivo de tanta gentileza por parte do homem negro: poder observar melhor a professora.

O narrador compartilha o pretense interesse do negro pela professora com seu companheiro de banco, homem descrito como “um bom companheiro de viagem”, pois está bem vestido, portando um terno azul-marinho novo. Seu companheiro é claramente do mesmo grupo social que ele e se define pelas mesmas percepções. O importante a destacar é a afirmação dos dois de não possuírem preconceitos: “Não que ele tivesse preconceitos, como eu também nunca os tive, mas o negro estava até descalço” (EHC, 63). Surge assim o motivo alegado pelos dois para suas próprias conclusões de que “essa gente nunca sabe o seu lugar” (EHC, 63). Quem é “essa gente”? Pode-se concluir que “essa gente” são aqueles que não se vestem conforme as convenções, andam até descalços.

O que se omite aqui é evidente: as diferenças socioeconômicas entre eles e o homem negro. O que aparece como diferença de gosto ou elegância, falta de “competência cultural”, serve apenas para mascarar aquela diferença e atribuir ao homem negro a “culpa” pela sua declarada inadequação ao momento e ao lugar em que se encontra. Bourdieu coloca essa questão, no que se refere a uma fração dessa “competência cultural” – a competência lingüística – da seguinte forma:

Como o lucro de distinção resulta do fato de que a oferta de produtos (ou de locutores) correspondente a um nível determinado de qualificação lingüística (ou de modo geral, de qualificação cultural) é inferior ao que se verificaria se todos os locutores tivessem se beneficiado das condições de aquisição da competência legítima em grau idêntico àquele de que se beneficiariam os detentores da competência mais rara, esse mesmo lucro acha-se logicamente distribuído em função das oportunidades de acesso a essas condições, quer dizer, em função da posição ocupada na estrutura social (BOURDIEU, 1998:43).

A cada movimento da professora, a cobiça do narrador se revela mais flagrante: “Com o movimento o vestido subiu um pouco, mostrando até mais em cima, um pedaço **deslumbrante** de coxas claras. Eram pernas **lisas e certas** e pareciam **rijas** como boa madeira de lei” (EHC, 63).⁹ Nesse instante, ele afirma que “O negro estava de olho. Eu não podia ver-lhe os olhos, mas pude adivinhar muito bem a gula que ia por eles” (EHC, 63). Assim, sua constatação de que o homem negro “não sabe o seu lugar” faz a atenção do narrador se voltar diretamente para o negro. O que o coloca em condições de perceber *gula* nos olhos que ele não vê? Evidentemente, é a sua própria gula que ele projeta na atitude do homem negro. Gula que ele entende como legítima para ele, mas espúria no que se refere ao negro.

Essa gula fica cada vez mais evidente nele e no seu companheiro de viagem, “tão distinto”: “Meu companheiro de banco entortou o corpo e olhou. Concordou comigo que **as pernas eram das melhores, mais gostosas**, e que o negro era um sem-vergonha. Logo-logo a professora vai estar **mostrando até as calcinhas**, desse jeito. E aí o negro enlouquece. Confesso que a vista daquelas pernas me perturbou um pouco, procurei conversar” (EHC, 63).¹⁰ Percebe-se, portanto, uma conversa entre o narrador e seu companheiro sobre os predicados sensuais da professora. É importante destacar-se que mesmo essa situação serve para que o narrador estabeleça mais uma marca de distinção entre ele e o homem negro no que se refere à gradação de intensidade do seu desejo: enquanto ele *se perturba* com a possibilidade de ver a calcinha da professora, o negro *enlouqueceria* com essa possibilidade.

Uma nova marca de distinção se estabelece, em seguida, no momento em que o cobrador pede as passagens: o narrador apresenta sua passagem “reservada com boa antecedência” (EHC, 63) enquanto o homem negro paga sua passagem com “um dinheiro

⁹ Grifo nosso.

¹⁰ Grifo nosso.

amassado e ensebado, quase a conta certa” (EHC, 63). Novamente, tem-se a idéia de que o homem negro está deslocado, pois quase não tinha dinheiro para pagar sua passagem. Além disso, o narrador introduz, a partir da expressão “dinheiro ensebado”, uma idéia que já permeava sua própria descrição: a sua constante ordem e limpeza se contrapõem à sujeira do homem negro.

Essa contraposição entre limpeza e sujeira é, a partir desse momento, bastante explorada: o negro tem as unhas do pé pretas e gretadas e, ao olhar as mãos dele, o narrador confirma o que já esperava encontrar: as mãos do homem negro tinham unhas tão sujas e pretas quanto os pés. E vai mais longe: “Seus hábitos, seu coração” (EHC, 66). Essa marca de distinção em especial é uma forma recorrente na literatura¹¹.

Assim, o narrador aprofunda essa marca de distinção, que deixa de ser aparência para transformar-se em comportamento: o negro passa a ter uma alma tão suja quanto suas mãos. Destaca-se também que seu companheiro de banco, a partir do julgamento do narrador, apressa-se a verificar suas próprias unhas. Ao que o narrador comenta: “As unhas dele estavam cortadas e limpas, eu já havia notado isso, senão não teria comentado. Eu também olhei para as minhas unhas, embora soubesse que elas estavam limpas, lustrosas, curtas e sem cutículas, como sempre” (EHC, 66). É evidente, assim, a hipocrisia com que o narrador se refere à limpeza das unhas: sabe de antemão que as suas e as de seu companheiro estão limpas o que permite a ele traçar nova distinção em relação ao homem negro.

Ressalta-se, ainda, que seus pés calçados permitem ao narrador reafirmar sua distinção também quanto ao fato de estar calçado com bons sapatos, que devem estar sempre lustrosos

¹¹ Para aprofundamento dessa questão, ver CAREY (1993) e DALCASTAGNÈ (2000).

porque é sinal de fineza e educação, em contraposição ao homem descalço que, por não ter sapatos, também não pode deter esse capital simbólico.

Em seguida, um novo movimento da professora não permite mais que suas coxas sejam vistas pelo narrador. Ele e seu companheiro de banco comentam o fato: “Comentei isso com o velho senhor e ficamos imaginando o desespero do negro, que perdera seu espetáculo” (EHC, 66). Novamente, temos a projeção dos sentimentos do narrador no homem negro, ficando implícita sua diferenciação em relação àquele: o negro se desespera, enquanto ele encara a situação “civilizadamente”.

A partir desse momento, a atenção do narrador se volta totalmente para o homem negro: este se levanta para falar com o motorista, mas, segundo o narrador, “tinha os olhos postos na professora” (EHC, 67), com o que seu companheiro de banco concorda. A agitação do homem negro o incomoda: “O diabo do negro não parava quieto” (EHC, 67), pois o negro levanta-se algumas vezes, “como se estivesse tentando reconhecer onde o ônibus estava passando” (EHC, 67).

Nesse momento, o narrador se detém na descrição do homem negro cuja representação é “naturalmente” construída em termos negativos – deformação, aproximação com o animalesco, doença e falta de caráter estão implícitos na descrição que o “homem correto” faz dele: “A boca nascia de um beijo grosso, pendente, roxo, e acabava num outro beijo menor, tão curto que quase encostava no nariz. E o nariz era mais chato que o normal dos negros, e bem perto da narina esquerda tinha um calombo avermelhado que me fez lembrar em bernes.

Os olhos eram de quem bebe muito, amarelados, estriados de sangue. Um negro feio mesmo”(EHC, 67)¹².

Estabelecida uma distinção profunda entre ele e o homem negro, o “homem correto” pode descansar. Sonha com a professora, diz querer pensar no seu rosto e cabelos, mas só lhe vêm “as imagens das coxas dela, brancas, rijas, de pegar e morder como cana madura. E eu fiquei cochilando, pescando meus lambaris, enquanto ia mordendo, mordiscando leve e leve as macias coxas da professorinha” (EHC, 67).

A saída da professora o desperta: “Ela levantou-se, saiu meio de lado, puxando o vestido. Parou um instante no degrau superior da porta e eu notei que sua bunda bem feita estava na altura dos olhos do negro que disfarçava e olhava pela janela, interessado em qualquer coisa lá fora” (EHC, 67). Assim, enquanto ele mesmo olha para a “bunda bem feita” da professora, novamente projeta no homem negro sua própria cobiça: a partir de quais dados ele poderia afirmar que o negro realmente mantinha algum tipo de interesse pela professora e mais, que disfarçava seu interesse olhando para fora?

A saída intempestiva do homem negro no mesmo ponto em que desce a professora é o fato de que o narrador precisava para confirmar suas suspeitas: “A porta fechou chiando seu ar comprimido e eu tive uma certeza. Como um relâmpago, como um tiro, como um tombo. Esse negro ia fazer das suas e a professorinha era que era” (EHC, 67).

Neste momento da narrativa, as representações do “homem correto” e do “negro” já estão estabelecidas: a ordem, a disciplina, a limpeza, a elegância, a fineza, a providência e a

¹² Essa questão também pode ser aprofundada em CAREY (1993).

segurança, bens simbólicos de grande valor no contexto social em que ambos se encontram, confirmam a superioridade daquele em relação ao outro. O que se realizou, na verdade, é o que Bourdieu chama de “ato de magia social”: ato pelo qual se cria uma realidade a partir da nomeação dela (BOURDIEU, 2001).

Mas esse ato só se realiza verdadeiramente se o enunciador possuir uma autoridade simbólica construída a partir do capital simbólico que esse detém. Tem-se então que, a cada distinção declarada, o “homem correto” acumula bens que o autorizam a traçar novas distinções. E essas novas distinções o colocarão em posição cada vez mais favorável, posto que elas se entrelaçam, formando uma estrutura que torna imperceptível sua característica de objeto construído.

A construção dessa estrutura em que se estabelece a identidade a partir da distinção, da diferenciação, é fundamentada, portanto, no discurso performativo e está diretamente ligada ao poder simbólico:

A eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio ato de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: a fórmula ‘eu autorizo-vos a partir’ só é *eo ipso* uma autorização se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar (BOURDIEU, 2001: 116).

As marcas de distinção assim constituídas, segundo Bourdieu, fundamentam-se no culto e na cultura da pessoa que determina propriedades pessoais exclusivas, únicas e originais que incluem “idéias pessoais”, “estilo pessoal” e, acima de tudo, “opinião pessoal”.

Assim,

a oposição entre o raro, o distinto, o escolhido, o único, o exclusivo, o diferente, o insubstituível, o original e o comum, o vulgar, o banal, o indiferente, o medíocre, o mediano, o usual, o trivial, com todas as oposições a estas associadas entre o brilhante e o estúpido, o fino e o grosseiro, o refinado e o rude, o alto (ou elevado). e o baixo é uma das oposições fundamentais (a outra sendo organizada em

torno da oposição entre conforto e pobreza). na linguagem da ética e da estética burguesa. (BOURDIEU, 1984: 414).¹³

Um outro elemento que é interessante destacar é o aspecto simbólico que a professora pode assumir: cobiçá-la poderia representar o desejo de se apropriar das marcas de distinção que o sistema educacional pode proporcionar? Bourdieu afirma, referindo-se à relação entre cultura e política, que:

A propensão de delegar responsabilidade no que se refere aos assuntos políticos a outros reconhecidos como tecnicamente competentes varia na proporção inversa do capital educacional que se possui, porque qualificação educacional (e presume-se a cultura aí incluída). é tacitamente vista – por seus possuidores, mas também pelos outros – como um título legítimo para o exercício da autoridade. (BOURDIEU, 1984: 414).

Nesse sentido, negar qualquer possibilidade do homem negro almejar esse “bem” não seria confirmar “o seu lugar”: o daquele que não possui competência política (e social) para exercer autoridade, incluindo-se aí a autoridade para definir a sua própria identidade?

1.1.2 Autoridade e violência simbólica

A autoridade que o “homem correto” conquista a partir da sua distinção se revela na possibilidade do discurso performativo que

não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em

¹³ Tradução nossa. No original: “ the opposition between the rare, the distinguished, the chosen, the unique, the exclusive, the different, the irreplaceable, the original, and the common, the vulgar, the banal, the indifferent, the ordinary, the average, the usual, the trivial, with all the associated oppositions between the brilliant and the dull, the fine and the coarse, the refined and the crude, the high (or heightened). and the low is one of the fundamental oppositions (the other being organized around the opposition between ease and poverty). in the language of bourgeois ethics and aesthetics”

função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades (BOURDIEU, 2001: 117).

Portanto, a autoridade que o “homem correto” se outorga depende essencialmente de se reconhecer e ser reconhecido pelos seus pares: a observação atenta de todos os companheiros de viagem, a escolha de um interlocutor que se assemelhasse a ele marcam a sua necessidade de estar entre os seus. E sendo assim, a presença do homem negro é percebida como uma intrusão num espaço social que não lhe pertence, não só pelo narrador, mas por todos que pertencem ao seu grupo. Destaca-se que o espaço em que se desenrola a narrativa é por definição um espaço público – um ônibus – no qual, *a priori*, todos teriam o direito de permanecer. Dessa forma, fica a pergunta: qual seria o espaço que a raça negra está “autorizada” a ocupar no campo social?

Retomando a narrativa, lê-se que o narrador pondera, julga e condena: “Eu que sempre fui eu, obedecedor, dentro das leis, no rigor de todos os preceitos. Eu sabia uma certeza e não podia acovardar-me, deixar que passasse” (EHC, 68). Nesse momento, podemos distinguir a construção de uma opinião pessoal, no sentido em que Bourdieu a discute: fundamentada em uma propensão para o individualismo ou egoísmo própria da pequena (e grande) burguesia, reforçada pelo sistema educacional, propensão esta que surge da necessidade do pequeno burguês de identificar-se com aqueles que têm os meios para afirmar a unicidade de sua pessoa em todas as suas práticas ou de ser, pelo menos, por eles reconhecido. Essa busca de reconhecimento está na origem da prática expressa pelo conceito de “regras são regras” que se traduz no texto pela afirmação de que ele é “obedecedor, dentro das leis, no rigor de todos os preceitos” (EHC, 68).

O narrador segue então em busca dos seus pares: seu companheiro de banco e, gradativamente, os demais passageiros vão sendo convencidos por ele: “De repente muita gente falava e todos acusavam, diziam, todos tinham suas certezas” (EHC, 68). Certezas essas que também eram a do narrador uma vez que, como grupo, os passageiros comungam do mesmo olhar. Assim, as certezas dos passageiros são uma extensão da certeza do “homem correto”: uma busca de também marcar suas próprias opiniões pessoais, definindo-se como pertencentes a uma classe social e distinguindo-se das demais.

Assim, o narrador, ao afirmar “ter uma certeza” e buscar o apoio dos demais para tomar uma atitude de retaliação contra o homem negro, está se declarando detentor de um poder simbólico entendido como

um poder (econômico, político, cultural ou outro). que está em condições de se fazer reconhecer, de obter o reconhecimento, ou seja, de se fazer ignorar em sua verdade de poder, de violência arbitrária. A eficácia própria desse poder exerce-se não no plano da força física, mas sim no plano do sentido e do conhecimento (BOURDIEU, 2000: 60).

Mas é preciso, ainda, que o “homem correto”, portador de um capital simbólico reconhecido por seu grupo, diferencie-se dos demais ao mesmo tempo em que se estabelece uma relação de cumplicidade para que ele possa assumir o papel de porta-voz:

O princípio do poder das palavras reside na cumplicidade que se estabelece, por meio delas, entre um corpo social encarnado num corpo biológico, o do porta-voz autorizado, e corpos biológicos socialmente moldados para reconhecer suas ordens, mas também suas exortações, suas insinuações ou suas injunções, e que são os ‘sujeitos falados’, os fiéis, os crentes (BOURDIEU, 2000: 61).

Assumindo o papel de porta-voz, o “homem correto” vai colocar o poder simbólico que ele próprio se outorga em evidência quando afirma: “Eu já sabia o que nos competia fazer, **a nós homens decentes e civilizados, com um pingão que fosse de moral.** Aí eu sugeri que voltássemos, que fôssemos depressa, a professorinha em perigo, o negro nojento” (EHC,

68).¹⁴ E reforça sua “argumentação” com a retomada dos traços de distinção que fazem do negro um elemento “fora do seu lugar”: “Recontei todos os movimentos do negro, os olhares, as brancas coxas da professora, as escuras unhas de gretas, o pé descalço, o dinheiro amarrotado na palma da mão, o beijo roxo, os olhos riscados de vermelho, o calombo na cara” (EHC, 69).

Estabelecido um clima favorável à sua proposta, basta que o narrador assuma a posição de comando: “Aí então me encheu o saco e eu resolvi comandar. Mandei virar o ônibus e voltar. O motorista, meio assustado obedeceu, enquanto todos os passageiros aprovavam e em suas caras ia-se formando o ódio” (EHC, 69). Seu poder sobre o grupo se revela agora na possibilidade de “fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade (BOURDIEU, 2001: 116-117). Agora são *eles* contra o *outro*.

O processo de construção de um espaço propício para a violência simbólica, representada no texto pela criação de uma representação do homem negro que o diferencia dos demais e o desvaloriza profundamente, desemboca facilmente na intolerância e na violência física. A volta do ônibus é marcada por um clima de caça a um animal perigoso: “O ônibus diminuiu a marcha e todos nós fomos olhando, lado a lado, esquerda, direita, repassando touceiras, escarafunchando sombras, os ouvidos pronto para o grito” (EHC, 69).. Assim, a valoração negativa do homem negro se aprofunda: ele é despersonalizado, perde sua condição de ser humano. Dele se espera o ataque; da professora, o grito da vítima.

¹⁴ Grifo nosso.

Encontrado o homem negro, não há possibilidade de comunicação entre elementos que carregam representações tão diferenciadas: a “fera perigosa” e os homens decentes. Gritos de ódio, cultivados pela violência simbólica que os justifica, precedem a violência física. O homem negro tenta fugir, mas, acuado, também grita: grito de medo, de impotência.

Neste momento da narrativa, o narrador já se retirou da ação: é “mero expectador” da cena que construiu. Vê o homem negro que grita enquanto o espancam. Que ainda grita quando surge a professora sã e salva. E que continua gritando até ser morto por “aquele feroz grupo de homens”. É evidente que, até o final, o narrador marca sua diferença: ele não participa diretamente do linchamento, quer fazer parecer que não pertence a esse grupo de homens que age ferozmente. No entanto, o fato de ver a professora e, portanto, saber que o homem negro é inocente e, apesar disso, não interferir, é revelador da sua postura diante dos fatos: a morte do homem negro é o ponto extremo no exercício da autoridade simbólica, a possibilidade de deixar viver ou morrer. Ao linchamento moral a que o homem negro foi submetido, segue-se “naturalmente” o linchamento físico.

1.1.3 A voz seqüestrada

O delineamento progressivo das marcas de distinção, que dá ao “homem correto” a possibilidade de se outorgar uma autoridade simbólica, exige que a narração ocorra em primeira pessoa, o que permite ao narrador apresentar sua versão dos fatos em detrimento de outras. Cada uma das marcas de distinção se encaixa “naturalmente” em um todo que é construído aparentemente da forma mais fidedigna possível pelo narrador.

A questão que se coloca, portanto, é saber quão confiável é esse narrador. A cada momento, aparentemente sem se dar conta, o narrador se desmente, mostra suas contradições. È como se o fato de se autonear “um homem correto” bastasse para que suas palavras fossem encaradas como a mais pura verdade. Assim, diante de um narrador em quem não se pode confiar, pode-se concluir que tudo que o homem negro faz é “recontado” parcialmente, pois há claramente uma “interpretação” de cada um dos movimentos do homem negro no sentido de compor um comportamento “coerente” com as marcas de distinção.

Isso fica ainda mais evidente no momento em que o narrador conclui que o homem negro vai atacar a professora: “A porta fechou chiando seu ar comprimido e eu tive uma certeza. Como um relâmpago, como um tiro, como um tombo. Esse negro ia fazer das suas e a professorinha era que era” (EHC, 67).. Destaca-se que o narrador se expressa como se sua conclusão tivesse sido súbita, obviamente uma tentativa de “ludibriar” o leitor, fazendo-o crer que essa idéia surgiu em sua mente naquele exato instante. No entanto, essa idéia vem sendo construída durante toda a narrativa: é facilmente perceptível que o narrador busca alinhar “justificativas”, através das marcas de distinção por ele destacadas, que levem seus interlocutores a concordar com ele.

Ressalta-se que a fala do homem negro não é registrada em nenhum momento. Embora o próprio narrador afirmasse querer ouvir as duas conversas dele com o motorista, e justificasse essa impossibilidade com o fato de que o homem negro falava em voz muito baixa, fica a dúvida: de acordo com a descrição do narrador da disposição das pessoas dentro do ônibus, apenas um banco separava o narrador do motorista. Seria realmente impossível ouvir a conversa do homem negro com o motorista ou é conveniente ao narrador não registrar a fala do mesmo?

Buscando ir mais longe nessa análise, pode-se afirmar que o fato de não se ter a voz do negro registrada é bastante significativa no conto, mas o mais relevante talvez fosse perguntar: se quaisquer das falas do homem negro tivessem sido devidamente registradas, elas poderiam ser decisivas para determinar sua inocência? Diante de tantas marcas de distinção já estabelecidas, que confiabilidade teriam as palavras dele? Afinal, o motorista poderia narrar o que lhe foi dito pelo homem negro. No entanto, se no início ele parece em dúvida, acaba por se deixar convencer das más intenções do negro pelos argumentos do narrador.

Além disso, destaca-se o fato de que o homem negro não tem possibilidades de defesa, posto que não sabe do que está sendo acusado. Ao ver os homens que gritam para ele de dentro do ônibus, sua reação é desviar-se do ônibus que o persegue e fugir. Outra questão surge nesse momento: por que ele não os enfrenta, por que ele não os olha de frente, por que se sente tão intimidado a ponto de fugir? Fica evidente que seu papel já está predeterminado: não lhe cabe perguntar o que está ocorrendo, já que ele sabe de antemão que sua voz não será ouvida. Considerando o discurso como um produto sujeito à avaliação,

Quando falamos, produzimos um produto, um produto que, em certo aspecto, é um produto como outro qualquer, portanto, destinado a estar sujeito não só à interpretação, mas também à avaliação(...). Concretamente, isso significa que, quando produzo um determinado discurso, preocupo-me mais ou menos com o efeito que ele vai produzir naquele a quem me dirijo. **A antecipação do preço que meu discurso receberá ajuda a determinar a forma e o conteúdo dele, que será mais ou menos tenso, mais ou menos censurado, às vezes até o ponto de ser anulado – é o silêncio da intimidação** (BOURDIEU, 2000: 53).¹⁵

O que desvaloriza a sua fala aos olhos do próprio homem negro a ponto de ele “optar” pelo silêncio da intimidação? De onde vem essa “aceitação” do marginalizado em relação a sua situação? Aquele que está em posição dominada, imerso em um contexto social que lhe é adverso, acaba por internalizar a própria representação que dele faz o dominador.

¹⁵ Grifo nosso.

Representação essa que acaba por ser vista como “natural”, estruturando relações de poder no campo social de tal forma que o dominado acaba por assumir uma posição subalterna e, muitas vezes, defende essa posição.

Nesse sentido, não se quer aqui “culpar” a raça negra, atribuindo a ela a responsabilidade pelo processo de constante valorização negativa a que é submetida. O que se quer destacar é que ambos os lados – dominador e dominado – acabam por compartilhar das mesmas representações sociais, uma vez que:

os agentes sociais e os próprios dominados estão unidos ao mundo social (até mesmo ao mais repugnante e revoltante). por uma relação de cumplicidade padecida que faz com que certos aspectos deste mundo estejam sempre além ou aquém do questionamento crítico. É por intermédio dessa relação obscura de adesão quase corporal que se exercem os efeitos do poder simbólico. A submissão política está inscrita nas posturas, nas dobras do corpo e nos automatismos do cérebro (BOURDIEU, 2000: 60).

E é a partir desse compartilhar de representações construídas que o discurso do homem negro não encontra espaço. O “homem correto” posiciona-se como um mero narrador fiel aos fatos, mas sua descrição aproxima o homem negro a um animal acuado, retirando-lhe sua própria condição de ser humano e sua possibilidade de expressão em um aprofundamento ainda maior da distinção entre ele e o homem negro: afinal, animais não sabem falar. Somente os gritos de dor do homem negro serão ouvidos por todos, enquanto ele é agredido e morto. E a dor de que padece aquele que é colocado à margem da sociedade expressa-se nos gritos que a ninguém interessam, pois são vistos como insignificantes. A violência simbólica, construída durante todo o percurso daquela viagem e da existência dessas personagens em seu meio social, revela-se e torna-se palpável na violência física “justificada”.

Dessa forma, pode-se concluir que o narrador constitui-se não só como porta-voz do seu grupo, mas também como um porta-voz às avessas da raça negra, pois toma

“legitimamente” a voz de todo um grupo que, marginalizado, não pode se fazer ouvir. Não foi escolhido por ele, não o representa, mas é o narrador quem nos apresentará o homem negro, quem o descreverá em suas características e comportamentos e, mais do que isso, é o narrador quem nos apresentará seus desejos, seus pensamentos e seus sentimentos mais íntimos.

Assim, seria preciso estender esse questionamento à validade de se construir uma representação étnica a partir de uma visão externa a essa etnia. Dominadores que falam pelos dominados são o retrato da nossa literatura e da nossa história oficial. Nesse contexto, surge o debate sobre a falta de textos de autoria negra que reflitam sua própria história, que tragam sua própria voz. E, por outro lado, emerge outra questão: em que medida o autor negro pode se impor diante das representações sociais nas quais está imerso e representar sua raça?¹⁶

1.1.4. A presença feminina

Embora não seja o tema central do conto, é evidente que o narrador apresenta uma representação da mulher. Primeiramente, ela é objeto de desejo, não lhe cabendo durante todo o conto nenhuma participação no desenrolar da trama, apesar de o narrador a colocar como elemento destacado em sua fala. Todas as referências à mulher são apresentadas como “positivas” pelo narrador. No entanto, na própria escolha das palavras por ele utilizadas, percebe-se uma visão “infantilizada” de mulher: ela é a “professorinha”, uso dúbio do diminutivo, já que o mesmo pode expressar tanto carinho quanto depreciação. Perpassa o texto, dessa forma, o princípio da inferioridade da mulher que, segundo Bourdieu:

não é mais que a dissemetria fundamental, a *do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento*, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e

¹⁶ Para aprofundamento da questão da autoria negra na literatura, ver CAMARGO (1987).

reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens (BOURDIEU, 1999:55).

Dessa forma, vista como objeto no mercado das trocas simbólicas, sua representação é baseada em seus atributos físicos: “sempre com seus **bonitos dentes** clareando o sorriso”, “mostrando até mais em cima, um pedaço deslumbrante de **coxas claras**”, “**pernas lisas e certas** [que] **pareciam rijas como madeira de lei**”¹⁷ (EHC, 63), que evidenciam a condição de objeto/instrumento da mulher. Suas coxas são o foco do narrador, em um processo claro de “sexualização” da professora que se aprofunda com a expectativa de que ela se desnude: “Logo-logo a professora vai estar mostrando até as calcinhas, desse jeito” (EHC, 63). Os sonhos dele são repletos de “imagens das coxas dela, brancas, rijas, de pegar e morder como cana madura. E eu fiquei cochilando, pescando meus lambaris, enquanto ia mordendo, mordiscando leve e leve as macias coxas da professorinha” (EHC, 67). Ela é, portanto, em sua essência, apenas o prazer que pode proporcionar ao narrador. Essa condição feminina surge da visão dominante de que:

o corpo feminino, ao mesmo tempo oferecido e recusado, manifesta a disponibilidade simbólica que, como demonstraram inúmeros trabalhos feministas, convém à mulher, e que combina um poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos, homens e mulheres, e adequado a honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta, ao efeito de “consumo ostentatório”, o preço da exclusividade (BOURDIEU, 1999 : 40-41).

Aprofundando agora a análise do motivo pelo qual surge a disposição do narrador em construir marcas de distinção e exercer, a partir delas, a violência simbólica contra a personagem negra, destaca-se que a professora é o “prêmio” que somente pode ser concedido ao dominante. Primeiro, porque é seu papel, por força de sua própria condição feminina,

¹⁷ Grifos nossos.

assim se apresentar; e, segundo, porque ela representa uma posição social e um prestígio intelectual que não podem estar ao alcance do dominado.

Assim, o prazer potencial que a mulher representa pode ser compartilhado com seu companheiro: “Concordou comigo que as pernas eram das melhores, mais gostosas” (EHC, 63)., mas não com o homem negro, surgindo assim o motivo imediato do narrador no despertar dos seus preconceitos e na construção de uma representação negativa do negro.

Destaca-se, portanto, que não há necessidade de o narrador construir marcas de distinção em relação à mulher no decorrer do texto. Segundo Bourdieu: “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (1999:18). Assim, se se toma a inferioridade feminina como fato biologicamente incontestável, é “natural” que a ela também seja negada a palavra, de forma ainda mais profunda do que o que ocorre com o homem negro.

Sua aparição no final do texto, toda de branco como uma das diversas representações românticas, ladeada por uma criança, é reveladora. Nesse momento, o narrador, ao “sugerir” uma passividade da professora diante da agressão, dá os últimos retoques na sua representação de uma mulher que “sabe o seu lugar”. Pois, se é claro que ela desconhece o motivo daquele agressão contra o homem negro, isso não a deveria impedir de interceder por ele, já que o havia visto no ônibus.

No entanto, com sua passividade, o narrador indica ou que sua representação do homem negro é compartilhada pela mulher, o que caracterizaria a visão distorcida de quem

não percebe que sofre o mesmo processo de discriminação que o homem negro, sendo, ela mesma uma marginalizada; ou que não há a possibilidade de reação da mulher aos acontecimentos, o que evidencia seu compartilhar do silêncio de intimidação vivenciado pelo homem negro. Dessa forma, fica evidente também um processo de valorização negativa da mulher neste conto.

1.2 A MULTIPLICIDADE DE OLHARES EM “O ESPARTILHO”

Eis uma entrevista feita com um burakumim anos atrás: perguntou-se ao homem se ele se sentia igual a um japonês comum. Resposta: Não, nós matamos animais, somos sujos e algumas pessoas acham que não somos humanos.” Pergunta: Você acha que é humano? Resposta (depois de uma longa pausa): “Não sei... Somos ruins e sujos”.

Mark Frankland¹⁸

Nesse capítulo, retoma-se o tema da representação feminina e da representação da raça negra, abordados na análise de “Eu, um homem correto”, já que tanto o narrador quanto as personagens principais são femininos e uma delas é negra. No entanto, os papéis de dominador e dominado tão claramente definidos e assumidos pelas personagens no conto anterior, sofrem uma mudança importante neste conto. Isso porque as personagens pertencem a grupos díspares tanto no campo socioeconômico, quanto na questão racial, assumindo posições diversas durante a narrativa.

O conto “O espartilho” é construído em torno das relações diretas entre três personagens femininas na década de 40, em plena guerra mundial: a avó, matriarca de uma família tradicional e de posses, extremamente preconceituosa; Ana Luísa, a neta adolescente que é criada por esta matriarca, uma vez que seus pais haviam morrido quando ela era ainda menina; e Margarida, agregada negra e afilhada da avó de Ana Luisa, também adolescente, e que trabalha na casa desta família. As relações estabelecidas entre elas são marcadas pelas

¹⁸ Citado em ELIAS, 2000: 30. Os burakumim são como párias no Japão e sofrem discriminação desde cerca de Os sewgredos1600. Sua origem parece estar relacionada ao fato destes descenderem de grupos encarregados de atividades profissionais consideradas de baixa categoria, como aquelas ligadas à morte, ao parto e ao abate de animais.

convenções, “espartilhadas” num sistema que as oprime, ao mesmo tempo em que lhes oferece uma certa segurança. Dessa forma, perpassando todo o texto, temos o olhar desse sistema, já internalizado pelas personagens, que compõe uma representação desvalorizada da mulher.

O texto é narrado por Ana Luísa que deixa claro, desde o início, as dúvidas que enfrenta face à sua percepção de que o “retrato da sua família” está repleto de falhas, suspenses e segredos, principalmente no que se refere à sua mãe, de quem ela tem lembranças vagas e de quem não recebe nenhum tipo de referência, uma vez que a avó mantém reservas evidentes em relação ao assunto.

Esses segredos acabam lhe sendo revelados por Margarida num acesso de raiva e impotência, provocado pela proibição de seu namoro pela madrinha, a partir do momento em que Ana Luísa trai sua confiança e conta à avó a intenção daquela de namorar um estudante de Medicina, rapaz branco e de posses. Revela-se, então, entre outros segredos familiares, que dizem respeito a diversas figuras da família, o fato de que a mãe de Ana Luísa era uma judia, o que desestrutura as relações entre as três personagens. Ana Luísa passa, então, por um conflito entre a segurança do sentimento de pertença e a percepção de suas diferenças em relação ao grupo ao qual “deveria” pertencer.

A análise proposta neste capítulo aborda cinco temas fundamentais para a compreensão de como o preconceito é representado neste conto. Em *o grupo estabelecido*, destaca-se a forma como a família tradicional descrita no texto e representada pela avó constrói sua identidade e determina regras para garantir a fidelidade daqueles que pertencem a ela. Em *os grupos marginalizados – os outsiders*, ressalta-se a posição infligida e assumida

pelos judeus e negros, representados respectivamente pelas personagens de Ana Luísa e Margarida, em relação ao grupo estabelecido, com destaque para a construção de suas identidades em conflito com as representações já constituídas; Já em *as marcas de distinção*, destacam-se as características impingidas aos negros e judeus, utilizadas para definir uma distinção. Em seguida, em *a aceitação do preconceito: o poder e a violência simbólica*, ressaltam-se os mecanismos que fundamentam o preconceito e que fazem com que o próprio discriminado assumira a posição subalterna, evidentes na postura de Margarida diante do preconceito. E, por fim, em *a não aceitação do preconceito: resistência e desconstrução*, analisam-se as possibilidades e limites de reação e reversão do processo de discriminação, destacando a postura de Ana Luísa na construção de sua identidade, diante do preconceito.

1.2.1 O grupo estabelecido

A narradora começa o texto afirmando: “Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita”(OE, 27). A voz que se ouve, já neste trecho inicial, como em vários momentos do texto, é, evidentemente, uma mescla do discurso da própria narradora com o discurso dominante, representado pela voz da avó. Nesse sentido, pode-se falar da presença da voz do dominador internalizada pela personagem da Ana Luísa. Afinal, ela faz parte desse grupo, o que permite a ela afirmar logo adiante: “Não havia o medo. No princípio. E por que o medo? A casa do vizinho podia estar edificada sobre a areia, mas a nossa fora edificada em terra *firmíssima*, acentuava minha avó em meio às citações bíblicas. Que importavam as chuvas, os ventos?!..” (OE, 27).

De onde vinha essa sensação de segurança? Segundo Elias, “os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam). como humanamente superiores” (ELIAS, 2000: 19). Além disso, “os grupos dominantes com uma elevada superioridade de forças atribuem a si mesmos, como coletividades, e também àqueles que os integram, como as famílias e os indivíduos, um carisma grupal característico. Todos os que estão inseridos nele participam desse carisma”(ELIAS, 2000: 26). Sendo assim, enquanto não houver máculas em sua família, são todos perfeitos, superiores, inclusive ela mesma.

No entanto, ela mesma destaca que há contradições latentes no sistema em que vive. A expressão “No princípio” remete claramente a um estado de inconsciência das contradições internas do sistema, quando, “na verdade, se constata que as tensões e conflitos são um componente estrutural intrínseco das hierarquias de status em todos os lugares” (Elias, 2000: 83).

Assim, surgem as suas primeiras indagações: se todos participavam de uma família perfeita, por que ela percebia um ar tão reticente nas referências de sua avó em relação a algumas figuras do álbum de retratos? Por que tanto mistério? Tia Bárbara “saiu para comprar rendas e nunca mais voltou. Tinha um certo desequilíbrio nervoso..” (OE, 28). Tia Ofélia “tomou veneno ao invés de magnésia fluida. Morreu um mês depois do casamento” (OE, 28). Tia Consuelo “entrara para o convento e lá morrerá (...). Tão sensível, a pequena Consuelo, chorava tanto!” (OE, 28). Ao mesmo tempo, quanto prazer em falar do avô: “Era um homem justo” (OE, 28) e de Tio Maximiano, casado com a inglesa de cachos, que havia sido “o mais poderoso homem de negócios da época. Que inteligência, que caráter! Fundou fazendas,

idades.” E a avó acrescentava: “Tiveram onze filhos! Eram felicíssimos” (OE, 28). E, mais importante: Onde estava a foto de sua mãe?

O álbum de retratos em que a narradora, ainda menina, via tantas mulheres e homens maravilhosos torna-se, assim, o álbum de retratos carcomido pelas traças em que se destacam os “corações espartilhados dos mortos do álbum. Os mortos de espartilho... Todos usavam espartilho” (OE, 29). O espartilho toma, neste momento, um caráter fortemente metafórico: o objeto que garante as mulheres aparentar a silhueta esperada pelos outros, ao preço da conformação forçada das próprias formas do corpo, já não é utilizado apenas pelas mulheres, mas por todos do álbum de família. Para se pertencer ao álbum, pertencer à família, é preciso pagar o preço da adequação, da conformação às convenções, tradições e regras do grupo. Nesse sentido, afirma Elias que

A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal é, por assim dizer, a recompensa à submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle de afetos. O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso – e, segundo a equação afetiva do indivíduo, singularmente valioso e humanamente superior – estão funcionalmente ligados à disposição dos seus membros de se submeterem às obrigações que lhes são impostas pelo fato de pertencerem ao grupo. Tal como em outros casos, a lógica dos afetos é rígida: a superioridade de forças é equiparada ao mérito humano e este a uma graça especial da natureza ou dos deuses. A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação-pessoal decorrente da submissão às normas grupais (ELIAS, 2000: 26).

Dessa forma, enquanto sua avó não cansa de destacar as semelhanças de sua neta com o seu filho e a presença evidente dos traços de sua família, é fácil perceber no texto a cumplicidade que vai sendo construída entre Ana Luísa e sua avó, a partir da aceitação dos códigos de conduta a ela ensinados: Ana Luísa absorve as convenções e as normas de conduta de sua família. ELIAS (2000) destaca que as “famílias velhas”, ou seja, as famílias tradicionais, costumam cobrar de seus integrantes um forte e restritivo código de conduta que supõe uma grande capacidade de autocontrole.

Assim, Ana Luísa sabia que, para receber total aprovação, ela “deveria ser o que esperavam que eu fosse, o que minha avó exigia que eu fosse” (OE, 51). Para atendê-los em suas expectativas, aprendeu a fazer “higiene mental”, resumida exemplarmente na frase de sua avó: “Pense em borboletas quando estiver comendo bois e em bois quando estiver espetando borboletas” (OE, 31); assumiu a posição moralista de sua família que separava definitivamente o Bem do Mal; exercitou “o elogio do detalhe” e a “arte” de ser encantadora que tanto envaidecia as pessoas e que lhe angariava simpatias. Em suma, jogou o jogo, misto de cálculo e de improvisação, de conquista e de mistificação; e aprendeu a hipocrisia das delações feitas de forma tão sutil, “tão camufladas que podiam ser feitas em voz alta, na presença até da denunciada, que requinte!” (OE, 35). Destaca-se nesse contexto, a forma como exercita sua superioridade nas suas relações com Margarida, incitada pela avó, passando de amiga e confidente a inimiga e delatora a cada vez que Margarida tenta dar algum passo em direção a sua auto-afirmação.

Todo esse aprendizado tem suas vantagens: “Ali, como eu sabia então ser simpática, tagarela, como era fácil a hipocrisia, como podia ser fácil a vida! Era bom dizer o que as pessoas desejavam ouvir, era bom fazer o que as pessoas queriam que se fizesse, a começar pela minha avó”(OE, 49). Afinal, agindo dessa forma, como ela mesma ressalta: “Eu não provara ainda do sabor da rejeição” (OE, 49).

No momento em que os “podres” da família são revelados por Margarida (tia Bárbara fugiu com um jovem padre, tia Ofélia se matara com medo do marido, tia Consuelo fora obrigada a se internar em um convento por que chorava de desejos, tio Maximiliano casara-se com a inglesa por dinheiro e era um pilantra), Ana Luísa afirma: “Eu teria me salvo se naquele dia aceitasse com naturalidade (...). Sem dúvida eu teria me salvo se tivesse suficiente

senso de humor para achar a história divertida, falando abertamente sobre o assunto ao invés de me calar num pânico que me consumiu”(OE, 30). Porém, todo o rígido código de conduta a ela impingido, inculcado desde a infância, exigido como condição para pertencer à família (situação bem característica de famílias tradicionais que usam esse código como importante traço distintivo do grupo) não permitia a ela sentir-se segura se aceitasse que a linha divisória entre “nós, os perfeitos” e “os imperfeitos” não existia. Ela tinha necessidade dessa linha divisória: “Eu pensava assim, eu queria que fosse assim” (OE, 30). Ela sentia que, com todos os seus defeitos, eles deixavam de ser deuses e passavam a ser mortais, gente que poderia ser amada e aceita por ela melhor do que os retratos, mas sentia também que perdia a sua própria condição de deusa.

Assim, no momento em que Margarida revela a Ana Luísa que sua mãe, Sarah, é judia, que sua avó nunca aprovara o casamento do filho, tendo nojo de judeu como tinha nojo de barata, e que ela dissera ao filho que “a Sarah na Alemanha seria esmagada, (...). enquanto calcava no chão o salto do sapato” (OE, 42), Ana Luísa é “expulsa do paraíso” e passa a integrar o grupo dos marginalizados – os outsiders.

1.2.2 Os grupos marginalizados – os outsiders

Durante todo o texto, é evidente a posição subalterna delegada aos negros. Tanto Margarida, como sua mãe Isaura e sua avó Ifigênia, são tratadas como escravas. Ifigênia é descrita como uma boa serviçal, uma “máquina” de engomar. Além disso, o texto sugere que ela sofreu abuso sexual por parte de tio Maximiliano, posto que tem um filho branco que

morre ainda bebê, e é obrigada a se casar com um dos agregados da casa que, tão logo sua filha Isaura nasce, desaparece.

Isaura é internada num asilo pela família “até que chegasse ao ponto de poder trabalhar” (OE, 33). No entanto, fica tuberculosa: “Justo quando se pensou que ela pudesse ajudar em alguma coisa, teve que ficar doente, queixou-se minha avó muitas vezes” (OE, 34). Quando melhora, engravida de um enfermeiro polonês e morre em seguida ao nascimento da filha: “ainda por comodidade” (OE, 34), segundo a avó. A filha Margarida segue o mesmo destino da mãe, sendo internada em um orfanato do qual só sai aos dez anos, para ser pajem de Ana Luísa e ajudar Ifigênia com as roupas de engomar.

Margarida está sendo sempre “colocada no seu devido lugar” pela avó, com a cumplicidade de Ana Luísa. A própria relação entre Margarida e Ana Luísa é mediada pelo discurso internalizado da avó em Ana Luísa, que faz Margarida declarar, em um trecho do texto, que não entende como Ana Luísa pode ser tão dissimulada e hipócrita: “Parece a madrinha falando...Você é igualzinha aos outros, Ana Luísa. Igualzinha. São todos iguais” (OE, 36).

Dessa forma, quando Margarida pede para aprender a ler e escrever, a “madrinha” somente permite que ela aprenda se for à noite, para não atrapalhar os afazeres domésticos, e pelas mãos de Ana Luísa. Assim, oferece-se à Ana Luísa mais uma possibilidade de exercer seu poder em relação à Margarida, que, dependente dela, permite ser até extorquida em um coraçãozinho de ouro que possui para poder ler os livros a que a madrinha não lhe dá acesso. Ressalta-se aqui toda a manipulação a que Margarida é exposta por parte de Ana Luísa, que

define, inclusive, quanto tempo Margarida poderá ter de prazer, quantos livros esta lerá antes de ser delatada.

Num segundo momento, Margarida se enamora de um filho de um juiz, rapaz branco e de posses e, posteriormente, de um estudante de Medicina. Sempre delatada por Ana Luísa, Margarida é impedida pela madrinha de se encontrar com este com o argumento de que “Não vê então que ele quer se aproveitar e ir embora? Não seja desfrutável, filha, não alimente ilusões. Procure um moço da sua cor, modesto... Eu seria uma criminosa se consentisse nesse namoro. Está visto que ele jamais se casaria com você como seu pai, um polonês, jamais se casaria com sua mãe... Ainda mais depois da festa feita!” (OE, 36).

É evidente o processo de privação por que passa Margarida no decorrer do texto. Pode-se perguntar, como Elias o faz: “A principal privação sofrida pelo grupo outsider não é a privação do alimento. Que nome devemos dar-lhe? Privação de valor? De sentido? De amor-próprio e auto-respeito?” (ELIAS, 2000: 35). Margarida não tem direitos, somente deveres. Nesse sentido, é exigido dela que assuma o “espartilho” das convenções da família da qual é uma “agregada”, sem que possa, em contrapartida, usufruir do orgulho de pertencer, nem que seja por extensão, ao grupo dominante. A internalização das convenções familiares a que Margarida tenta resistir, e a que sua avó Ifigênia acaba por se curvar, vindo a morrer idosa, ainda a engomar roupas da família – “morreu numa madrugada de inverno, os lábios franzidos como se quisesse avivar com um último sopro as brasas do ferro de engomar” (OE, 34). – significa a aceitação de sua inferioridade, de sua quase inexistência como ser humano. A total privação de que fala Norbert Elias.

Por fim, o desprezo que a avó dedica aos negros fica expresso claramente quando Margarida foge com um rapaz e ela afirma: “Mestiça pretensiosa, ingrata! Quero agora uma preta retinta, com a tradição da raça e que infelizmente está desaparecendo. Princesa Isabel, não é? Queria que vivesse até hoje para ver em que situação ficamos devido aos seus sentimentalismos!” (OE, 56).

Já com a revelação da ascendência judia de Ana Luísa, há um destaque a um novo grupo de outsiders: os judeus. Se há uma relação direta entre dominação econômica e discriminação na relação entre negros e brancos, marcada por séculos de exploração, é de se perguntar de onde vem preconceito tão virulento contra os judeus como o expresso pela avó que, após a morte dos pais de Ana Luísa, recusa-se a reconhecer a mera existência da nora judia, retirando-a do álbum de fotos e da existência de sua neta que é ensinada a assinar seu nome abreviando com um F seu sobrenome: Ferensen.

Nesse sentido, tanto Norbert Elias, quanto Pierre Bourdieu, destacam em suas obras que o poder simbólico não se constrói apenas em função de diferenças econômicas. Afirma Elias:

De modo genérico, é possível averiguar que um certo grau de orgulho pessoal e de orgulho grupal faz parte da vida humana (...). Na verdade, o orgulho é variável e extremamente sensível. Sua fragilidade é no mínimo um dos fatores responsáveis pela onipresença da discriminação entre os seres humanos (...). Assim, o orgulho se torna reconhecível como uma forma positiva de auto-avaliação das pessoas enquanto indivíduos ou grupos. E esse valor que alguém atribui a si mesmo, enquanto membro de um grupo ou enquanto indivíduo, é um elemento fundamental da existência humana. Ele tem um papel central nas tentativas incessantes de grupos humanos, sejam tribos ou Estados Nacionais, de alcançar ou conservar uma posição elevada em meio a seus semelhantes – uma posição mais elevada do que a dos concorrentes em potencial. **A mesma necessidade de confirmação ou ascensão do próprio valor coletivo se expressa nos esforços, por meio de palavras e atos, de destacar as vantagens do próprio grupo e as falhas dos outros**¹⁹ (ELIAS, 2000: 211).

¹⁹ Grifo nosso.

Pode-se afirmar, então, que o preconceito em relação aos judeus, expresso pelo grupo dominante e representado pela personagem da avó, tem características historicamente construídas, tal como o preconceito em relação aos negros, e fundamenta-se, da mesma forma, na estranheza diante de um outro grupo e, principalmente, no medo que o outro grupo desperta por suas possibilidades, possíveis ou imaginárias, de ameaçar o poder e os privilégios dele decorrentes de que goza o grupo dominante.

1.2.3 *As marcas de distinção*

A posição de marginalizados em que são colocados os negros e os judeus são fortemente destacadas pelas diversas marcas de distinção que se revelam no decorrer do texto. Esse processo de constituição de *marcas de distinção* é explorado por Bourdieu e por Norbert Elias que, em seus trabalhos, refere-se a ele como *estigmatização*.

Já, de início, fica claro que pertencer à família era um privilégio: “Na *nossa família*, frisava lançando em torno olhares de complacente ternura, como se lamentasse os que não faziam parte do nosso clã”(OE, 27). A referência à casa – “O casarão era enorme com seus quartos e corredores que não acabavam mais” (OE,27) –, à forma como a avó fiscalizava o serviço, organizava a rotina diária e mantinha trancada a dispensa e, ainda, a referência à idéia de clã remetem o leitor a uma família tradicional e rica. Uma família de quem funda fazendas e cidades, e portanto, detentora de vasto capital simbólico.

A oposição entre a família e os marginalizados é representada como um fato “natural”, a partir das representações em tudo opostas: “ela [a avó] me ensinara a acreditar na beleza e

na bondade sem nenhuma mistura, evidente como nos cartões postais com suas crianças de **sapatos imaculados e jovens etéreas que podiam ter tudo nos etéreos corpos – algodão, penas, nuvens – menos um tubo digestivo**. Céu total antes e depois da morte” (OE, 30).²⁰ Neste trecho, ressalta-se a relação de bondade e beleza com brancura e limpeza, e, ainda a certeza de que não há nenhuma “mistura”, palavra que faz referência evidente à miscigenação.

Logo depois, surgem as representações dos marginalizados: "Havia o inferno, sem dúvida, mas era uma idéia muito remota, romanticamente ligada à idéia que eu fazia dos **mendigos e criminosos, toda uma casta de gente encardida, condenada a comer nas vasilhas dos porcos**²¹ e a viver em prisões. Seriam lembrados no meu Padre-Nosso diário e, em seguida, esquecidos como devem ser esquecidos os pensamentos desagradáveis”(OE, 31). Há, portanto, claramente, uma oposição que privilegia os estabelecidos. Assim, mesmo o exercício da hipocrisia, evidenciado neste trecho, paradoxalmente, torna-se “virtude”; mais um elemento a diferenciá-la e, conseqüentemente, afastá-la do “inferno”, sempre destinado aos “outros”.

Assim, evidencia-se a relação entre sujeira, animalidade e maldade em contraposição à limpeza, bondade, complacência, charme, bom gosto e elegância, tantas vezes explorada no discurso dos grupos estabelecidos, como um traço profundamente distintivo de sua superioridade. Essa mesma relação já foi destacada no primeiro capítulo, em que o narrador se referia ao homem negro.

A confirmação da “naturalização” dessas diferenças se formaliza, no texto, com o seguinte argumento: “Pense no milagre que pode acontecer a qualquer um que seja merecedor

²⁰ Grifo nosso.

²¹ Grifo nosso.

desse milagre. Se não há mesmo remédio, então a responsabilidade não é nossa” (OE, 31). Assim, estabelece-se uma possibilidade de “igualdade por merecimento”, merecimento a ser julgado por ninguém menos que Deus. É claro, que, dessa forma, ficam todos os privilegiados isentos de responsabilidade. Historicamente, esse argumento claramente conservador, mantenedor do *status quo*, tem sido usado largamente pelos grupos estabelecidos.

O que se omite nesse processo de “naturalização da diferença” é por demais evidente: as diferenças socioeconômicas entre os dois grupos. O que aparece como falta de higiene, diferença de gosto ou elegância, falta de merecimento, falta de “competência cultural”, serve apenas para mascarar as reais diferenças – as socioeconômicas – e atribuir ao marginalizado a “culpa” pela sua declarada inadequação ao convívio com o grupo dominante. No capítulo anterior já foi destacado que Bourdieu se refere a essas diferenças, freqüentemente presentes no discurso dos poderosos, como “fundamentais na linguagem da ética e da estética burguesa” (BOURDIEU, 1984: 414).

Dessa forma, a palavra “podre”, utilizada por Margarida para se referir aos segredos da família, afeta diretamente Ana Luísa: “Ela disse *podres* e essa expressão me atingiu como um soco. *Podre* era podre demais, fazia-me pensar em carnes escuras, moscas... Se ao menos tivesse dito *potins*, como minha avó diria, vá lá” (OE, 32). Assim, para o problema – relacionar “podre” a sua família – surge a solução – mesmo os “podres” podem se tornar menos podres se estiverem revestidos de um toque de elegância, se posarem “bem compostas como os mortos do álbum sob o espartilho do medo” (OE, 32).

No que refere ao grupo dos negros no conto, vê-se a importância que as palavras “adequadas” têm no momento em que se escolhe o nome da filha de Ifigênia: “Nasceu Isaura.

Queria que se chamasse Florence, pediu meu avô que tinha paixão pelos romances de Florence Barelay. Mas vigorou a opinião de minha avó: Dar nome assim aristocrata à pobrezinha... Se é para recorrermos a romances, vamos pegar então A Escrava Isaura” (OE, 33). Assim, é preciso que o grupo marginalizado carregue, até no seu próprio nome, a marca de sua história.

Diversas são as restrições impostas à Margarida. Inicialmente, destaca-se a proibição de ir à escola. Considerando a afirmação de Bourdieu de que a qualificação educacional é vista como “um título legítimo para o exercício da autoridade” (BOURDIEU, 1984: 414), pode-se afirmar que negar qualquer possibilidade de Margarida almejar esse “bem” busca confirmar “o seu lugar”. Confirma-se nesse conto, portanto, o que já havia sido destacado no conto anterior, no que se referia à impossibilidade de o homem negro ter acesso à educação.

À sede de conhecimento de Margarida, impõe-se todo tipo de dificuldade. Aprender a ler e escrever surge para Margarida somente como uma concessão bondosa que deveria, portanto, gerar uma boa dose de gratidão. E a certeza de que, ao aprender a ler, Margarida “fazia-se livre, independente” (OE, 38) provoca um certo ressentimento em Ana Luísa: “Queria dominá-la como minha avó me dominava” (OE, 38)..

Em seguida, Ana Luísa lhe permite mais um passo: a leitura dos romances da estante da avó. Mas apenas, por um pequeno período, depois do qual acha mais prudente delatá-la à avó. Esta justifica sua proibição da seguinte forma: “Não é questão de moral ou imoral, filha, o caso é que esses livros foram escritos para pessoas de outra classe, está me compreendendo? A pobre da menina já está parecendo uma intelectual com essa mania de leituras, é preciso dar um paradeiro nisso antes que ela comece a ter idéias... Bem avisei, não atice a coitada com

essas ilusões, quanto mais ela se instruir, mais infeliz será. Estaria mil vezes melhor se fosse analfabeta” (OE, 39). A consciência de Margarida de que, embora conquistasse o mundo da leitura, não podia ler o que queria, com certeza aumentou seu sentimento de frustração.

O que não é dito é que o grupo estabelecido está consciente de que obter uma certa competência lingüística pode dar ao grupo marginalizado, representado na personagem de Margarida, a possibilidade de reivindicar para ele um certo lucro de distinção. Segundo Bourdieu:

Como o lucro de distinção resulta do fato de que a oferta de produtos (ou de locutores). correspondente a um nível determinado de qualificação lingüística (ou de modo geral, de qualificação cultural). é inferior ao que se verificaria se todos os locutores tivessem se beneficiado das condições de aquisição da competência legítima em grau idêntico àquele de que se beneficiariam os detentores da competência mais rara, esse mesmo lucro acha-se logicamente distribuído em função das oportunidades de acesso a essas condições, quer dizer, em função da posição ocupada na estrutura social (BOURDIEU, 1998: 43).

Margarida se percebe em condições de almejar alguns lucros de distinção, afinal, tem o pai polonês, portanto, não é de todo negra; e sabe ler e escrever, o que lhe dá uma certa competência cultural. Isso se revela no seu desejo de estabelecer relações com pessoas de outra classe social. Ana Luísa sente essa mudança em Margarida: “Sua beleza insólita revelou-se para mim naquele instante em que se preparava sôfrega para o encontro de amor. Parei de desenhar o vaso de orquídeas e fiquei a observá-la. Achei-a tão branca que só me restou recorrer à lembrança da sua avó, a preta Ifigênia” (OE, 33).

Mas se Margarida insiste em obter algum desses lucros de distinção, é preciso que as marcas de distinção sejam reafirmadas e mantidas pelo grupo estabelecido. Quando pequena, basta negar-lhe a possibilidade de se parecer com seu pai: “Não sou parecida com meu pai? costumava me perguntar. Quando brigávamos, eu dizia que ela era a cara de Isaura. Mas você

nem conheceu minha mãe, protestava. Mas conheço sua avó, respondia-lhe candidamente” (OE, 34). Mais tarde, é necessário que se lhe negue o contato com outra classe social, reafirmando que, embora filha de um polonês, sua existência se devia apenas à falta moral de sua mãe, o que confirmava o fato de que esse contato só ocorreria na condição de “desfrutável”, uma vez que o casamento com outra classe social estaria fora de cogitação: “Ora, Margarida, então você não percebe? Um rapaz branco, de família importante... Então não percebe?” (...). Não vê que então que ele quer se aproveitar e ir embora? Não seja desfrutável, filha, não alimente ilusões. Procure um moço da sua cor, modesto.” (OE, 35-36).

A valorização das convenções, incluindo aí as marcas de distinção já historicamente estabelecidas, ressalta ainda mais a hipocrisia do comportamento de sua avó. Ela “vivia pregando a necessidade de se praticar os mandamentos da Igreja, mas ela mesma não seguia mandamento algum. ‘Comigo é diferente’, respondeu a um tio que ousou chamar-lhe a atenção. Sugeriu que entre Deus e ela havia uma certa aproximação, um secreto entendimento que a dispensava desses rituais” (OE, 64). E, principalmente, destaca-se a hipocrisia das afirmações sobre Margarida, diante da história de diversas figuras emolduradas no álbum de retratos.

Essa hipocrisia fica evidente no momento em que, descobertos os segredos, Ana Luísa afirma saber que, se procurasse sua avó, ela teria seu “sorriso mineral”, aparentaria desdém e “em seguida, apenas para encerrar com dignidade o episódio, teceria comentários gerais sobre os dissabores pelos quais passavam tantas famílias da melhor tradição. E de relance faria uma referência breve aos nossos parentes: os parentes perfeitos eram perfeitos e os imperfeitos só podiam ser estrangeiros ou loucos, evidentemente. Evidentemente” (OE, 47). Assim, é claro que não é o comportamento, o mérito que conta, mas o fato de pertencer ou não ao grupo

estabelecido, já que a este tudo se desculpa, enquanto ao grupo marginalizado tudo deve ser cobrado.

Neste contexto, a união dos pais de Ana Luísa só pode ser vista como um “descarrilhamento” (OE, 43) – palavra que assume o sentido metafórico de fuga das regras hipócritas e de contato proibido com o outro, o marginalizado – que os faz serem encontrados debaixo da “engrenagem” – metáfora da dinâmica familiar – com “os ossos moídos, mas as caras intactas”, como os retratos do álbum (OE, 43).

Da revelação desse “descarrilhamento”, surge Ana Luísa, a Ferensen, a judia. Realizou-se, na verdade, o que Bourdieu chama de “ato de magia social”, já mencionado na análise do conto anterior. Mas esse ato só se realiza verdadeiramente se o enunciador possuir uma autoridade simbólica construída a partir do capital simbólico que esse detém. “Minha mãe, judia?... Mas era horrível ser judeu, **todos em meu redor**²² viviam repetindo que era horrível, ‘ainda prefiro os pretos’, ouvi **minha avó**²³ cochichar a uma amiga” (OE, 42). Assim, é evidente para Ana Luísa que o “ser judia” representa a ameaça de passagem do grupo estabelecido para o grupo marginalizado e é, portanto, aterrorizadora para Ana Luísa.

E se as marcas de distinção sempre estiveram tão evidentes em Margarida, em que traço de Ana Luísa se esconde a “marca de Caim”? “Em Margarida, a metade maldita era evidente. E em mim? Examinei minhas mãos. Estaria nas minhas mãos úmidas? Nos meus cabelos castanhos? Nos meus olhos estrábicos? (...). A marca deveria estar na minha metade ruim, naquela que intrigava, bajulava, traía. Mas por que fazia tudo isso? ‘Você tem medo de

²² Grifo nosso.

²³ Grifo nosso.

sua avó! Por que você tem medo tanto assim?’ Margarida me perguntara (...). Seria então o medo que me fizera dissimulada? Falsa?’ (OE, 44).

Norbert Elias comenta: “a estigmatização dos outsiders exhibe alguns traços comuns numa vasta gama de configurações de estabelecidos-outsideers. A anomia talvez seja a censura mais freqüente a lhes ser feita: repetidamente, constata-se que os outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança” (ELIAS, 2000: 27). Há também um paralelo entre o medo de Ana Luísa que, feito suor, mancha de verde as mangas de seu uniforme de colégio e mantém sempre úmidas suas mãos e as mãos dos judeus na guerra: “Milhares de judeus de mãos úmidas como a minha estão sendo massacrados” (OE, 56).

Logo, a construção que Ana Luísa faz de si mesma, a partir desse momento, vem da voz do grupo estabelecido profundamente enraizada nela. Um grupo que acumulou bens que o autorizam a traçar distinções de tal forma que estas, entrelaçadas, formam uma estrutura que torna imperceptível sua característica de objeto construído. Essa construção da estrutura em que se estabelece a identidade a partir da distinção, da estigmatização, é fundamentada no discurso performativo e está diretamente ligada ao poder simbólico, conforme comentado no capítulo anterior.

É evidente, portanto, que o discurso da avó surge como um discurso performativo, tanto no que se refere à valoração negativa de Margarida, cuja identidade é constantemente estabelecida em termos de marcas de distinção, vistas como intransponíveis; como no caso da valoração positiva de Ana Luísa, cuja identidade é forjada a partir da negação de sua ascendência judia e da confirmação explícita e freqüente de sua pertença ao grupo estabelecido.

Em busca da construção de sua própria identidade, Margarida e Ana Luísa seguirão caminhos diferentes: aquela, sob a opressão do poder simbólico, internaliza o discurso do grupo estabelecido; esta, após um período de profunda depressão, aponta para uma possibilidade de recusa do discurso do grupo estabelecido e de reconstrução de sua própria identidade.

1.2.4 A aceitação do preconceito: poder e violência simbólica

A personagem de Margarida, em sua trajetória, revela-se quase que trágica. Em cada uma de suas atitudes, inicialmente, percebe-se a luta contra o já estabelecido: contra todas as expectativas, ela segue tentando construir uma imagem positiva de si mesma. No entanto, a estigmatização, em suas possibilidades de inviabilizar esse processo, acaba por vencê-la.

Norbert Elias afirma:

A estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridades de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio de poder. Por algum tempo, ela pode entrar a capacidade de retaliação dos grupos dotados de uma parcela menor de poder, bem como sua capacidade de mobilizar as fontes de poder que estejam a seu alcance. Pode até ajudar a perpetuar, durante algum tempo, a primazia de status de um grupo cuja superioridade de poder já tenha diminuído ou desaparecido (ELIAS, 2000: 27).

A reação de Margarida à impossibilidade de namorar rapazes brancos, ou seja, manter contato com pessoas fora do seu grupo, é um misto inicialmente de raiva e impotência: “Eu me mato, eu me mato! Essa bruxa pensa que manda em mim? Já tenho dezesseis anos, faço o que entendo! Ah, eu queria morrer..” (OE, 36). Em seguida, passa a “um choro sem irritação, infinitamente mais dolorido” (OE, 37). ao perceber que, na verdade, a madrinha representa a voz de todo o grupo de estabelecidos, contra o qual não pode lutar.

Sua vingança, portanto, é contra a voz deste grupo que Ana Luísa incorpora quando diz: “Mas Margarida, por que não procura um outro namorado? Minha avó já disse que esse não pode gostar de você! Não pode, está ouvindo? Não pode!” (OE, 41).. Ao revelar os segredos da família e a ascendência judia de Ana Luísa, ela se faz negra e se aparta definitivamente do grupo dos estabelecidos: “Em meio ao meu atordoamento, pude ainda reparar que Margarida foi-se fazendo mais escura, mais escura, ela que chegara a ser quase branca enquanto se preparava para ver o namorado. Os cabelos eriçaram. Os lábios ficaram cinzentos. Cheguei a achá-la estupenda na sua coragem, atirando-se às palavras com aquele despojamento de quem se atira ao fogo” (OE, 31-32).

Depois disso, Margarida se faz triste, distancia-se cada vez mais até desaparecer um dia, sem deixar vestígios. Tempos depois, a avó afirma que soube que Margarida “perdeu-se” com um negro. Abrem-se duas possibilidades: a avó pode estar mentindo e, assim, querendo reforçar as marcas de distinção e desvalorizar a resistência de Margarida; ou realmente ela fugiu com um negro.

Partindo da opção de que Margarida realmente fugiu com o negro, pode-se afirmar que ela assume um papel desviante em relação ao grupo dos estabelecidos, reforçando, com isso, sua posição de outsider pela aceitação do papel a ela imposto pela autoridade simbólica exercida pela madrinha. Segundo Whitaker, “esses papéis desviantes envolvem, com frequência, uma grande dose de hostilidade velada contra qualquer forma de autoridade exercida pelos membros do grupo majoritário. Tais sentimentos são consequência da exploração vivida geração após geração” (*apud* ELIAS, 2000: 30). Sua fuga apresenta-se, portanto, como um ato de rebeldia, mas que a prejudica na medida em que confirma as expectativas do grupo dos estabelecidos: ela passa a “desfrutável”, a “desavergonhada”.

Margarida acaba, portanto, internalizando a visão “estabelecida” de si mesma e assumindo-a como identidade: aquele que está em posição dominada, imerso em um contexto social que lhe é adverso, acaba por internalizar a própria representação que dele faz o dominador. Representação essa que acaba por ser vista como “natural”, estruturando relações de poder no campo social de tal forma que o dominado acaba por assumir uma posição subalterna e, muitas vezes, por defender essa posição.

Nesse sentido, volta-se a destacar que não se quer aqui “culpar” o marginalizado, atribuindo a ele a responsabilidade pelo processo de constante valoração negativa a que é submetido. O que se quer destacar é que ambos os lados – dominador e dominado – acabam por compartilhar das mesmas representações sociais. Nesse sentido, a própria narradora confirma: “Margarida... Libertara-se. Mas estava desesperada demais para usar dessa liberdade” (OE, 63).

1.2.5 A recusa ao preconceito: resistência e desconstrução

O momento em que Ana Luísa descobre que sua mãe é judia marca também seu distanciamento em relação à avó. Rompe-se a cumplicidade entre elas: Ana Luísa vai, paulatinamente, deixando de fazer parte do grupo dos estabelecidos. A segurança que sentia em relação à sua família, garantida pelo discurso performativo de sua avó, pela sua conformação aos padrões do grupo e conseqüente sentimento de pertença a este, transmuta-se em medo: “Repito que me salvaria se naquela tarde tivesse lhe falado frente a frente. **Mas não me sentia uma igual,**²⁴ sabia agora que sempre a temera, que o medo sempre estivera

²⁴ Grifo nosso.

amoitado em mim como o leopardo no matagal. Voltei-me para o álbum de retratos na prateleira da estante. Folheei-o lentamente e pela primeira vez achei que as mulheres estavam tão apavoradas quanto eu. Por que apavoradas? Mas apavoradas. Tinham todas a respiração curta por causa do espantilho e os olhos alarmados” (OE, 46).

Seu medo se revela em seu comportamento. Foge de todo contato social e torna-se uma pária dentro da própria casa, passando a ser tratada como tal pela avó: “Há muito minha avó já tinha desistido de fazer de mim a jovem como ela própria fora ou quisera ser – enérgica, corajosa, brilhante. Eu era apagada e medrosa. ‘Mas por quê?!’ devia se perguntar num misto de desconsolo e revolta, ‘Por que eu tinha que me transformar naquela verdadeira mosca morta!’” (OE, 57). Lentamente vão surgindo as referências às semelhanças que vê sua avó entre ela e sua mãe: o medo que sua mãe tinha e que a fazia sofrer do estômago, seu interesse por línguas, o seu jeito assustado, sua falta de energia. Impotente diante do discurso pleno de autoridade simbólica, Ana Luísa encolhe-se cada vez mais, deixando-se massacrar. Sua conformação às convenções é exigida com o rigor que se aplica a uma “outsider”: ela deve manter a virgindade, casar sem amor e fazer sexo sem prazer, cedendo, sem luta, aos desígnios dos estabelecidos.

No entanto, sua vida toma novo rumo quando, inesperadamente, encontra seu primeiro namorado, Rodrigo. Seu romance dura pouco, o tempo exato que sua avó se dispõe a conceder-lhe antes de encerrá-lo com sua intromissão sutil entre eles. Mas o amor vivido, mesmo que às pressas, abre um novo mundo diante de Ana Luísa: “O amor me fez fulgurante. É certo que fora um amor afobado como um desses frutos que apodrecem antes de amadurecer (...). Mas fora amor. Apurou-se minha auto-crítica, nunca pude me ver com tamanha lucidez como me vi, com uma dureza que muitas vezes fez Rodrigo me repreender:

‘Não exagere, Lulu, a gente é sempre melhor do que pensa...’ Mas mesmo nas fases mais agudas dessa auto-flagelação eu tive o que nunca tivera antes: esperança. Esperança em mim, nos outros, esperança em Deus que eu nem sabia se existia ou não (...)” (OE, 69-70).

Se antes, no jogo de xadrez, perdia as peças uma atrás da outra para apressar a vitória, enquanto a avó cobrava: “Avance esse cavalo, vamos reaja!” (OE, 70)., “Agora, ele avançava com naturalidade, sem pensar sequer na vitória, mas que vitória?... Cuspira o freio cheio de sangue, ah, como era belo assim livre meu cavalo negro” (OE, 70). Assim, Ana Luísa constrói uma identidade positiva de si mesma. Diferente de Margarida, sua liberdade é prenhe de possibilidades: sua felicidade e sua superação do complexo de inferioridade desconcertam sua avó. Não usará espartilho: “Abri a janela. O céu estava palpitante de estrelas. Respirei de boca aberta o hálito da noite: logo iríamos amanhecer!” (OE, 72).

Ana Luísa descobre que sua auto-valorização não precisa passar pela desvalorização do outro. Esse tema é ressaltado por Norbert Elias: “O reconhecimento de que o valor do próprio grupo pode ser aumentado *sem* diminuir o valor de um outro grupo ainda não está muito difundido. E no entanto, existem muitas maneiras de ganhar valor sem perda do valor dos outros” (ELIAS, 2000: 209). A perda do medo é causa e consequência disso, já que, como afirma Elias, a origem e a perpetuação das diferenças de valoração entre os grupos é fruto do medo, na maioria das vezes infundado, diante do outro, do diferente. E esse é o medo que Ana Luísa percebe, por fim, em sua avó, que mesmo sentindo-se mal, nega-se a abrir mão do seu espartilho: “Eu me sentiria pior sem ele” (OE, 72).

2. VIVENCIANDO O PRECONCEITO

A segunda parte deste trabalho, denominada *Vivenciando o Preconceito*, tem como objetivo aprofundar a discussão das possíveis situações de convivência entre representações marcadas pelo preconceito e pela estigmatização e do conflito que sofrem as personagens entre a aceitação da identidade social imposta, a negação dessa identidade e a necessidade de reconstrução de uma identidade de si mesma.

Os contos analisados nessa parte variam em relação a sua estrutura narrativa, oscilando entre a narrativa linear de “Sem rumo” e a entrecortada de “O profeta” e “História natural”. A primeira construída no momento presente, no desenrolar da trama textual. As demais fundadas em momentos rememorados e sensações que retornam para contar sua história. Se o espaço e tempo dos três contos variam sensivelmente, há, no entanto, semelhanças fundamentais no desenvolvimento dos textos, em que o desfecho das três narrativas destaca o futuro incerto dos protagonistas e a solidão e o desamparo que os acompanham.

Destaca-se também que os três contos, diferentemente dos contos analisados na primeira parte, apresentam foco narrativo em terceira pessoa, ou seja, é o *outro* que fala, que apresenta e representa as personagens e os conflitos que estas sofrem. Nos contos escolhidos, evidenciam-se duas possibilidades contrastantes. Em “Sem rumo” de Salim Miguel²⁵, o narrador oscila entre investir-se do papel de quem está fora da história e, portanto, colocar-se apenas como narrador de fatos, reproduzindo maciçamente os diálogos entre as personagens,

²⁵ Salim Miguel (1938 –). Jornalista e escritor. Libanês, veio para o Brasil ainda menino. Trabalhou em diversos jornais e nas revistas do grupo Bloch, como *Manchete* e *Fatos e Fotos*. Grande incentivador das artes e da literatura, participou de movimentos culturais também na área de cinema em Santa Catarina. Foi aclamado O Intelectual do Ano de 2002 pela publicação de *Eu e as corruínas* — que já era, em si, uma homenagem posto que a coletânea comemorava os 50 anos da sua carreira literária.

sempre em discurso direto, e posicionar-se nos trechos descritivos, deixando entrever a posição de *outro* do narrador e os preconceitos por ele assumidos.

Já nos contos “O profeta” de Samuel Rawet²⁶ e “História natural” de Autran Dourado²⁷, o narrador reproduz os sentimentos, reflexões e discurso da personagem, aparentemente, quase que sem interferência. Utilizando-se muitas vezes do discurso indireto livre, busca permitir que se reconheça, sob uma perspectiva privilegiada, os processos internos da personagem, a partir do seu contato com o preconceito e da sua percepção como um ser estigmatizado. Nesse sentido, há indícios de que o narrador assume sua posição de *outro* para que possa dar voz àqueles que não a tem, ou não são autorizados a tê-la.

Ao se retomar os contos analisados na primeira parte do trabalho, percebe-se que o narrador de “Eu, um homem correto”, seqüestra a voz do estigmatizado, colocando no lugar a sua voz autorizada, num processo evidente de violência simbólica; já em “O espartilho”, a voz do estigmatizado ora é seqüestrada pelo grupo dominante, ora é marcada pela presença do discurso dominante internalizado e, só no decorrer do conto, é possível notar o surgimento de uma voz própria, que ainda está por se definir. Assim, pode-se afirmar que são contos que buscam desvelar o próprio processo de supressão da voz do estigmatizado.

²⁶ Samuel Rawet (1929-1988). Judeu polonês emigrado para o Brasil. Viveu a maior parte da vida em Brasília. Inicialmente reconhecido pela crítica, morreu na miséria. Publicou, dentre outras obras: *Contos do imigrante* (1956), *Diálogo* (1963), *O terreno de uma polegada quadrada* (1969), *Angústia e conhecimento* (1978) e *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981).

²⁷ Autran Dourado (1926 -) nasceu em Minas Gerais. Formou-se em Direito e, desde 1954, vive no Rio de Janeiro. É autor de vários romances, livros de contos, novelas e ensaios. Várias de suas obras já foram traduzidas para outros idiomas. Em 2000, Autran Dourado foi o vencedor do Prêmio Luís de Camões, maior premiação para escritores de língua portuguesa.

As narrativas desta segunda parte da dissertação seguem um caminho diferente. Evidencia-se a voz do *outro*, própria de um narrador, mas, paulatinamente, busca-se “ausentar” o narrador do texto para permitir que o leitor entre em contato com os sentimentos mais íntimos do protagonista. No caso dos contos “O profeta” e, principalmente, “História natural”, o narrador apresenta, inclusive, o que os protagonistas parecem não ter condição de expressar nem para si mesmos.

O que não se pode esquecer é de questionar a legitimidade do narrador que relata a história do estigma do *outro*, considerando que a sua invisibilidade, a negação de sua presença, tal qual se preconizava no século XIX, tem por consequência direta a confirmação de sua legitimidade, já que o objetivo claro é conferir mais verdade ao narrado – o que leva, conseqüentemente, à verdade do narrador (DALCASTAGNÈ, 2001: 116).

Assim, a proposta é analisar o processo de estigmatização por que passam os protagonistas destes três contos em processo de interação com as outras personagens, destacando as relações de poder que se estabelecem entre eles, de forma a suprimir a possibilidade de eles se auto-representarem, enquanto o grupo dos estabelecidos determina as representações que se deve ter deles.

Como aporte teórico serão utilizados, basicamente, os conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu e Norbert Elias, já usados na primeira parte da dissertação, complementados com os conceitos do canadense Erving Goffman, no que se refere às noções de representação social e de estigma, destacando suas implicações na vida daquele que é definido como outsider pelo grupo estabelecido.

A partir da concepção de que “o relacionamento social comum é montado tal como uma cena teatral, resultado da troca de ações, oposições e respostas conclusivas dramaticamente distendidas” (GOFFMAN, 1975: 71), estabelece-se a possibilidade de se analisar a realidade social como um conjunto de variadas leituras que se constroem a partir das representações sociais que nos são apresentadas pelos atores sociais. Dessa forma, o conceito de representação social como fruto desse relacionamento social-encenação teatral é importante para a compreensão dos comportamentos das personagens em situações de conflito originadas no preconceito.

Buscando ainda aprofundar a compreensão desses comportamentos, destaca-se também o conceito de *estigma* como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988: 7). A estigmatização, como um processo que ocorre na interação entre indivíduos ou grupos, ocorre toda vez que:

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1988, 14).

Em oposição aos estigmatizados, surge, então a figura dos *normais*, ou seja, aqueles que não possuem o estigma – nós mesmos, em diversas situações cotidianas, conforme destaca Goffman. A postura assumida pelos *normais* em relação aos estigmatizados pode variar, no entanto, o contato misto é e sempre será difícil. Focando o problema pelo viés do comportamento dos *normais*, tem-se que:

por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social” (...). Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. Tendemos a inferir

uma série de imperfeições a partir da imperfeição original (...). Além disso podemos perceber a sua resposta defensiva a tal situação como uma expressão direta de seu defeito e, então, considerar os dois, defeito e resposta, apenas como retribuição de algo que ele, seus pais ou sua tribo fizeram, e, conseqüentemente, uma justificativa da maneira como o tratamos (GOFFMAN, 1988:15).

A abordagem da forma como são construídos os protagonistas e como se estabelecem suas relações com os demais personagens nessa dissertação baseia-se também em dois conceitos importantes desenvolvidos por Goffman: o conceito de *estigmatizado-desacreditado* e de *estigmatizado-desacreditável*. Afirma ele que o *desacreditado* é aquele cuja “característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente” (1988:14), enquanto que o *desacreditável* é aquele cuja característica distintiva “não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles” (1988:14).

Assim, a análise da convivência entre essas personagens estigmatizadas e os *normais* fundamenta-se na possibilidade de acobertamento dos *desacreditados* e de encobrimento dos *desacreditáveis*. O acobertamento pode ser conceituado como “grandes esforços para que ele [estigma] não apareça muito. O objetivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interação” (1988:113). Já o encobrimento deve ser entendido como o processo de “manipulação da informação oculta que desacredita o eu” (1988:52). É evidente que ambas são formas de o estigmatizado buscar se proteger da discriminação.

Goffman dedica seus estudos às maneiras como agem estigmatizados e *normais* em situações de convivência, destacando as configurações de poder entre eles e as formas como os estigmatizados lidam com as mesmas. Destacam-se as diversas barreiras impostas aos

estigmatizados pelos *normais* e que criam uma situação de isolamento bastante conveniente para estes, mas extremamente sofrida para aqueles que a vivenciam.

Buscando superar as barreiras estabelecidas pelos *normais* e o isolamento que lhes é imposto pela sua condição de *desacreditado*, este, segundo Goffman, pode buscar alinhar-se aos *normais* ou ao seu próprio grupo, alinhamentos exogrupal e intragrupal, respectivamente. No alinhamento exogrupal, o *desacreditado* busca o contato com os *normais* no sentido de ser aceito por eles. No alinhamento intragrupal, o *desacreditado* busca seus semelhantes, unindo-se ao grupo a que pertencem aqueles que apresentam o mesmo estigma que ele.

Desacreditados são os protagonistas de “O profeta” e “Sem rumo”. O protagonista de “O profeta” recusa-se a proceder qualquer tentativa de acobertamento, posto que sente necessidade de ser aceito em sua diferença e percebe que o acobertamento o levaria a perder parte de sua identidade. Já o protagonista de “Sem rumo” está diante da impossibilidade de se acobertar, face à visibilidade de seu estigma. Ambos revelam em sua trajetória – biografia – as conseqüências disso: a comunicação que não se realiza e o desenraizamento dos protagonistas é evidente, uma vez que eles não encontram efetivamente possibilidade de alinhamento exogrupal ou intragrupal.

Já o protagonista de “História natural” encaixa-se na categoria de *desacreditável*. Evidencia-se neste conto toda a força da violência simbólica que é o cerne do processo de estigmatização: nem mesmo o próprio protagonista é capaz de aceitar a si mesmo como portador de uma diferença potencialmente geradora de um estigma. Assim, a necessidade de se encobrir é tão forte que, nem para si mesmo, ele é capaz de confessar sua diferença, deixando evidente o esforço sobre-humano que realiza para tentar recalá-la.

Nesses contos, portanto, há um destaque para as personagens em sua interação com um ambiente que lhes é francamente hostil. A análise se concentra na forma como os discursos internalizados pelos estigmatizados podem interferir profundamente na interação destes com os *normais*, estabelecendo barreiras que, aparentemente, decorrem das próprias características dos estigmatizados, mas que, na realidade, são reflexos do processo de estigmatização que sofreram: a impossibilidade de comunicação, a impossibilidade de permanência e a impossibilidade de construção de uma identidade coerente com seu próprio eu.

2.1 O EU E O OUTRO: A COMUNICAÇÃO QUE NÃO SE REALIZA EM “O PROFETA”

A personalidade humana é uma coisa sagrada; ninguém pode violá-la ou infringir seus limites, embora, ao mesmo tempo, o maior bem consista na comunicação com os outros.

Durkheim

O conto “O profeta” retrata os conflitos internos de um velho judeu, sobrevivente de um campo de concentração, que imigra para o Brasil com o objetivo de viver junto ao seu irmão e familiares. Apesar de, aparentemente, ser bem recebido, sente-se deslocado diante dos outros, já integrados à realidade brasileira. Destacam-se, no texto, seus problemas de adaptação dentro da própria colônia judaica, que revelam um mundo amargo e fascinante, sua poesia heróica, sua tragédia anônima e seu desespero surdo diante da impossibilidade de comunicação gerada pelo conflito entre sua identidade e o preconceito.

Neste conto, há uma quebra bastante significativa da seqüência cronológica da narrativa. O texto começa com a angústia e o crescente desespero que se apodera do protagonista, momentos antes da partida do navio que o levará de volta a sua terra natal. Uma situação constrangedora, em que não consegue se comunicar com uma das passageiras do navio, transporta-o ao passado, fazendo-o retomar dolorosas lembranças, pontuadas por suas reflexões, e que desvendam sua trajetória, desde a sua chegada ao Brasil, bem como os motivos de sua decisão de retornar a sua terra. Suas recordações são interrompidas somente no último parágrafo do conto, em que se retorna ao momento da partida do navio e o leitor é, então, testemunha do “desmoronar” do protagonista, que vivencia um sofrimento sem

esperanças, revelado nas expressões “fim” e “irremediável”, bem como na frase “Há sempre gaivotas. Mas não conseguiu vê-las”.

2.1.1 *O eu desacreditado*

Todo o texto é narrado basicamente em frases mais ou menos curtas, com uma quantidade significativa de frases nominais. É perceptível o uso intenso de alguns recursos narrativos que perpassam todo o conto. Há a presença do discurso indireto livre freqüentemente representando interrogações e exclamações do protagonista. Ressalta-se assim, de “viva voz”, sua perplexidade diante da situação que vive. Há também a fala de um narrador onisciente em discurso indireto, que se propõe a revelar os fatos a partir do ponto de vista do protagonista, incluindo os pensamentos e reações deste. E há a presença de diversas intervenções do narrador, em cortes pontuados com parênteses, que parecem marcar a diferença entre os adendos do narrador e o ponto de vista do protagonista, acentuando a sensação de que o narrador procura ausentar-se em favor do protagonista.

Nesse sentido, é perceptível a intenção do narrador de focar a situação de estigmatizado, vivenciada pelo protagonista, a partir dos processos internos por que este passa. E é por meio dos pensamentos dolorosos deste que se toma conhecimento das dificuldades na convivência com o preconceito e da conseqüente impossibilidade de estabelecer comunicação com os *normais*, evidenciando o processo de estigmatização.

Segundo Goffman, uma das formas de se considerar o estigmatizado é a partir de sua condição de *desacreditado*. Essa condição se revela no fato de que as expectativas normativas

e exigências rigorosas que os *normais* têm em relação a toda pessoa que conhecem são imediatamente frustradas no primeiro contato, *desacreditando* a pessoa em sua totalidade. Isto quer dizer que o problema que se impõe a essa pessoa é a “manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais” (1988: 51). É pertinente, portanto, atribuir ao protagonista desse conto a condição de *desacreditado*, já que ele, visivelmente, faz parte de algumas das categorias sociais profundamente estigmatizadas na sociedade brasileira: é idoso, judeu e estrangeiro.

O fato de ser idoso é facilmente perceptível: seu andar, suas roupas, seus cabelos brancos, seu corpo e suas vivências o identificam como “o velho”. A essas características somam-se marcas de distinção que normalmente acompanham a velhice: o recorrer freqüente às lembranças é visto como indicativo de uma personalidade fraca, melancólica; as dificuldades de se comunicar definem sua loucura, sua “caduquice”. O narrador ressalta essas marcas quando enfatiza a dualidade do homem que é velho e que, de tão velho, vira criança em seu desamparo e impotência: “Pensou, no momento de hesitação, ter agido como criança” (OP, 10) e, ainda: “O rosto da mulher desfigurou-se com a negativa e os olhos de súplica do velho. Com exceções, o recurso mesmo seria a mímica e isso lhe acentuaria a infantilidade que o dominava” (OP, 10).

Essas marcas de distinção, freqüentemente atribuídas ao idoso, mascaram a dificuldade que tem o jovem de lidar com sua própria perspectiva de envelhecimento, em uma sociedade centrada na produção alienada e no consumo. Assim,

É preciso esconder, disfarçar, tutelar, marginalizar a velhice, pois a presença do velho (qualquer velho). origina no jovem (em toda a mocidade). um balanço e um questionamento de sua obra, sua vida, seu trabalho, seu posicionamento político. A significação da velhice não está no velho, mas em sua relação com o jovem. O que se teme é o velho-diante-dos-jovens: o *outro* (velho) (BARRETO, 1992: 94).

Já o fato de ser estrangeiro e, conseqüentemente, adotar hábitos diferentes e, em alguns momentos, mais rígidos do que os adotados pela sua família, mantêm-no à margem. Junte-se a isso o desconhecimento da língua, que dificulta ainda mais sua relação com os próprios familiares e com as demais pessoas com quem trava conhecimento. Segundo o narrador, até a empregada da casa o via como “figura excêntrica que no início lhe infundira um pouco de medo” (OP, 17).

O fato de ser judeu, que deveria ser o elemento básico de sua identificação com seu grupo familiar, acaba por se transformar em nova marca de distinção, já que sua família, radicada no país, busca ela mesma um acobertamento que facilite sua convivência com os *normais*, evitando essa identificação. Assim, quanto mais o protagonista se revela judeu em seus hábitos, mais causa estranhamento, o que acaba por lhe valer a alcunha de “profeta”.

A partir da postura do genro de seu irmão em relação ao protagonista: “Aí vem o ‘Profeta’! Mal abrira a porta, a frase e o riso debochado do genro surpreendera-no” (OP, 12), destaca-se o processo de manipulação da tensão em que este vive. Embora ele não compreenda as palavras ditas, reconhece o tom irônico e o escárnio que se evidenciam nelas, e que fazem-no lembrar dos risos no templo onde também é tratado como alguém estranho.

Embora finja indiferença, a figura do genro desperta-lhe ódio: a situação parasitária em que o genro vive faz a personagem principal estabelecer conexões entre ele e os alemães do seu tempo no campo de concentração. Seu riso é a extensão do deles. A aproximação entre o genro e os alemães reforça a idéia de que, realmente, a estigmatização é uma relação de poder em que o dominador “marca” o dominado por meio do estigma, já que genro e alemães,

elementos tão aparentemente opostos, encontram suas próprias razões para tratá-lo como o *outro*, para desacreditá-lo.

2.1.2 *A convivência social marcada pelo estigma*

A condição de *desacreditado* do protagonista é revelada pelo narrador, logo no primeiro parágrafo: “Pouco lhe importavam os olhares zombeteiros de alguns. Em outra ocasião sentir-se-ia magoado. Compreendera que a barba branca e o capotão além do joelho compunham uma figura estranha para eles. Acostumara-se. Agora mesmo, ririam da magra figura toda negra, exceto o rosto, a barba e as mãos mais brancas ainda” (OP, 09). E, embora as pessoas não ousem tomar atitudes mais diretas de discriminação, já que seu olhar de desafio impõe certo respeito, ele permanece profundamente consciente de sua condição de estigmatizado.

É interessante destacar a insistência do protagonista em usar o capote, um dos elementos que claramente gera estranheza e evidencia seu estigma. Goffman afirma que: “considerando o que pode enfrentar ao entrar numa situação social mista, o indivíduo estigmatizado pode responder antecipadamente através de uma capa defensiva” (1988:26). Assim, mais do que marcar sua identidade judaica, o uso do capote pode ser interpretado, metaforicamente, como uma tentativa de o protagonista se esconder, de estar a salvo, de não ser visto por inteiro.

No decorrer da narrativa, fica evidente que o protagonista tenta dois tipos de alinhamento. Inicialmente, busca um alinhamento intragrupal na tentativa de receber

aceitação junto aos seus semelhantes. A viagem que empreende em busca do irmão que está em um país distante revela a procura por seus iguais, judeus como ele, que, ao seu ver, poderiam compreendê-lo sem palavras e que compartilhariam com ele a dor e o horror que sente por tudo que sofreu no campo de concentração: “Supunha encontrar aquém-mar o conforto dos que como ele haviam sofrido, mas que o acaso pusera, marginalmente, a salvo do pior e conscientes disso partilhariam com ele em humildade o encontro” (OP, 11). Assim suas primeiras lágrimas são de gratidão pela ternura que pensa ser o motivo de uma recepção tão calorosa.

Já nos primeiros contatos, no entanto, ele percebe que suas expectativas não correspondem à realidade: “Vislumbrou, porém, um ligeiro engano” (OP,11) Afinal, os olhos que o fitam são “ávidos e inquiridores” (OP, 11) e em todas as casas que percorreu nas primeiras semanas, “revoltava-o o aspecto de coisa curiosa que assumia” (OP, 12). Essa sensação que assalta o protagonista é típica dos primeiros contatos de um *desacreditado* com os *normais*. Goffman destaca que nos contatos mistos, “é provável que o indivíduo estigmatizado sinta que está em exibição” (1988: 24) e que “sinta que estar presente entre os *normais* [o] expõe cruamente a invasões de privacidade” (1988: 25).

Assim, revela-se sua condição de estigmatizado, ou seja, daquele que carrega uma marca que o diferencia e o coloca em situação desfavorável diante dos demais, considerados como *normais*. Essa situação é ainda mais injusta quando se considera que o estigma que carrega é decorrente de condições sobre as quais ele não tem nenhum domínio, já que são os estabelecidos que determinam quem deve ser marginalizado e por que razões. E é evidente que a comunidade judaica com a qual o personagem tem contato constitui-se em um grupo estabelecido com suas próprias regras.

Lentamente, o protagonista descobre que a vida de seu irmão e a de sua família se dera em sentido oposto ao seu: “Soube ser recente a fortuna do irmão. Numa pausa contara-lhe os anos de luta e subúrbio, e triunfante, em gestos largos, concluía pela segurança atual. Mais que as outras sensações, essa ecoou fundo. Concluiu que seria impossível a afinidade, pois as experiências eram opostas. A sua, amarga. A outra, vitoriosa” (OP, 16). Dessa forma, diante da sua família e de todos aqueles que haviam participado desse momento tão diferente do seu, ele não poderia ocupar senão o espaço do *outro*, daquele que vive à margem. Fica claro, portanto, que não há a possibilidade de alinhamento intragrupal, pois aqueles que poderiam ser seus iguais estabeleceram sua própria condição de normalidade diante dele, excluindo-o.

Já consciente de sua condição de *outro*, procura, então, ser aceito, estabelecer um alinhamento exogrupal em relação a sua própria família e aos de sua condição de judeu. Para isso, passa a narrar a história que antes negara a eles. Se isso consiste em grande sacrifício para ele, já não desperta mais do que a emoção fácil nos *normais*: “Por condescendência (não compreendiam o que de sacrifício isso representava para ele) ouviram-no das primeiras vezes e não faltaram lágrimas nos olhos das mulheres” (OP, 14). Emoção essa que, com o passar do tempo, logo se transforma em aborrecimento e enfado diante do seu relato. É óbvio que não há interesse por parte dos ouvintes, já que o próprio relato revela-se como marca do estigma imputado a ele, primeiramente pelos “*normais-alemães*”, e depois por aqueles que não viveram seu drama, os “*normais-judeus-da-nova-terra*”.

Fica evidente no comportamento da personagem principal que as atitudes dos outros em relação a ele o levam a reações desencontradas. Goffman ressalta que “a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para outra” (1988:27). Assim, se em alguns momentos ele busca a solidão e aparenta

indiferença diante do preconceito que sofre, em outras, ele se insurge contra a própria situação que justifica sua marginalização: a prosperidade do grupo em que se encontra. Prosperidade que a ele se revela por meio de “piadas concupiscentes, as cifras sempre jogadas a propósito de tudo e, às vezes, sem nenhum” (OP, 13), pelas “unhas tratadas e os anéis, e o corpo roliço e o riso estúpido e a inutilidade” (OP, 13) e pelas “risadas canalhas (para ele) entre um cartear e outro” (OP, 14).

Embora ele tente se insurgir contra essa situação e contra o preconceito a ele impingido, suas reações só aprofundam o abismo estabelecido entre ele e os *normais*: “Recordava-se que um dia (no início, logo). esboçara em meio a alguma conversa um tênue protesto, dera um sinal fraco de revolta e talvez seu indicador cortasse o ar em acenos carregados de intenções. O mesmo na sinagoga quando a displicência da maioria tumultuara uma prece. Esses gordos senhores da vida e da fartura nada têm a fazer aqui murmurara algum dia para si mesmo. Talvez daí o profeta (Descobrirá, depois, o significado)” (OP, 14).

Por fim, ele acaba por optar pelo silêncio e passa a ser assombrado novamente pelas imagens do drama vivido no campo de concentração. A solidão em que é obrigado a viver acaba por trazer lembranças dolorosas e revela o dilema em que vive o personagem: tentar conviver com a tensão insuportável que se estabelece entre ele, estigmatizado, e os *normais*, ou enfrentar o medo da solidão, agravado pelas experiências amargas sofridas nos campos de concentração.

A opção que surge diante dele é uma nova tentativa de alinhamento intragrupal, agora com aqueles que compartilharam essas mesmas experiências, a partir do retorno a sua cidade natal: “Ia apenas em busca da companhia de semelhantes, semelhantes sim” (OP, 17). No

entanto, a decisão tomada num impulso agiganta-se no momento da partida. Surgem as dúvidas: “Relutou com os punhos trançados nas têmporas à fuga de seu interior da serenidade que até ali o trouxera. Ao apito surdo teve consciência plena da solidão em que mergulhava. O retorno, única saída que encontrara, afigurava-se-lhe vazio e inseqüente” (OP, 9-10).

A solidão, elemento de alguma forma presente na biografia de todo estigmatizado, toma dimensões assustadoras: “O medo da solidão aterrava-o mais pela experiência adquirida no contato diário com a morte” (OP, 10). A certeza do irremediável esgota suas forças e o futuro apresenta-se sem esperança: “Novamente os punhos cerrando e trançando as têmporas apoiadas nos braços, e a figura negra, em forma de gancho, trepidando em lágrimas” (OP, 17).

Resta a pergunta: por que ele não buscou esconder ou disfarçar seu estigma com o objetivo de integrar-se em um alinhamento exogrupal? Poderia a personagem acobertar-se? Fica claro para o protagonista que se acobertar significaria mudar seu comportamento, sua forma de ver o mundo, mascarar as marcas de distinção já estabelecidas e abrir mão da sua própria identidade, que tão duramente lutara para manter em sua experiência nos campos de concentração.

Dessa forma, para o protagonista, e para os *desacreditados* em geral, o acobertamento sempre significa abrir mão de traços de sua própria biografia, de sua história pessoal. Se, por um lado, o acobertamento pode facilitar a aceitação do estigmatizado, por outro, é claro que esse processo mantém o *desacreditado* em posição desvantajosa em relação aos *normais*, já que deles depende a aceitação tão almejada. E é essa possibilidade que o protagonista não consegue aceitar, mesmo sabendo que o preço a pagar pode ser o da solidão que tanto teme.

2.1.3 O isolamento na impossibilidade de comunicação

A importância de que se reveste a necessidade humana de comunicação é evidente desde o início do conto. É significativo que o vivenciar de uma experiência de comunicação frustrada – o incidente no convés do navio, em que ele tem consciência de que não poderá se fazer entender pela senhora que está a seu lado – seja exatamente o “estopim” do despertar de das lembranças do protagonista, momento em que o narrador passa a revelar outras experiências vividas profundamente por ele e que acabam por originar a decisão de fazer aquela viagem.

Inicialmente, portanto, é fundamental colocar em evidência alguns pontos importantes no que se refere ao ato de se comunicar. Afinal, fica claro durante toda a narrativa que a interação do protagonista com os *normais* é traduzida nas dificuldades que ele enfrenta na tentativa de comunicar-se com o *outro*. E a situação de privação dessa possibilidade constitui-se em uma experiência de tal forma angustiante para o protagonista que o mobiliza no sentido de buscar os alinhamentos já mencionados.

Destaca AmatuZZi, em sua obra que trata do resgate do que ele conceitua “fala autêntica”, a importância fundamental da fala na construção de uma identidade e no estabelecimento de relações entre indivíduos:

O ato de falar veicula basicamente uma intenção comportamental, se podemos assim nos expressar. E é a serviço dessa intenção que existem os conceitos. Antes de ser um ato intelectual, de expressão pura, de abstração ou de computação, o *ato de falar é comunicação* (...). Ao falar sempre falo *algo*. Mas também falo *a alguém*, com uma intenção e o defino nesse ato em relação a mim. E, ainda ao falar eu *me falo*. (...)Então não é acidentalmente que a fala estabelece relações de poder entre os interlocutores (...) Falando, digo alguém, me digo, mas também e basicamente *recio um mundo*, e o faço de um determinado jeito (AMATUZZI, 1989: 19-23).

Bourdieu também aborda com destaque a relação entre fala e poder, quando afirma que: “não se pode esquecer que as trocas lingüísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos (1996:24). Sendo assim, é evidente que não dar voz ao estigmatizado, ou lhe dificultar a comunicação, são formas de dominação de que se utilizam os grupos estabelecidos, os *normais*, para manter sua posição privilegiada ou mais precisamente para justificá-la.

No conto, poder-se-ia considerar que a principal barreira para que a comunicação se realize é o fato de a personagem desconhecer a língua do novo país. Afinal, já no início da narrativa, o narrador nos revela que o protagonista tem dúvidas quanto à decisão que tomou de retornar a sua terra natal, mas a consciência da dificuldade que tem em se expressar na língua recém conhecida, impede-o de qualquer mudança de planos, além de torná-lo ainda mais deslocado: “Inútil. A barreira da língua, sabia-o, não lhe permitiria mais nada (...). Com exceções, o recurso mesmo seria a mímica e isso lhe acentuaria a infantilidade que o dominava. Só então percebeu que murmurara a frase, e envergonhado fechou os olhos” (OP,10).

No entanto, nota-se logo que a dificuldade que tem em relatar seus sofrimentos não se deve somente à barreira da língua, mas à impossibilidade de traduzir em palavras todo o horror que sofrera, o que viria a banalizá-lo. Assim, recusa-se a relatar suas experiências àqueles que o interrogam de um modo tão invasivo: “O que lhe ia por dentro seria impossível transmitir no contacto superficial que iniciava agora. Deduziu que seus silêncios eram constrangedores. Os silêncios que se sucediam ao questionário sobre si mesmo, sobre o que de mais terrível experimentara. Esquecer o acontecido, nunca. Mas como amesquinhá-lo,

tirar-lhe a essência do horror ante uma mesa bem posta, ou um chá tomado entre finas almofadas e macias poltronas? Os olhos ávidos e inquiridores que o rodeavam não teriam ouvido e visto o bastante para também se horrorizarem e com ele participar dos silêncios?” (OP, 11).

Aos poucos, suas possibilidades de comunicação se restringem: “Falar mesmo só com este [o irmão] ou a mulher. Os outros quase não o entendiam, nem os sobrinhos, muito menos o genro, por quem principiava a nutrir antipatia” (OP, 12). Porém, ao mesmo tempo em que o narrador dá ênfase ao fato de que o protagonista não domina a língua, fazendo com que ele tenha dificuldades no contato com os demais, ressalta que a única pessoa com a qual ele consegue estabelecer um contato amigável e intenso representa seu “oposto” – o bebê da família.

Interessante que os dois, o velho e o bebê, representem, de certa forma, pontos extremos da vida, pólos na adaptação a uma nova realidade que os exclui e que, talvez por isso mesmo, compartilhem a mesma impossibilidade de comunicação verbal, já que ambos “não sabem falar”. E que, paradoxalmente, a comunicação que se estabelece entre eles seja a única que lhe proporcione a sensação de companheirismo: “Ali gostava de sentar-se (voltando da sinagoga após a prece noturna) com o sobrinho-neto no colo a balbuciarem ambas coisas não sabidas. Os dedos da criança embaraçavam-se na barba e às vezes tenteavam com força uma ou outra mecha. Esfregava então seu nariz duro ao arredondado e cartilaginoso e riam ambos um riso solto e sem intenções” (OP, 11-12).

A proximidade entre o protagonista e o bebê, no que se refere à impossibilidade de comunicação com os *outros*, é marcada pelo narrador, quando apresenta situações muito

semelhantes em que velho e bebê tentam evidenciar sua indignação e exclusão. O bebê, no momento em que não pode compreender os risos e constrangimentos que tomam conta da família quando o genro se refere ao velho como “profeta”: “Só Paulo (assim batizaram o neto, que em realidade se chamava Pinkos) agitou as mãos num blá-blá como a reclamar a brincadeira perdida” (OP, 12). O velho, em um das conversas ouvidas na casa do irmão: “Recordava-se que um dia (no início, logo). esboçara em meio a alguma conversa um tênue protesto, dera um sinal fraco de revolta, e talvez seu indicador cortasse o ar em acenos carregados de intenções” (OP, 14).

O próprio ato de nomear entra em questão. Assim, os dois passam por um novo “batismo”: o bebê, que se chama Pinkos, nome que pode evidenciar sua origem judaica, é rapidamente “batizado” com o nome de Paulo, numa forma de “desestigmatizá-lo”, enquanto o avô é “batizado” de Profeta, nome que fatalmente o ridiculariza e reforça seu estigma.

É a partir do momento em que se materializa o preconceito em sua forma verbal: “Lá vem o profeta!”, que o protagonista se vê cada vez mais marginalizado: “O engano esboçado no primeiro dia acentuava-se. A sensação de que o mundo deles era bem outro, de que não participaram em nada do que fora (para ele). a noite horrível ia se transformando lentamente em objeto consciente” (OP, 13). Passa, então, a se utilizar dos monólogos: “Os outros julgariam caduquice. Ele bem sabia que não. O monólogo fora-lhe útil quando pensava endoidar. Hoje era hábito. Quando só, descarregava a tensão com uma que outra frase sem nexos senão para ele” (OP, 14). Assim, busca atenuar a solidão que vai se impondo paulatinamente.

O que poderia constituir uma ponte entre ele e os *outros* – a dor e o sofrimento infligido a sua raça que é também a deles – acaba por afastá-lo ainda mais, posto que, para os *outros*, tudo que ocorreu é apenas relato, narrativa de uma história acontecida em algum lugar distante, em um tempo já esquecido. Assim, a personagem se constitui ela mesma em narrador de sua história, mas, em um mundo em que somente se valoriza o superficial e o prazer momentâneo, a sua história não interessa a ninguém.

Finalmente, o protagonista desiste de manter alguma comunicação com os *outros*: “Calou. E mais que isso, emudeceu. Poucas vezes lhe ouviam a palavra, e não repararam que se ia colocando numa situação marginal. Só Pinkos (ele assim o chamava) continuava a trançar sua barba, esfregar o nariz, e contar histórias intermináveis com seus olhos redondos. Inutilidade”(OP, 15). Assim, de uma situação temporária e reversível, o “estar calado”, que surge de uma força externa – algo ou alguém cala o *outro* – emerge uma condição definitiva, já que emudecer é decisão tomada em foro íntimo.

Destaca-se que o próprio protagonista, em muitos momentos, parece assumir, inconscientemente, a responsabilidade de não conseguir se comunicar com os demais. Não é capaz de perceber claramente a violência simbólica de que é vítima, a partir do instante que lhe é negada a possibilidade de, por meio da fala, criar-se e criar um mundo em que ele não fosse obrigado a se curvar, negando sua própria biografia, sua própria identidade.

E se são palavras que não consegue pronunciar que o remetem ao passado, são palavras que mal consegue entender que o trazem de volta ao presente: “Gritos amontoados deram-lhe a notícia da saída” (OP, 16). As memórias narradas a si mesmo, vivenciadas novamente, deixam claro ao protagonista que não há fuga possível diante do irremediável.

Aquele que superou o campo de concentração e os horrores da guerra sucumbe à hipocrisia e à solidão imposta pelos *outros*. São estas as últimas palavras do narrador: “Novamente os punhos cerrando e trançando, as têmporas apoiadas nos braços, e a figura negra, em forma de gancho, trepidando em lágrimas” (OP, 17).

Destaca-se ainda que a impossibilidade de se comunicar do protagonista é revelada não só no enredo do conto, mas também na forma como a própria narrativa é estruturada. É evidente que não há propriamente diálogos no texto. Há apenas três falas do protagonista e, em nenhuma delas, estabelece-se comunicação. Todas elas são murmuradas, falas para si mesmo e não para o *outro*.

Da mesma forma, na linguagem utilizada na construção do texto, percebe-se o uso recorrente das imagens do mar e da noite que se revezam, acentuando com sua imensidão a solidão do protagonista. A “experiência amarga” que viveu se repete no “gosto amargo, decepcionante” (OP, 15) que sente ao tentar “resistir a um meio que não é mais o seu” (OP, 15). E a profusão de sons, gritos, risos “estúpidos” ou “canalhas” (OP, 13-14) acentuam ainda mais seu silêncio.

Por fim, é importante notar que, embora o conto esteja baseado em uma vivência trágica do protagonista – a vida de um judeu prisioneiro em um campo de concentração – é possível perceber, a partir da nossa análise, que o drama por que ele passa não se refere diretamente a esse fato, mas a sua condição de *diferente*, sendo, portanto, o drama de todo aquele que carrega um estigma. Ser estrangeiro, ser idoso, ser negro, ser mulher, ou seja, pertencer a um grupo de alguma forma estigmatizado, *desacreditado*, normalmente já se

constitui motivo suficiente para que se sofra a marginalização e que lhe seja negado a possibilidade de comunicação.

2.2 O EU E O OUTRO: O HOMEM SEM LUGAR EM “SEM RUMO”

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente de favela é considerado marginal. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.

Carolina Maria de Jesus

Em “Sem rumo”, o autor reproduz a linguagem simples do homem de pouca instrução e retrata a trajetória de um viajante solitário e miserável que perambula pelos rincões do País, fazendo biscates, já que sua condição não lhe permite encontrar um trabalho fixo. No diálogo entre o viajante, homem simples e sem vícios; o comerciante, homem de poucas palavras; e dois miseráveis beberrões, moradores fixos da cidade, evidenciam-se diferentes formas de representação, destacando e confrontando os vários estigmas a que estão expostas as pessoas destituídas de poder e de dinheiro na sociedade brasileira.

Neste conto, a narrativa se estrutura quase que apenas em longos diálogos, com o uso abundante do discurso direto. Se, no conto anterior, é evidente a utilização de diversos recursos narrativos e a intenção de reproduzir a voz de quem não pode falar, a partir de uma posição de onisciência do narrador, em “Sem rumo”, o narrador aparentemente se propõe a relatar a própria fala do estigmatizado. A composição deste conto lembra a de um roteiro cinematográfico, em que se iniciam as cenas com algumas “marcações” principais, seguidas de diálogos rápidos, em que as personagens interagem, dando-se a conhecer em suas falas e ações.

2.2.1 *O eu desacreditado*

Ao se estudar os processos de estigmatização, a questão da conduta e aparência são fundamentais, posto que é, normalmente, a partir delas, que o *outro* recolhe suas primeiras informações no sentido de estabelecer a identidade social daquele que ele acaba de conhecer.

Goffman se refere à essa questão da seguinte forma:

se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados (GOFFMAN, 1985: 11).

São, portanto, esses estereótipos aplicados àquele que se acaba de conhecer que vão constituir a base do processo de estigmatização. Assim, o texto inicia-se com uma forte indicação da situação de desacreditado do personagem principal: o narrador apresenta-o como o “intruso”. Considerando que ele está entrando em um bar e que, pelo texto, pode-se inferir que o bar em questão é um lugar simples, freqüentado, inclusive, por trabalhadores braçais pobres e mal-vestidos, como as outras duas personagens no conto, há de se questionar: o que faz dele alguém não só fora do seu lugar, mas que fere as conveniências, as regras, forçando sua presença, ou seja, um “intruso”?

Essa condição de intruso imputada a ele pelo narrador está baseada claramente na sua condição de desacreditado. Sua descrição, logo em seguida, confirma essa situação, pois sua miséria é visível: veste calça presa com barbante, paletó rasgado e sem camisa ou sapatos, roupas desbotadas e sacola encardida à guisa de mala, o que revela seus poucos pertences. Além disso, apresenta-se com barba crescida e cabelos por cortar. Cada uma dessas

características evidenciadas o desvalorizam: afinal, ele não é possuidor de nenhuma das condições que o fariam ser socialmente reconhecido como um viajante respeitável.

Destacam-se, no entanto, as expressões “olhos de gato” e “faces encovadas de doente ou faminto” que, mais do que meras características visíveis, são claramente indicativas do olhar do *outro*, personificado no narrador. Sem serem indicadores propriamente de penúria, essas expressões, usadas pelo narrador, consubstanciam-se em características “esperadas”, “naturais”, quando, na realidade, indicam julgamentos de valor, estereótipos, relacionando uma situação concreta – a miséria – com uma certa esperteza, uma certa falha de caráter, insinuadas pela expressão “olhos de gato”, e uma evidente desvalorização do homem, um certo desprezo, sugeridos pelas palavras “doente” e “faminto”.

Assim, fica visível que não se está diante de uma mera descrição “objetiva” (o que, ademais, nenhuma descrição pode ser), mas de uma representação do miserável, pois o narrador apresenta ao leitor um rol de “motivos” – marcas de distinção – construídos a partir de uma visão pré-estabelecida do *outro*. E a presença dessas marcas de distinção que, por sua própria natureza precisam ser desvalorativas, em meio a uma descrição que se quer apresentar como “neutra”, fruto do que se efetivamente vê quando a personagem entra no bar, revela o processo de “naturalização” das marcas de distinção.

Portanto, o narrador não só o coloca, logo ao primeiro contato, na categoria dos miseráveis, mas demonstra como essa categoria deve ser “vista”. E é esse olhar que o desacredita. Nesse sentido, o que aparentemente seria uma narrativa mais “confiável”, já que as falas das personagens são reproduzidas em discurso direto, revela-se em sua parcialidade, afinal o narrador busca direcionar o olhar do leitor para uma determinada representação.

Assim, nota-se que esse narrador guarda algumas semelhanças com o de “Eu, um homem correto” em sua posição francamente preconceituosa, afinal, se o narrador do primeiro conto analisado toma a voz do estigmatizado, o narrador deste permite a fala do estigmatizado, mas não sem antes prevenir o leitor a respeito dele.

Esse direcionamento é obtido a partir do fato de que as cenas são narradas por um olhar que circula pelo bar, semelhante a uma filmadora que, alternando o foco, destaca cada uma das personagens; e pela presença do dono do bar, que assume o papel de um entrevistador, um repórter. Afinal, a partir das suas perguntas, pretende-se que o público, no caso, o leitor, possa conhecer melhor o protagonista. O tom que o conto assume inicialmente, portanto, é de um documentário.

A vida do protagonista é a de muitos nordestinos: com a seca, seus pais morrem e ele, ainda menino, pega um pau-de-arara e vai embora do sertão. Ele se apresenta como viajante: “Queria conhecer o Brasil, melhorar de sorte. Bobagem: tudo igual pros pobre (...). Não crio raiz, nunca posso parar muito tempo em nenhuma parte, me toco logo pra diante, sem rumo certo” (SR, 62). Mas quando perguntado o porquê desse procedimento, responde: “Nem sei; melhorar não melhora. Viajar... conhecer...talvez” (SR, 62).

Na leitura do conto, porém, fica evidente que a possibilidade de ele se fixar em algum lugar lhe é negada. Ele será sempre um “intruso”, onde quer que ele vá. Sua condição de estigmatizado o impede de “melhorar de vida”. Isso é exposto com clareza por ele mesmo quando relata sua busca por comida nas estradas: “E a comida? Nem me pergunte, patrão, pedia nas casas, não tenho vergonha de confessar; pedir, acho, é melhor que roubar. Ou não? Já nem sei mais. Pedia. Mas só um ou outro dava, quase todos me mandavam trabalhar, mas

não me diziam onde nem me ofereciam trabalho, patrão, **como se eu fosse um algum malandro**²⁸, se não andasse sempre à procura de trabalho. Cadê ele, porém! Isto me doía fundo” (SR, 63).

Assim, o trabalho que garantiria seu sustento e poderia lhe dar a possibilidade de sair da condição de estigmatizado lhe é constantemente negado, exatamente porque ele carrega a marca do estigma que associa à condição de miserável a pecha de malandro. Nesse momento, destaca-se o impasse que envolve todo estigmatizado: o estigma decorre de sua condição de miserável, mas ele acaba responsabilizado pelo estigma que carrega, como se fosse uma opção sua a de não trabalhar, e não uma consequência do estigma a ele imputado.

2.2.2 *A convivência social marcada pelo estigma*

Nos seus contatos com os *normais*, o protagonista sente a impossibilidade de ser respeitado. Anda a pé e, se pede carona, recebe recusas; se arranja trabalho, logo descobre que, na verdade, está sendo explorado, tratado indignamente, usado como mão-de-obra escrava: “mas o trabalho era duro, muito duro que nem queira saber, e quando eu digo duro é porque eu sei, e eles exploravam a gente: pagavam uma porcária de miséria e o povo todo tinha de que comprar no armazém deles, pagar pousada pra eles, tudo pelo dobro do preço” (SR, 63).

À noite, o viajante busca abrigo no albergue noturno, local onde se alojam os miseráveis. No tratamento que recebem, evidenciam-se as marcas de distinção. Não há

²⁸ Grifo nosso.

privacidade ou consideração: “A gente toda ficou em pelo enquanto eles vão passar uns troços na nossa roupa, diz que é pra mode desinfetar”(SR, 66). Após a desinfecção, o banho. E a voz da personagem que destaca o que o *outro* não sabe ou não quer saber: “Banho dá fome, imagine. Luxo. E a fome é o diabo; pros pobre é mesmo o único diabo” (SR, 66). Mas o diabo dos *normais*, dos estabelecidos, é preciso exorcizar. Segue-se então a reza. O diabo dos miseráveis – a fome – deste não há como escapar: “reza não mata a fome, não. Comida que é bom mesmo, quase da nenhuma. Nenhuma” (SR, 66). A fome que sentem e que para eles é necessidade premente, não se reveste de importância para aqueles que não a conhecem de perto.²⁹

Destaca-se que esse tipo de estabelecimento, seja ele de caráter público ou privado, acaba por cumprir a função de “limpar” o espaço urbano da presença dos miseráveis, pelo menos durante um período do dia. Nesse sentido, se institucionaliza como um depósito de párias, de não-civilizados: é preciso limpá-los, fazê-los apresentáveis e moralizá-los. Enfim, é preciso tratá-los dessa “doença social” pela qual são os únicos responsáveis. Nesse sentido, a existência de miseráveis é encarada como um problema de saúde pública.

Em relação a este tipo de estabelecimento, Foucault destaca a importância que assumem tanto as entidades públicas quanto privadas, que “funcionam como órgãos de vigilância que uma classe social privilegiada exerce sobre as outras, mais desprotegidas e, por isso mesmo, portadoras de perigo coletivo” (2003: 194). Assim, é evidente que esses estabelecimentos atendem não às necessidades daqueles que para lá se dirigem, mas às necessidades de uma sociedade que os marginaliza.

²⁹ Nesse sentido, destaca-se a narrativa “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, em que a fome perpassa todo o texto e em que se percebe o descaso dos grupos estabelecidos diante dos miseráveis, relegados à favela – quarto de despejo dos grandes e luxuosos espaços urbanos.

Escamoteia-se, assim, o fato de que o miserável, em sua interação com os grupos estabelecidos, os *normais*, é tratado como um não-ser, pois não tem sua existência reconhecida nem mesmo legalmente: na maioria das vezes, não tem documentos de identidade, nem condições financeiras de se fazer reconhecer por meios legais. Essa mesma questão aparece claramente em Jesus (2001), em que a autora, mais de uma vez, refere-se ao fato de que os moradores da favela só eram tratados como pessoas quando eram portadores de documentos pessoais.

A questão dos documentos de identidade merece atenção. O processo de identificação pessoal, diferente do processo de identificação social, que nos permite considerar a estigmatização, refere-se mais a possibilidade de “controle de informação na manipulação do estigma”(GOFFMAN, 1988:116). No processo de identificação pessoal, portanto, busca-se registrar “de maneira oficial todos os elementos que servem para identificação positiva do indivíduo, ou seja, utiliza-se um conjunto de marcas para diferenciar a pessoa assim marcada de todos os outros indivíduos” (GOFFMAN, 1988:67).

Dessa forma, “uma vez que um apoio de identidade tenha sido preparado, materializado, e se torne disponível, podemos nos agarrar a ele” (GOFFMAN, 1988:68). Se o apoio de identidade revela-se tão importante na nossa sociedade, fica claro que isto se deve ao papel de controle da identidade social – a categoria a que pertence e os atributos que possui – que eles assumem: “como a informação sobre a identidade pessoal é em geral de um tipo que pode ser estritamente documentado, ela pode ser usada como proteção contra falsificações potenciais da identidade social” (GOFFMAN, 1988:71).

Esse processo fica evidente no momento em que, para conseguir emprego, o protagonista é obrigado a buscar vários documentos – apoios de identidade – que o identifiquem e que, sem os quais, não pode trabalhar. No entanto, cada um desses documentos vai exigir dele o contato com diversos órgãos legais, situados em diferentes locais, o que lhe dificulta o acesso; e ainda o desembolso de dinheiro para pagamento de taxas e fotografias, dinheiro que, sem trabalho ou relações pessoais de confiança, próprias de um estabelecido, não há como obter em sua condição social (isso considerando que a personagem se coloca contra a possibilidade de roubar, mesmo que para comer). Dessa forma, o que aparentemente são exigências legais, revelam-se como mecanismos de regulação social que vão efetivamente mantê-lo “em seu devido lugar”, que na verdade, se revela como “lugar nenhum”.

Se, até esse momento do texto, o leitor parece estar diante de mais um dos muitos miseráveis que perambulam pelo nosso País, com a chegada de duas novas personagens, introduzem-se elementos que fazem o leitor questionar essa visão já estabelecida. O tom de documentário expresso no texto se altera. O encontro entre as três personagens, cada uma com sua fala própria, reforça a idéia de uma “encenação”, uma cena construída deliberadamente para confirmar idéias preconcebidas, a que o leitor é convidado a assistir.

Entram no bar dois homens negros. Pela descrição do narrador, homens pobres que vivem de fazer carretos, vestidos de forma humilde. Fogem da chuva forte que cai e, encharcados, entram no bar em busca de refúgio e aguardente. Um deles, vendo o miserável no bar, a princípio identifica-se com ele. Assim, oferece-lhe uma dose de aguardente, a qual ele recusa: não bebe. Essa resposta causa estranhamento aos dois recém-chegados: afinal, se ele é pobre, nortista, espera-se que beba.

Nesse momento, introduz-se na narrativa o que Goffman chama de *desidentificador*: “signo que tende real ou ilusoriamente a quebrar uma imagem, de outra forma coerente, mas nesse caso numa direção positiva desejada pelo ator, buscando não só estabelecer uma nova pretensão mas lançar sérias dúvidas sobre a validade da identidade virtual” (1988: 54). Assim, o fato de não beber coloca o protagonista em situação diferente dos demais miseráveis, quase sempre associados à imagem dos bêbados de rua.

E esse *desidentificador* se destaca a partir do momento em que o protagonista ainda se permite fazer uma crítica velada aos que bebem, insinuando que os que bebem gostam de dizer que a aguardente faz bem à saúde para justificar o seu vício. Essa posição marca a sua diferença em relação aos dois homens que entram no bar e é percebida por eles: “Nunca bebeu cana... murmura o surdo, um espanto profundo na voz baixa e cheia de admiração. Aquilo, para ele, é inconcebível. ‘Nunca bebeu cana... han... han...’ repete para si mesmo, querendo se convencer daquela verdade” (SR, 68).

Com a presença do *desidentificador*, quebra-se a espinha dorsal da discriminação, que é a possibilidade de se atribuírem várias características a um indivíduo, a partir da sua pertença a uma determinada categoria. O viajante deixa de ser um mero representante da categoria dos miseráveis, para tomar feições de indivíduo, negando-se a se encaixar na expectativa do *outro*. Assim, a cena, que se constrói para “confirmar” as marcas de distinção, toma um rumo diferente. Desse momento em diante, o próprio narrador – será que também frustrado em suas expectativas? – passa a palavra inteiramente às personagens por meio do discurso direto.

Estabelece-se, então, uma interação em que os dois homens da cidade buscam marcar sua posição superior diante do viajante. Os dois mantêm uma relação de evidente suporte: formam uma equipe, entendida como: “qualquer grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular” (GOFFMAN, 1985: 78).

Dessa forma, no esforço de marcarem a sua própria representação e se colocarem em posição de superioridade, destacam, em conjunto, os fatos que os apresentam como *normais*: eles têm trabalho, mantêm um círculo de contatos que o valorizam, conhecem pessoas e sabem do que ocorre pela cidade. As relações de conhecimento são altamente valorizadas por eles, até mesmo em relação ao dono do bar, que é também um novato na cidade: “Não conhece? Será possível! Um negociante da importância do Mané Português e o senhor não conhece ele! Hun!” (SR, 70). É evidente que eles buscam sugerir que isso os coloca em posição superior aos que não conhecem “pessoa de tal importância”.

Não basta, assim, conhecer o Mané Português, mas é preciso demonstrar uma certa intimidade, evidenciando que se faz parte de um círculo pequeno de pessoas que não só sabem coisas sobre ele, mas que mantêm com ele um

vínculo ‘social’, quer superficial ou íntimo, e quer como igual ou não. Conforme dissemos, eles não só sabem ‘de’ ou ‘sobre’ ele, como também o conhecem ‘pessoalmente’. Eles terão o direito e a obrigação de trocar um cumprimento, uma saudação e “bater um papo” com ele quando se encontram na mesma situação social, e isso constitui o reconhecimento social(GOFFMAN, 1988:78-79).

É interessante destacar aqui que, por sua condição social, é de se supor que os dois homens negros representados na história sejam eles mesmos tratados como estigmatizados por outras pessoas que façam parte de um grupo estabelecido e que detenham mais poder do que

eles. No entanto, isto não impede que os dois tratem o viajante como um estigmatizado, uma vez que

o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de *normais*, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. Os atributos duradouros de um indivíduo em particular podem convertê-lo em alguém que é escalado para representar um determinado tipo de papel; ele pode ter de desempenhar o papel de estigmatizado em quase todas as suas situações sociais, tornando natural a referência a ele, como eu o fiz, como uma pessoa estigmatizada cuja situação de vida o coloca em oposição aos *normais*. Entretanto, os seus atributos estigmatizadores específicos não determinam a natureza dos dois papéis, o normal e o estigmatizado, mas simplesmente a frequência com que ele desempenha cada deles. E já que aquilo que está envolvido são os papéis em interação e não os indivíduos concretos, não deveria causar surpresa o fato de que, em muitos casos, aquele que é estigmatizado num determinado aspecto exhibe todos os preconceitos *normais* contra os que são estigmatizados em outro aspecto (GOFFMAN, 1988:150).

Embora os dois homens negros possam ser tratados como excluídos, estigmatizados, em outras situações ou em contato com outros grupos, o que, a princípio sugeriria uma possibilidade de solidariedade entre eles e o viajante, na prática, revela-se na impossibilidade de alinhamento. Nesse sentido, evidencia-se no conto que aquele que não compartilha de um determinado estigma – no caso o de miserável – mas que pode ser identificado como um portador do mesmo por aparentemente apresentar algumas das características específicas desse grupo – uso de roupas velhas e surradas, por exemplo – poderá evitar a qualquer custo o alinhamento exogrupal, temeroso de sofrer a mesma estigmatização.

Outro elemento que se destaca neste conto, e que se diferencia em relação ao anterior, é a de que o viajante já não questiona mais a estigmatização de que é alvo. Encontra-se em uma “segunda fase de socialização do estigmatizado”, conforme afirma Goffman:

Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos *normais*, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e um idéia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é

aquela na qual **ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez detalhadamente, as conseqüências de possuí-lo.**³⁰ (1988: 41).

Seu processo de socialização, ou seja, seus contatos com o *outro*, são marcados desde o início pelo preconceito. Sua biografia está repleta de situações em que sofreu as conseqüências de seu estigma. Assim, poucos são os momentos em que fala de revolta contra a situação em que vive. Sabe que não pode apresentar-se na venda do Mané Português sozinho, porque sua condição visivelmente miserável – de *desacreditado* – impõe-lhe um estigma que o impossibilita de apresentar-se sem alguém que, de certa forma, responsabilize-se pela sua conduta. Sabe também que os dois homens não o acompanharão porque ir até a venda pode significar duas coisas para eles: seu desmascaramento, caso a representação que fizeram de si mesmos, ostentando uma relação com o dono do armazém, não corresponda à realidade; ou sua estigmatização, por manter relações com alguém claramente estigmatizado.

2.2.3 *O isolamento na impossibilidade de permanência*

O conto centra-se na questão do desemprego como uma forma de desenraizamento. O protagonista sai de sua terra aos doze anos num pau-de-arara depois da morte dos pais causada pela seca. Seu objetivo é conhecer o Brasil e melhorar de sorte. No entanto, descobre que, para os pobres como ele, em todos os lugares, sua situação é idêntica. Assim, seu destino é viajar: “Não crio raiz, nunca posso parar muito tempo em nenhuma parte, me toco logo para diante, sem rumo certo” (SR, 62). Ao ser questionado sobre o motivo desse constante viajar, responde: “Nem sei; melhorar mesmo não melhora. Viajar... conhecer...talvez” (SR, 62).

³⁰ Grifo nosso.

Embora, à princípio, numa visão um tanto romântica, pudesse-se considerar que esse constante viajar fosse decorrente de um espírito livre, que não tem a intenção de se fixar em nenhum lugar, já que ele se apresenta, de certa forma, “conformado” com sua situação, sua constante busca por emprego atesta uma necessidade de poder, por meio de trabalho fixo, não só atender a suas necessidades básicas, mas também ser reconhecido socialmente. A afirmação: “Viajar... conhecer... talvez” (SR, 62). é uma frase dúbia, que tanto pode sugerir um certo prazer em conhecer diversos lugares, quanto uma profunda resignação com seu destino de andarilho.

A saída dos dois homens de cena marca um momento de reflexão. O narrador faz uma “tomada panorâmica” do bar em que o viajante e o dono do bar permanecem calados e, lá fora, a chuva lentamente diminui de intensidade. O último diálogo entre o dono do bar e o protagonista resume a vida do viajante: resignação, despedidas, o andar sem rumo.

Essa resignação pode ser percebida na decisão do protagonista de desistir de permanecer na cidade: “Se não arranjar os tais papéis, me atiro pra diante (...) Como vim até aqui, assim vou embora” (SR, 74). A consciência de seu estigma aparece claramente expressa nas suas últimas falas: “O homem lá ia me olhar e dizer ‘já arranjei outro, tu chegou tarde’, ou coisa parecida, me despedir delicadamente, isto no caso de ser bom sujeito, **sei como são estas coisas, conheço bem, minha sina mesmo, já vi, é andar, sem rumo. Vou andar**” (SR, 74)

Assim, essa impossibilidade de permanecer em algum lugar, de se estabelecer, é vista como sua “sina”, seu destino. Dessa forma, só o que lhe resta é recomeçar a andar. E o narrador encaminha a narrativa em direção ao fim, fechando o foco naquele “vulto indeciso e

agachado caminhando lentamente por sobre as poças d'água que a chuva deixara”, até que este desaparece.

Enfim, resta destacar que, se no conto “O profeta”, não há possibilidade de comunicação entre estigmatizado e *normais*, em “Sem rumo”, o protagonista trava conhecimento com pessoas e estabelece comunicação, inclusive narrando boa parte das suas experiências pessoais. O que permite que isso aconteça é o fato de que, em nenhum momento, o viajante tenta se inserir no grupo ou buscar alinhamentos. Reconhece-se estigmatizado e sabe que não há lugar para ele. Dessa forma, não se propõe a conhecer a história dos *normais*, enquanto aceita a curiosidade de que é alvo como algo esperado. Goffman corrobora com essa afirmação quando destaca que:

Haverá, sem dúvida, casos em que os que não são solicitados a compartilhar o estigma de um indivíduo ou a passar grande parte do tempo usando de tato e cuidado em relação a ele podem achar mais fácil aceitá-lo, precisamente por isso, do que aqueles que são obrigados a ter com ele um contato de tempo integral (1988:64).

Portanto, o fato de que seu contato com essas pessoas é claramente casual e esporádico, permite aos *normais* que se aproximem dele sem que corram o risco de se comprometer. O que pode nos levar a outra possível justificativa para o fato de que ele não pode se estabelecer: sua presença constante em um determinado lugar exigiria dos *normais* um contato freqüente que eles não estão, em geral, dispostos a ter com quem carrega um estigma.

2.3 O EU E O OUTRO: A IDENTIDADE FRÁGIL EM “HISTÓRIA NATURAL”

O amor que não ousa dizer seu nome.

Oscar Wilde

No conto “História natural”, narra-se, em terceira pessoa, a trajetória, pontuada por angústias e dúvidas, de um professor solitário em um internato de meninos. Na escola desde os onze anos, ele passa a sentir um medo indefinível de se afastar do colégio, que cresce até o ponto em que sua necessidade de permanecer o impede mesmo de voltar a ver a mãe e o padrasto ou de manter qualquer tipo de contato com eles. Já rapaz, passa de aluno a professor de Ciências, como uma forma de garantir sua permanência no colégio.

No decorrer da narrativa, uma afeição intempestiva e obsessiva por um de seus alunos leva-o a buscar cada vez mais a presença deste, até que um encontro aparentemente casual no meio da madrugada dá origem a uma rejeição do aluno em relação ao professor e a comentários que acabam por causar sua demissão e expulsão do colégio. A história deixa entrever que o protagonista carrega um estigma – possivelmente uma homossexualidade não assumida – que o perturba profundamente. Sente-se inadequado todo o tempo e assume imposturas que o deixam cada vez mais inseguro. Enfim, sua existência é marcada pelo profundo desprezo que tem por si mesmo.

Neste conto, diferentemente dos anteriores, a estigmatização e o preconceito evidenciam-se na internalização profunda destes pelo protagonista. Considerando que a identidade é um conceito que se relaciona diretamente com “as questões ‘quem nós podemos

nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’ (HILL, 2000: 109), fica evidente que a identidade possível para o protagonista é aquela em que boa parte de si mesmo é negada. Assim subjugado, não consegue construir senão um simulacro dele mesmo, uma experiência parcial de si.

2.3.1 *O eu-desacreditável*

Se não há traços evidenciados do estigma que possam ser facilmente identificados no protagonista de “História natural”, como possuem os protagonistas de “O profeta” e “Sem rumo”, há indícios suficientes para se afirmar que o protagonista é portador de um estigma que não é facilmente identificado pelo *outro*, mas que o condiciona em todas as suas ações e pensamentos, caracterizando o estigmatizado-*desacreditável*.

Já no primeiro parágrafo do conto, avolumam-se as referências à solidão, ao medo, à tensão e à ansiedade. E essa condição de insegurança e de medo é o componente que mais se destaca nos pensamentos do protagonista no decorrer da narrativa. Seu espírito inquieto teima em voar para além dos muros do colégio e ele se percebe como “prisioneiro de si mesmo” (HN, 92).; mas, ao mesmo tempo, tem necessidade profunda de algo que o reprima, que o proíba e cerceie, para que possa se sentir seguro, libertando-se da angústia de ter que tomar consciência de si mesmo. Assim, o protagonista “necessitava dos muros do colégio” (HN, 91). e “desejava mesmo que as janelas do colégio tivessem grades, para que pudesse respirar, para que ficasse à vontade, sem medo” (HN, 92).

No momento em que o protagonista deve nomear os motivos que o prenderam ao colégio de forma tão aguda, é o narrador que os revela: “impossibilidade de saber precisamente onde aquilo começara (**aquele desejo de ficar, o medo sem sentido de enfrentar os homens lá fora, aquele desejo de querer viver para sempre num ambiente de adolescência e de meninos**³¹) (HN, 93), já que o protagonista não os consegue enfrentar: “preferia aceitar como verdades as desculpas que inventara para os outros. Quando deixou de sentir saudades de casa? Ele não arriscava a perguntar por quê” (HN, 93).

No entanto, sua necessidade de “ficar o mais tempo possível junto dos seus meninos” (HN, 96). desperta a desconfiança nos alunos mais velhos: “Que mania aquela de viver sempre metido no meio da crilada”(HN, 96). Assim, embora negados internamente pela personagem, seu comportamento infantilizado e sua possível inclinação homossexual não passam totalmente despercebidos por aqueles que o rodeiam.

O que torna o caso do protagonista ainda mais complexo é que nem mesmo ele está pronto para conviver com a possibilidade de ser portador de características que impliquem estigmatização. Isso porque o próprio protagonista compartilha dos estereótipos e das restrições impostas àqueles que as possuem. De acordo com Sullivan, citado por Goffman, o *desacreditável* que incorpora o estigma que lhe é imputado vive um sentimento profundo de inferioridade:

Ter consciência da inferioridade significa que a pessoa não pode afastar do pensamento a formulação de uma espécie de sentimento crônico do pior tipo de insegurança que conduz à ansiedade e, talvez a algo ainda pior, no caso de se considerar a inveja como realmente pior do que a ansiedade. O medo de que os outros possam desrespeitá-la por algo que ela exiba significa que ela sempre se sente insegura em seu contato com os outros; essa insegurança surge, não de fontes misteriosas e um tanto desconhecidas como uma grande parte de nossas ansiedades, mas de algo que ela não pode determinar. Isso representa uma deficiência quase fatal do sistema do ‘eu’ na medida em que este não consegue disfarçar ou afastar uma formulação definida que diz ‘Eu sou inferior, portanto as pessoas não gostarão de mim e eu não poderei sentir-me seguro com elas (GOFFMAN, 1988: 22).

³¹ Grifo nosso.

A ansiedade vivenciada pela personagem indica claramente a impossibilidade de ela se reconhecer como indivíduo, pois a experiência que ela tem de si mesma é altamente desvalorativa. E a situação de *desacreditável* se agrava, pois mesmo que seu estigma não seja perceptível pelos *normais*, a própria personagem se encarrega de “punir” aquele que, dentro dela, apresenta-se como inadequado, como marginal. Dessa forma, “tinha para si próprio um desprezo que ia às raias do absurdo”(HN, 97).

2.3.2 *A convivência social marcada pelo estigma*

É possível identificar sua condição de portador de um estigma na sua decisão de evitar os contatos mistos, ou seja, contatos com outros adultos não portadores de estigma. As conseqüências dessa decisão são claras no conflito interno que vive o protagonista, ainda menino, ao escrever cartas à mãe, que não consegue enviar, mas das quais também tem dificuldades de se desfazer.

Fica claro que o contato com sua mãe e seu padrasto o apavoram. A lembrança da mãe chega a lhe dar náusea. Qual seria a origem desse medo? Nesse sentido, Goffman afirma que: “mesmo quando alguém pode ter em segredo um estigma, ele descobrirá que as relações íntimas com outras pessoas, ratificadas em nossa sociedade pela confissão mútua de defeitos invisíveis, levá-lo-ão ou a admitir a sua situação perante a pessoa íntima, ou a se sentir culpado por não fazê-lo”(1988:85). Assim, sua incapacidade de enfrentar sua família o leva a se sentir ainda mais culpado, deixando-se “aprisionar” pelo seu próprio estigma.

A decisão de evitar os contatos mistos é de grande repercussão no processo de construção da identidade do protagonista, pois, ao se decidir pela auto-exclusão, o estigmatizado perde a possibilidade do intercâmbio social cotidiano com os outros, o que o leva ao auto-isolamento e gera as condições para que ele se torne uma pessoa desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa.

Na busca de uma compreensão dos fatos que ocorreram com ele, o protagonista rememora o momento em que, menino, encontra-se em situação crítica diante da necessidade de tomar uma decisão – enviar uma carta à mãe ou não. Uma queda providencial na calçada, causada por sua distração (segundo o protagonista), provoca uma fratura na perna, o que lhe poupa de uma decisão mais imediata. Em repouso na enfermaria do colégio, passa a estudar e ler, mas continua a escrever cartas à sua mãe que não consegue enviar, como uma forma de tortura, acrescida do medo e do remorso que sente ao se desfazer dessas cartas. Sente ódio por si mesmo por não conseguir colocar as cartas que escreve no correio. Destaca-se, nesse ponto, o momento em que o protagonista engole, aos pedacinhos, uma das cartas escritas à mãe, talvez como uma tentativa metafórica de engolir, digerir e, por fim, desfazer-se do conteúdo da carta.

Nesse momento, dois textos revelam-se significativos, pois lhe oferecem uma forma de conviver com o *outro* que tem incorporado dentro de si e que desperta o sentimento de inferioridade que a ele se impõe. O primeiro, emprestado pelo enfermeiro, é um livro de ioga, cujos exercícios o protagonista passa a fazer a fim de exercer um certo controle em relação às suas emoções, por meio do relaxamento em seus momentos de maior angústia. O segundo, um livro de história natural, que se revela como uma solução para o caos emocional que vive: “Era assim que a vida, mesmo a morte, devia ser vista pelos homens. Tudo objetivamente,

sem primeira pessoa. Devia aplicar o método de história natural a tudo, mesmo para resolver os problemas pessoais. Se soubesse aquele método, teria remetido todas as cartas à sua mãe. Agora, ele não mais escrevia. Era observar as coisas e anotar, sem maior interferência pessoal. Observar e comparar” (HN, 95).

Logo em seguida sua mãe morre, o que de certo modo o alivia: “Agora ele não precisava escrever carta para mais ninguém” (HN, 95). Auxiliado, portanto, pelos exercícios de ioga e pelo método da história natural, o menino aprende a “arte de desviar o pensamento das coisas que angustiam” (HN, 94), passando a conviver naturalmente com as pessoas do colégio, enquanto evita estabelecer uma relação mais íntima com qualquer pessoa, mesmo quando, já no último ano de curso, torna-se professor de Ciências para os alunos mais novos.

Ao evitar relacionamentos mais íntimos com quaisquer pessoas, “o indivíduo pode evitar a obrigação conseqüente de divulgar informação, (...) ele assegura que não terá que passar muito tempo com as pessoas porque, como já dito, quanto mais tempo se passa com alguém, maior é a possibilidade da ocorrência de fatos não previstos que revelam segredos (GOFFMAN, 1988: 110). Assim, é evidente que o *desacreditável* busca manter-se em uma espécie de “anonimato”: sua presença deve passar despercebida para que ele não corra o risco de ter seu estigma descoberto. Dessa forma, o protagonista busca evitar um das situações mais difíceis que um *desacreditável* acaba por ter que enfrentar em seus contatos com os *normais*. Goffman a descreve como um

‘aprofundamento de pressão’, ou seja, pressão para elaborar mentiras, uma atrás da outra, para evitar uma revelação. Suas técnicas adaptativas podem, elas próprias, ferir sentimentos e dar lugar a mal-entendidos por parte de outras pessoas. Seus esforços para esconder certas incapacidades o levam a revelar outras ou a dar a impressão de fazê-lo (GOFFMAN, 1988: 94-95).

Paradoxalmente, a montagem do museu de história natural, conseqüência direta da escolha de um modo de vida impessoal e objetivo pelo protagonista, acaba por provocar uma aproximação afetiva entre os meninos e ele, já que os alunos demonstram mais interesse na aula, passam a ficar mais quietos e andam à sua volta na mata em busca de animais para o museu. Em seus pensamentos, ele toma consciência de que “era a primeira vez que sentia amor por alguma coisa. Era capaz de amar e receber amor” (HN, 97). Segue-se, portanto, um período de relativa tranqüilidade, em que “o professor Santana sentia-se quase feliz, não mais se olhava interiormente nem dirigia os olhos para as grandes distâncias, com medo das vertigens e das angústias”(HN, 97).

Sua aproximação de Marcelo, “um adolescente de cabelos assanhados e olhos vivos” (HN, 98), a afeição vigorosa que passa a sentir e que toma características de paixão, é evidentemente uma conseqüência da “fresta” que se abre em sua postura. Perdido como “Alice, que fora atrás de um coelho de casaca e se afundara no buraco por onde ele entrou” (HN, 99), o protagonista prefere “não pensar como era a semente daquele menino que começou a crescer dentro dele” (HN, 99). Passa a temer e desejar que “estivessem sempre presentes aqueles olhos vivos e verdes” (HN, 99). O controle que mantém sobre as informações que possam evidenciar seu estigma se afrouxa. Aos poucos, a emoção que há em sua voz quando vê ou fala com Marcelo em sala e o ressentimento ao perceber que este o evita vão dando margem a risos dos outros meninos que ele não consegue claramente decifrar.

A possibilidade de aproximação que se abre quando, tarde da noite, em seu quarto, vê Marcelo que o observa através da janela, o seduz. O fato de se perceber sozinho com Marcelo desperta nele o que Goffman descreve como “um crescente desejo de um comportamento inadequado” (1988: 76) que se manifesta no *desacreditável* “quando se usa uma máscara, ou

quando se está longe de casa” (1988: 76), decorrente do esforço despendido para esconder ou tentar consertar o “defeito” que gera o estigma.

Assim, ele se permite receber Marcelo em seu quarto e desfrutar das sensações que a presença dele lhe causa. A participação do rapaz “naquele jogo estranho e cheio de intenções” (HN, 100) faz com que o protagonista duvide da inocência dele, o que, de certa forma, deixa-o mais confortável. Afinal, não seria simplesmente o encontro de dois *desacreditáveis* que podiam, finalmente, suspender por alguns minutos a encenação necessária para garantir o encobrimento? Haveria, enfim, alguma possibilidade de alinhamento para ele, mesmo que em segredo?

Despreparado para perceber a intensidade de seus próprios sentimentos, não toma consciência de que sua insistência em estar novamente com Marcelo, após o encontro no quarto, e de manter contato com ele, enquanto o aluno evita-o sistematicamente, acaba por revelar seu estigma. Nesse sentido, Goffman destaca que a descoberta de que se está diante de um portador de um estigma “prejudica não só a situação social corrente mas ainda as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas têm dele mas também a que terão no futuro; não só as aparências, mas ainda a reputação”(GOFFMAN, 1988: 75).

A sua demissão e expulsão do colégio pelo diretor que, aos gritos, afirma que “nunca me aconteceu isto com um professor” e que “era uma desonra para o colégio” (HN, 100). concretiza a estigmatização que ele tanto temera. Ressalta-se que, mesmo no momento da demissão, sua condição de homossexualidade não é mencionada. A ele não é concedido nem mesmo o direito de existir em sua condição de estigmatizado.

2.3.3 O isolamento na impossibilidade de construção de uma identidade válida

Quando criança, em seu contato com os outros meninos no colégio, é provável que o protagonista tenha passado pela primeira fase de socialização, “na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos *normais*, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e um idéia geral do que significa possuir um estigma particular” (GOFFMAN, 1988: 41). Justifica-se assim, o seu desprezo por si mesmo – a voz que do seu sonho lhe grita: “Você nunca sairá daqui”, “Você nunca crescerá”, “Mas virão os leões” (HN, 97), representa, claramente, a voz internalizada dos *normais* que ele tanto teme.

A construção de uma identidade pelo protagonista revela-se ainda mais difícil se se considerar que, em geral, o que os *normais* esperam de quem carrega o estigma da homossexualidade é que ele não exista, ou seja, que se encubra de forma a negar sua existência. Nesse sentido, afirma Bourdieu que

A forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, à diferença da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida (1999: 143-144).

É evidente que essa recusa à existência legítima compromete profundamente a construção de uma identidade positiva, ou mesmo de qualquer identidade, já que socialmente ele é um tipo de espectro ou alucinação que assombra as convenções sociais

mais caras da sociedade patriarcal: a condição de macho do homem e a constituição de família nos padrões burgueses.

Seu sofrimento é manifestado durante toda a narrativa. O surgimento da idéia de montar um pequeno museu de história natural marca o momento em que o protagonista, já adulto, sente que os sentimentos que recalçou o sufocam. Já não consegue conviver com a amplidão, com a calma, com o silêncio da noite. Olhando as estrelas, angustia-se: “O mundo devia ter fim, como aqueles muros que cercavam o colégio”(HN, 92). Quer relaxar, pensar em “uma paisagem calma de pinheiros soprados por uma brisa suave” (HN, 91), fugir da imagem do mar que o atormenta³².

Em crise crescente, ele busca algo que o ocupe. No estudo que empreende com seus animais empalhados ou conservados em formol, o protagonista fixa-se na descrição de seus espécimes, sem questionar o por quê das formas, cores ou características diversas dos animais que analisa. Da mesma forma, na vida que leva, fixa-se nas recordações do momento e dos fatos que ocorreram e que indicam suas mudanças de comportamento, usando o método da história natural, o método científico que tanto o encantara, para manter-se ausente emocionalmente, para não ter que entrar em contato com os seus desejos e seus sentimentos mais profundos.

Mas se a identidade surge a partir da “narrativização do eu” (HILL, 2000: 109), então sua construção passa, obrigatoriamente, pelo falar a si mesmo e de si mesmo. E é isso que o

³² Segundo Hoffman (2004), em uma abordagem jungiana, a imagem do mar é um dos símbolos que remetem ao primeiro estágio do processo de individuação, em que o ser humano busca integrar consciente e inconsciente. Embora essa não seja propriamente a linha de abordagem desse trabalho, fugir dessa imagem que surge recorrente pode ser indicativa do conflito interno em que vive o protagonista em relação às vozes dominantes dentro de si.

protagonista não se sente autorizado a fazer, pressionado pelas vozes dominantes que internalizou. Nesse sentido, ele não é capaz de se nomear, posto que nega boa parte da sua própria vivência emocional. É interessante que, a partir do momento em que o narrador define um ponto do presente – o momento em que o protagonista, demitido, encontra-se na rua, diante do colégio, sem ter para onde ir – ele insista na necessidade de “narrar a si mesmo toda a sua história” (HN, 97).

Na estrutura narrativa, esse momento é bastante significativo. Na primeira parte da história, enfileiram-se 25 parágrafos em que o narrador é o que dá as informações mais importantes, o que apresenta os comportamentos e sentimentos do protagonista, permitindo que o mesmo, poucas vezes, interfira na narração, por meio do discurso indireto livre. Mas, a partir da afirmação de que “precisava encontrar uma explicação, narrar a si mesmo toda a sua história, para ver se compreendia o momento exato em que tudo se perdera” (HN, 97), o protagonista apropria-se da narrativa, em um esforço que o faz, em um parágrafo único de cerca de 160 linhas, oscilar entre descobrir a sua própria voz ou retomar as vozes internalizadas que repetem insistentemente que “ele era o culpado” (HN, 97).

Analisando mais detidamente o parágrafo em questão, percebe-se que a primeira reação é a de auto-censura: “De repente, ele se via despedido do colégio. Fora o culpado. As coisas aconteciam sem que ele pudesse dar conta, mas era o culpado. Via o mundo inteiro recriminando-o, ele era culpado. Ficava repetindo as frases, sem fim, de novo repetindo. Mas não achava explicação e voltava ao raciocínio inicial. Ele era o culpado, tinha certeza” (HN, 97). É interessante ressaltar que, na verdade, o que determina sua culpa não é o que fez, mas a opinião do “mundo inteiro”.

Em seguida, aprofunda-se o questionamento: “Mas como era culpado, se não tinha dado conta de que aquilo estava acontecendo, de que ele se prendia demais a Marcelo?” (HN, 97). Ressalta-se que o uso da expressão “não tinha dado conta” assume um novo significado, se se considerar a frase logo em seguida: “As coisas começavam imperceptíveis e ia contando até que não podia mais contá-las. Assim foi com Marcelo, assim com toda a sua vida” (HN, 97). Afinal, “contar”, nesse contexto, aproxima-se da idéia de “narrar”, o que demonstra que, durante sua vida, havia sempre um momento em que ele não era mais capaz de “narrar o eu”, já que as pressões internas o impediam.

Nesse momento, a própria veracidade da narrativa do protagonista é colocada em questão, pois ele mesmo afirma não saber se o sonho que narra a si mesmo é o próprio sonho ou uma versão dele, que ele montou e passou a repetir. Se se juntar essa informação ao fato de que ele, ainda menino, apresentava uma predileção pelas mentiras que contava e que, segundo ele, contava-as muito bem, fica evidente que muitas informações podem estar sendo omitidas ou distorcidas.

Em seguida, é possível acompanhar, pelo olhar do protagonista, sua aproximação de Marcelo. A relação que se estabelece entre ele e o aluno se resume concretamente à noite em que este o procura no quarto. A paixão que o protagonista sente pelo aluno é evidente. As sensações se acumulam em sua narrativa até que esse fluxo é interrompido pela frustração de ser rejeitado pelo aluno e pela sua demissão. Retorna a sensação de que a culpa do ocorrido era dele e que ele merecia uma punição. Assim, fica evidente que as vozes do estigma que ele internalizou acabam por dominá-lo.

O último parágrafo marca o retomar da voz pelo narrador na primeira frase: “O professor Santana olhava a rua comprida e ensolarada que se perdia de vista, vermelha de terra” (HN, 97). O sentimento de solidão, que aparece logo nas primeiras frases do conto e que tanto fere o protagonista, é o mesmo que lhe assalta no último parágrafo do texto, quando já se encontra na rua: “Sentado no meio-fio, via-se sozinho no mundo, sem ninguém”(HN, 101). Ou seja, dentro ou fora dos muros do colégio, não há como se proteger de si mesmo, nem dos outros.

E, se o drama do velho em “O profeta” e do viajante miserável em “Sem rumo” surge da consciência de que não há possibilidade de aceitação, de alinhamentos, seja ele intragrupal ou exogrupal, a dor do professor Santana não é menos profunda, uma vez que, de certa forma, ele carrega dentro de si acusado e acusador.

CONCLUSÃO

Analisados cada um dos contos, é possível fazer algumas correlações importantes entre eles. Inicialmente, percebe-se que há uma preocupação, por parte dos autores, em realizar uma recriação ficcional bastante verossímil dos processos sociais por que passam os estigmatizados. Nesse sentido, todos eles retratam a trajetória de suas personagens em situações sociais banais: as narrativas são ambientadas em espaços do cotidiano – um ônibus de interior, uma casa de classe abastada, uma metrópole, um barco, um bar de uma cidade do interior, um internato de meninos – e situam-se no tempo presente, no caso, o período que se estende de meados dos anos 50 ao final dos anos 70.

Ao representar o preconceito, mesmo podendo optar simplesmente por estigmatizados narrando suas trajetórias, ou dominadores, explicitamente impondo sua voz, os autores optaram por uma construção mais sutil, mais verossímil do narrador e das personagens, no sentido de desvelar o jogo de poder que se esconde nas relações entre eles. Dessa forma, em contraposição à simplicidade do tempo e do espaço narrativos, percebe-se um trabalho apurado na construção do foco narrativo e na caracterização do protagonista.

No que se refere ao foco narrativo, se pode estar diante de um narrador de primeira pessoa que se revela um “usurpador”, como é o caso do “homem correto”, ou que, em sua condição de estigmatizado, repete o discurso do dominante, como faz Ana Luísa. Ou, então estar frente à frente a um narrador de terceira pessoa que se apresenta como um “intermediário” entre os estigmatizados e o leitor, proporcionando àqueles a possibilidade de fazer ouvir suas histórias, como em “O profeta” e “História natural”; ou, ainda, que se faz

passar por esse “intermediário”, mas sutilmente deixa claro a sua posição de dominante, como em “Sem rumo”.

A questão que emerge dessas diversas construções de foco narrativo é a da legitimidade de quem fala do e pelo outro. Pode-se dizer que, entre o narrador que impõe sua própria voz de dominador e o narrador estigmatizado que reproduz a voz internalizada do dominador, estão as “terceiras pessoas”, em suas posições mais ou menos preconceituosas, prontas para narrarem, pelo outro, aquilo que a este não é permitido narrar por si mesmo.

Em relação à construção das personagens, ressalta-se que todos os protagonistas se apresentam de maneira complexa e contraditória. Nos dois primeiros contos, vícios e virtudes são questionados em sua condição de categorias construídas, por meio dos protagonistas que, inseridos num contexto social de regras estabelecidas, buscam construir suas identidades, no desenrolar da trama narrativa, em consonância com essas regras, como no caso do “homem correto”; ou em processo de enfrentamento dessas mesmas regras, como no caso de Ana Luísa. Já nos três contos analisados na segunda parte, a complexidade dos protagonistas permite discutir as representações já construídas pelo *outro* no que se refere aos estigmatizados e à própria visão que estes têm de si mesmos.

Essa visão, na maioria das vezes, profundamente distorcida, que o estigmatizado têm de si mesmo, compromete visivelmente sua posição no mundo. Nos contos analisados na primeira parte, destaca-se o sofrimento de Ana Luísa e Margarida: ambas buscam sua identidade a partir de suas origens familiares, oscilando entre a identificação e a negação de seus pais. Mas é nos contos da segunda parte que se pode perceber as implicações mais graves desse processo de auto-desvalorização consolidado a partir da internalização da voz do

dominador: a vida dos protagonistas é feita de impossibilidades. A impossibilidade de expressar a si mesmo, ocupar um lugar na estrutura social e ter suas peculiaridades aceitas, elementos básicos para o ser humano em seu estar-no-mundo, são inviabilizadas pelo dominador sem que este necessite posicionar-se explicitamente. Afinal, o estigmatizado, que absorveu a fala do dominador, carrega dentro de si seu próprio carrasco.

Em todos os contos, portanto, por meio de um trabalho intenso no foco narrativo e na caracterização das personagens, evidenciam-se os recursos utilizados pelo dominador, aquele que detém o privilégio de se fazer ouvir, no sentido de seqüestrar a voz daquele que sofre um processo de estigmatização e de delegar a si mesmo a autoridade de criar uma realidade própria, por meio de um discurso performativo, impondo sua fala ao marginalizado de tal forma que esse acaba por internalizar a voz do dominador.

No que se refere à análise do desenvolvimento da trama narrativa, foi possível destacar, detalhadamente, a construção de toda uma seqüência de representações que se auto-justificam, encaixando-se e formando uma estrutura tão sólida que escamoteia, inclusive, sua própria condição de objeto construído, colocando em evidência o jogo de poder que é o próprio cerne de um processo de estigmatização. Nesta análise das funções que narrador e personagens assumem no conflito que se estabelece entre eles e do processo que gera e mantém o preconceito e a estigmatização, retratado nos contos, foi fundamental a utilização de conceitos desenvolvidos por pesquisadores dedicados diretamente a esses temas, como Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Erving Goffman.

Nota-se, também, que o conflito nas narrativas analisadas desenvolve-se sempre a partir de um enfrentamento do eu-estigmatizado em relação aos nós-estabelecidos, já que os

dominadores contam sempre com o peso de toda uma sociedade legitimadora do preconceito. Assim, no conto “O espartilho”, por exemplo, mesmo sozinha, a avó de Ana Luísa consegue impor sua visão de mundo, apoiada na autoridade que lhe é conferida pelas forças da tradição e da posição social e econômica de que a família dela desfruta.

É evidente que os processos de estigmatização e preconceito, conforme representados nos contos analisados, não se restringem a algumas minorias: onde houver diferenças sociais haverá uma construção da inferioridade do dominado a partir de uma pretensa superioridade do dominador. E estabelecida a estigmatização, quem poderá se utilizar da palavra e nomear o mundo, senão o dominador? O que pode fazer o dominado, se sua impossibilidade de se fazer ouvir por si mesmo é construída como se fosse sua própria falta: falta de preparo, falta de competência, falta de relevância? Quem serão os porta-vozes daqueles a quem não é permitido ter voz, a não ser aqueles mesmos que a roubaram?

Outro ponto a ser ressaltado é a solidão em que vive o estigmatizado, posta em evidência no momento em que este enfrenta o processo de estigmatização sozinho e é confrontado por todo um grupo que o exclui. Solidão essa que se origina no isolamento imposto ao estigmatizado para que ele não “contamine os sãos”, mas que também possibilita ao dominador dificultar o contato entre os estigmatizados. A diversidade de estigmas que se impõe em nossa sociedade faz com que o portador de um deles busque construir uma representação de si mesmo diante do *outro* que comprove sua posição de normal nas outras diversas categorias, evitando assim o aprofundamento da estigmatização.

Destaca-se que, em nenhuma das narrativas, surge uma solidariedade entre estigmatizados: a professora não se alinha ao negro, a mulher judia não se alinha à mulher

negra, os judeus da nova terra não se alinham ao velho judeu, os muito pobres não se alinham aos miseráveis, o homossexual não se alinha nem a ele próprio. Percebe-se que, mesmo em se tratando de estigmatizados que apresentam alguma semelhança, como, por exemplo, a mulher judia e a mulher negra, o que faz pender a balança é a diferença e não a igualdade.

Retomando a idéia de que as diferenças são socialmente construídas para serem usadas como instrumento no processo de subjugar o *outro*, em uma relação francamente desigual de poder, é claro que o ciclo que gera a discriminação se fecha quando características socialmente construídas são consideradas “naturais” e internalizadas de tal forma, que acabam por se concretizar nas relações que homens e mulheres mantêm entre si.

Assim, a representação do preconceito e da discriminação, presente nos contos analisados, sugere uma questão: considerar que há positivamente diferenças entre os seres humanos não pode ser considerado como o “gérmen” da discriminação? No entanto, como negar a diferença entre os seres humanos em sociedades que se constroem baseadas na própria diferença, seja ela de mérito, casta, poder econômico, espiritual, de gênero ou seja lá que critério diferenciador?

Por fim, destaca-se que uma sequência possível desse trabalho, em busca de novas representações dos grupos geralmente estigmatizados e de espaços de convívio do *eu* e do *outro*, a partir de um recorte que privilegiasse a vida metropolitana contemporânea, em que a pluralidade é elemento intrínseco a sua própria identidade, e novos autores já fixados nesses grandes espaços urbanos, poderia ampliar esse debate e, talvez, indicar alternativas para uma convivência solidária entre diferenças.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS:

CARVALHO, Murilo. Eu, um homem correto. In: *Raízes da morte*. São Paulo: Ática, 1977. pp. 58-69.

DOURADO, Autran. História natural. In: *Solidão, solitude*. Rio de Janeiro: Record, 1983. pp.91-101.

MIGUEL, Salim. Sem rumo. In: *O primeiro gosto*. Porto Alegre: Movimento, 1973. pp.61-74.

RAWET, Samuel. O profeta. In: *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. pp.9-17.

TELLES, Lygia Fagundes. O espartilho. In: *O jardim selvagem*. São Paulo: Martins, 1965. pp. 27-72.

FONTES SECUNDÁRIAS:

AMATUZZI, Mauro Martins. *Resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1989.

BARRETO, Maria Letícia. *Admirável mundo velho – velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *Distinction – a social critique of the judgment of the taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

_____. *O campo econômico – a dimensão simbólica da dominação*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 2000.

_____. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____ *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CAREY, John. *Os intelectuais e as massas – orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária, 1880-1939*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: *Valise de cronópio*. Trad. de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. pp. 147-163.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

DALCASTAGNÈ, Regina. Renovação e permanência: o conto brasileiro da última década. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 11. Brasília, 2001. pp. 3-17.

_____ Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambigüidades do discurso. *Diálogos Latino-americanos*, nº 3. Aarhus, 2001. pp. 114-30.

_____ Contas a prestar: o intelectual e a massa em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. *Revista de Crítica Literária Latino-americana*, nº 51. Hanover, 2000. pp. 83-98.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. 18. ed. São Paulo: Graal, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOFFMAN, Lola. *Orientaciones psicoterapeuticas basadas en Carl Gustav Jung*. Disponível em: <http://www.jungba.com.ar/citas/citas_body03.htm> Acesso em: 16 de maio de 2004.

HILL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomas Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 103-133.

HOHLFELDT, Antonio. *O conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. vol 1.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *A história das versões de uma história – “O espartilho” de Lygia Fagundes Telles: um conto em três tempos*. Brasília, 2003. mimeo.

LUCAS, Fabio. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: PROENÇA Fº, Domício (org.). *O livro do seminário*. São Paulo: LR, 1983. pp. 103-64.

PINSKY, Jaime & ELUF, Luiza Nagib. *Brasileiro (a) é assim mesmo – cidadania e preconceito*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

ANEXOS³³

ANEXO A — “Eu, um homem correto”, conto escrito por Murilo Carvalho em 1977.

ANEXO B — “O espartilho”, conto escrito em 1965 por Lygia Fagundes Telles.

ANEXO C — “O profeta”, conto escrito em 1956 por Samuel Rawet.

ANEXO D — “Sem rumo”, conto escrito em 1973 por Salim Miguel.

ANEXO E — “História natural”, conto escrito em 1983 por Autran Dourado.

³³ O texto de cada um dos contos, em anexo, encontra-se rigorosamente completo e conforme o original. Foram feitas algumas alterações na formatação para garantir que a ordem das páginas do original fosse mantida. A numeração que está ao pé da página se refere ao texto original.

ANEXO A

“Eu, um homem correto”

Eu, um homem correto

Acabei de escovar os dentes e enxagüei, bem enxaguada, a boca. Coloquei a escova e a pasta dental na mala e puxei o zíper. Conferi: tudo em ordem. Os documentos no bolso interno esquerdo do paletó, o pente no direito e no bolso detrás da calça, a carteira com dinheiro. Um bolso com botão bem resistente, que abotoa sobre uma casa pequena, quase pequena demais para ele: difícil de abotoar e mais difícil ainda de desabotoar. O chaveiro, bem preso na presilha da calça, debaixo da cinta e enfiado no bolsinho dos níqueis. Os sapatos bem amarrados. Olhei: faltava um tanto de graxa neles. E brilho. Detesto andar de sapatos sujos. Puxei um pedaço da colcha que cobria a cama e lustrei o sapato. A poeira vermelha foi ficando no tecido azulado. O sapato só mais ou menos, para chegar no ponto ainda precisava de graxa e um bom lustro de escova. Na colcha ficara uma mancha escura e avermelhada, mais de palmo, mas não tinha importância, até melhor: desse jeito a dona da pensão era obrigada a mandar lavá-la, ela estava mesmo precisando, malcheirosa.

Tudo em ordem. Apanhei a maleta, o mostruário e, saí para o corre-

dor. Caminhei até a portaria e não encontrei ninguém. O balcão da recepção estava vazio. Esperei um pouco, cinco minutos talvez, e não apareceu pessoa alguma. Levemente, dei dois tapas sobre a tábua do balcão, esperando despertar a atenção da velha ou de alguma empregadinha. Sobre o balcão, o livro de registro de hóspedes estava aberto e eu li meu nome e notei que nos últimos três dias somente eu fora registrado. Fiquei imaginando que todos os outros hóspedes que encontrei nos corredores e no refeitório eram moradores permanentes, registrados há muito tempo. Bati novamente no balcão enquanto procurava uma campainha, dessas que sempre existem em recepção de hotéis e pensões. Não havia nenhuma. Olhei o relógio. Faltava menos de meia hora para sair o ônibus, se a empresa fosse pontual. Bati novamente, com mais força e só então a velha apareceu no corredor da cozinha, enxugando as mãos num pano de prato. Cumprimentei-a, pedi a conta, paguei. Enquanto saía, levando a mala e o mostruário, notei que ela enfiava o dinheiro no seio. Me desagradou muito aquela pensão sem nem caixa registradora.

O ponto do ônibus não era longe, só atravessar a praça, defronte à igreja e ficar na porta, do bar. Já havia muita gente ali, esperando. Coloquei a mala e o mostruário no chão, junto à parede. Tirei do bolsinho do paletó a minha passagem, comprada de véspera e conferi o lugar. Número seis, segundo banco atrás do motorista, lado do corredor, onde eu poderia esticar as pernas à vontade, enquanto controlava a estrada, longe da poeira dos últimos lugares. Sempre que a gente se senta um pouco mais atrás, nos

ônibus que rodam por estradas de terra, come um poeirão danado. É só o ônibus parar e o pó levanta-se, uma nuvem opaca, e vem por trás, entrando em cada janela aberta, em cada fresta de vidro e sufoca os pulmões da gente. Por isso sempre mantive o meu limpo hábito de reservar sempre o bilhete número seis. Nem tão atrás que empoeire tanto, nem tão à frente que o zoar do motor não deixe a gente dormir.

Eu havia esquecido o meu guarda-pó de linho que sempre trazia nessas viagens ao interior, quando podia contar com poeira certa, por isso não vestira meu terno completo. Estava com o velho paletó cinza e a calça azul-marinho que usava quando tinha que visitar alguma fazenda, oferecendo meus produtos. A camisa, não houve jeito, era a branca mesmo. Não coloquei gravata, era estragá-la na certeza.

O ônibus ainda demoraria um pouco a encostar. O dia ia pela sua metade, um pouco além das duas horas. Entrei no bar cheio de gente. A mala e o mostruário pesavam bastante. Coloquei-os no chão e pedi um guaraná e já bebia quando me deu vontade de comer um quindim. Mastiguei devagar.

Pedi ao rapaz do bar que olhasse pela mala e pelo mostruário e fui ao mictório. A urina demorou a vir. Nas paredes uma porção de frases e versos escritos, frases e versos que eu fiquei lendo enquanto esperava a urina e depois enquanto mijava. Saí e fiquei encostado na porta, palitando os dentes. Não havia nenhum lugar vago nos dois bancos de madeira, cheios de mulheres e suas crianças.

Já estava ficando cansado, o palito amolecera e a ponta se abria num pequeno feixe de farpas macias, quando o ônibus apontou no começo da rua, no fim da praça. Olhei o relógio. Estava na hora, o chofer fora muito bem pontual. Isso me deixou contente, o Brasil progredia mesmo. Cuspi fora o palito, cuspi um pouco do gostinho de madeira que me ficara na boca e me aprumei. As mulheres viram também o ônibus e já se levantavam, barulhentas, chamando os filhos, pondo uma urgência medonha em tudo. O ônibus encostou. Abriu-se a porta com um sonoro chiado que me fez lembrar um peido. O cobrador desceu, moreno, magro e sorridente. Entrou no bar. O motorista saltou em seguida e foi tomar seu cafezinho no balcão. Olhei outra vez minha passagem. Número seis. Reservada. Comprada com bastante antecedência. Deixei que as mulheres com as crianças entrassem antes. O cobrador voltou e começou a guardar as malas. Entreguei-lhe minha maleta e o mostruário. Ele devolveu-me os canhotos do talão de bagagem que colara nelas. Fiquei esperando para ver em qual compartimento ele iria guardá-las. Não queria confusão com minhas malas e podia esperar enquanto os outros passageiros se atropelavam na porta do ônibus, porque eu tinha meu lugar reservado, banco número seis, desde a véspera.

Fui um dos últimos a entrar e o ônibus não estava cheio.

Parei um pouquinho na porta, trepado no segundo degrau e cumprimentei o motorista que ajeitava dois pacotes no lado do motor, junto ao banco. Para minha surpresa o chão estava limpo e um cheirinho de creolina indicava que ele fora lavado há pouco tempo. Uma boa empresa de

ônibus aquela ali, sem dúvidas nem sombras. Procurei o meu lugar, número seis. No número cinco estava sentado um senhor bem vestido, o terno azul-marinho novo, os cabelos brancos e um curativo sobre o olho esquerdo. Achei que seria um bom companheiro de viagem. Pedi licença e sentei-me na ponta do banco estofado, arregaçando um pouco a calça para que não me surgissem aquelas joelheiras deselegantes que amarrotam o tecido e causam péssima impressão, destruindo os vincos. Uma coisa que eu não suporto são roupas mal passadas, com o vinco torto ou sem vincos. Acomodei-me e enquanto esperava a partida procurei conhecer e me apresentar no meu companheiro de banco. Ele foi muito gentil, pegou-me na mão, apresentou-se. Deixei para mais tarde a conversa que principiávamos a entabular, porque queria examinar os outros passageiros com meu vagar.

No banco da frente, o primeiro, atrás do motorista, na mesma fileira em que eu estava, dois boiadeiros, as botas cheias de barro, falam em voz baixa, os chapéus descansando no colo. Decerto andavam olhando gado, comprando. Estiquei um pouquinho o pescoço para o lado a fim de ver bem o rosto deles. Os dois estavam com a barba crescida e pareciam cansados. Achei melhor não puxar conversa.

No primeiro banco do outro lado, aquele que fica sozinho lá na frente, antes da porta, ao lado do motorista, o cobrador mexia com um bloquinho de passagens e ajeitava um pequeno maço de notas miúdas para o troco. Estava muito entretido em sua obri-

gação para responder a qualquer cumprimento meu.

Logo depois da porta, ainda do outro lado do ônibus, sentava-se uma velha gorda, junto à janela. Um pouco longe dela, no mesmo banco, um negro.

Virei-me um pouco e pude notar bem o casal de meia-idade que estava sentado no segundo banco, na minha direção. Pareciam distintos, razoavelmente bem arrumados e olhavam também para fora, dizendo adeus a algumas pessoas.

Virei o pescoço mais ainda. E vi outro casal, duas mulheres e várias crianças que choramingavam lá atrás, perto da cozinha, aquele banco comprido que é o último do ônibus. Atrás de mim, nos assentos do meu lado foi mais difícil de olhar. Disfarcei, levantei-me e fingi que arranjava um pacote no guarda-volumes de cordinha. Pude ver que apenas três bancos estavam ocupados. E me pareceu que eram ocupados por roceiros, suas mulheres e filhos.

Sentei-me novamente e olhei o relógio. Estava passando da hora. Fiquei desgostoso. Perguntei ao motorista, com muito jeito, se ia demorar muito para sair. Ele disse que não, só estava esperando a professora, ela já até vinha vindo. Disse que tirava a diferença depois. Comentei com o senhor do meu lado que isso não era direito. Mas fiquei esperando sentado que outra coisa não me competia.

Não demorou nada e a professora chegou. Muito alegre, sorrindo, esbaforida, chegou correndo e trazia pacote de cadernos nos braços e uma

grande bolsa de couro pendurada no ombro. Era muito alegre mesmo. Subiu depressa, o cobrador saiu ligeiro do banco onde estava e

cedeu o lugar para ela. O motorista, rindo, cumprimentou-a e deu a partida no ônibus. Devagarzinho fomos deixando a praça, descemos uma rua estreita, passamos em frente ao circo que estava sendo desmontado. A professorinha falava alto, exuberante, e sua voz sobressaía-se até mesmo ao ronco tremido do motor. Eu estava distraído, os olhos andando à toa, quando percebi que o negro do primeiro banco inclinava-se para o lado e procurava olhar melhor a professora. Achei esquisito. Meu companheiro comentou sobre um novo posto de gasolina que estavam construindo na entrada da cidade e eu já podia avistar. Estava mesmo quase pronto e a parede inteiramente azulejada deveria ter custado uma fortuna. O ônibus parou bem na frente do posto e eu pude vê-lo direito. Duas mulheres com suas malas e sacolas entraram. O cobrador estava lá atrás e veio vindo para ajudar, mas o negro levantou rápido, pegou as sacolas e auxiliou as duas mulheres que eram bem velhas e tiveram dificuldade em subir os altos degraus. Enquanto ele ajeitava as bolsas, notei que não desgrudava os olhos da professorinha que voltara-se no banco e falava com uma das velhas, sempre com seus bonitos dentes clareando o sorriso. Compreendi logo que era professora de escolinha rural e que andava sempre naquele ônibus, por isso todos a conheciam tão bem.

Quando o ônibus entrou na estrada os passageiros conversavam animados, mas a professora começara a corrigir os cadernos com um grosso lápis. Comentei com meu companheiro de banco o interesse do negro pela professora. Ele reprovou comigo, essa gente nunca sabe o seu lugar. Não que

ele tivesse preconceitos, como eu também nunca os tive, mas o negro estava até descalço.

Uma certa hora a professora ajeitou-se no banco, virando as pernas para fora, encontrando melhor posição para a correção dos cadernos. Com o movimento o vestido subiu um pouco, mostrando até mais em cima, um pedaço deslumbrante de coxas claras. Eram pernas lisas e certas e pareciam rijas como boa madeira de lei. O negro estava de olho. Eu não podia ver-lhe os olhos, mas pude adivinhar muito bem a gula que ia por eles. Meu companheiro de banco entortou o corpo e olhou. Concordou comigo que as pernas eram das melhores, mais gostosas, e que o negro era um sem-vergonha. Logo-logo a professora vai estar mostrando até as calcinhas, desse jeito. E aí o negro enlouquece. Confesso que a vista daquelas pernas me perturbou um pouco, procurei conversar. Os dois boiadeiros do banco da frente estavam dormindo.

Puxaram a campainha e o ônibus parou. Um casal levantou-se, a mulher com grande dificuldade carregava um bebê envolto em cueiros. O cobrador, parado na porta, deu o troco ao homem e ajudou a senhora a descer. Quando o ônibus recomeçou a andar ele foi cobrando as passagens de banco em banco. Mostrei a minha, reservada com boa antecedência, ele apanhou-a e fez nela dois buraquinhos redondos com seu alicate de picotar. O negro tirou o dinheiro do bolso e pagou, um dinheiro amassado e ensebado, quase a conta certa. Eu fiquei olhando o pé dele: o dedão tinha tinas unhas pretas e gretadas. Me deu vontade de ver como é que era a mão dele. Demorei um pouco, porque ele sempre

mantinha as mãos juntas, enfiadas no meio das pernas. As unhas da mão dele pareciam as unhas do pé. Tão pretas, tão sujas. Falei com meu companheiro de viagem sobre isso, como a gente conhece os outros pelas unhas da mão. Seus hábitos, seu coração. Notei nele uma rápida reação, um movimento ligeiro que tinha a intenção de passar despercebido, procurando com a ponta dos olhos a ponta dos dedos. As unhas dele estavam cortadas e limpas, eu já havia notado isso, senão não teria comentado. Eu também olhei para as minhas unhas, embora soubesse que elas estavam limpas, lustrosas, curtas e sem cutículas, como sempre.

O ônibus ia indo. A professorinha continuava corrigindo os cadernos e voltara as pernas para dentro do banco, de forma que já não se podia mais ver suas macias coxas. Comentei isso com o velho senhor e ficamos imaginando o desespero do negro, que perdera seu espetáculo.

Eu estava pensando que tinha de engraxar os sapatos logo que chegasse na rodoviária de São Paulo, pois seria muito desagradável aparecer ao Gerente de Vendas com os sapatos empoeirados. Ele era um sujeito muito fino, certamente nunca iria dizer nada, assim direto, assim específico. Ele apenas exigia apresentação impecável e eu achava isso assim muito certo. Mas eu precisava mesmo engraxar os sapatos porque, como as unhas, eles são o melhor espelho do que é um homem. Eu estava pensando nisso, o ônibus rodava pela estrada vermelha, quando o negro levantou-se e foi falar qualquer coisa ao motorista. Como ele falou muito baixo eu não pude escutar o que dizia, embora tivesse me concentrado em grandes ouvidos. O

que eu pude notar e o meu companheiro de banco notou também quando chamei a atenção dele, foi que o negro falava ao motorista mas tinha os olhos postos na professora que continuava com seu trabalho, apesar dos balanços e sacolejos do ônibus. O motorista respondeu qualquer coisa e o negro sentou-se novamente.

O balançar e trepidar do ônibus na estrada de terra começou a me enjoar. O asfalto ainda demoraria compridos quilômetros.

O diabo do negro não parava quieto. De vez em quando levantava-se, as mãos apoiadas nos suportes do guarda-volumes, e olhava para os dois lados da estrada, como se estivesse tentando reconhecer onde o ônibus ia passando. Aí então eu pude vê-lo com calma, analisar bem analisado as feições da cara. dos olhos, da boca. A boca nascia de um beijo grosso, pendente, roxo, e acabava num outro beijo menor, tão curto que quase encostava no nariz. E o nariz era mais chato que o normal dos negros, e bem perto da narina esquerda tinha um calombo avermelhado que me fez lembrar em bernes. Os olhos eram de quem bebe muito, amarelados, estriados de sangue. Um negro muito feio mesmo. Depois ele sentou-se e ficou quieto.

O calorzinho gostoso do meio da tarde, a modorra suave provocada pelo ronronar do motor e o sono fundo dos dois boiadeiros no banco da frente foram me amolecendo. Entrefechei os olhos e fiquei pensando, suave, na professorinha. Não havia podido distinguir direito os traços da cara dela, deveria ser realmente muito bonita, gordinha, eu só sabia do riso branco de belos dentes. O cabelo dela era louro e eu escarafunchei minhas lembranças

catando uma certa comparação. Mas só me vinham as imagens das coxas dela, brancas, rijas, de pegar e morder como cana madura. E eu fiquei cochilando, pescando meus lambaris, enquanto ia mordendo, mordiscando leve e leve as macias coxas da professorinha que corrigia os cadernos lá no banco da frente.

De repente o ônibus reduziu a marcha e começou a parar. Abri os olhos meio desperto, procurando saber quem descia ou entrava. Quando parou de todo, à margem da estrada, a professora levantou-se sorrindo, falando um atémã ao motorista e olhando pela janela, decerto esperando alguns de seus aluninhos. Eu fiquei inteiramente acordado. Ela levantou-se, saiu meio de lado, puxando o vestido. Parou um instante no degrau superior da porta e eu notei que sua bunda bem feita estava na altura dos olhos do negro que disfarçava e olhava pela janela, interessado em qualquer coisa lá fora. Ela desceu. Deu um novo atélogo ao motorista e saiu das minhas vistas. O ônibus ia arrancando, a porta ainda aberta, o negro levantou-se precipitado, falou ao motorista um balbucio, entregou a passagem, pegou um pacote que colocara no porta-volumes em cima do banco e desceu apressado.

A porta fechou chiando seu ar comprimido e eu tive uma certeza. Como um relâmpago, como um tiro, como um tombo. Esse negro ia fazer das suas e a professorinha era que era. Pensei em falar mas detive-me uns momentos. O ônibus principiava a retomar sua velocidade de sempre, as pessoas todas estavam quietas, com preguiça de conversar. Eu fiz meus pesos e medidas, meus próprios julgamentos e achei que não podia

me omitir. Eu sempre fui eu, obedecedor, dentro das leis, no rigor de todos os preceitos. Eu sabia uma certeza e não podia acovardar-me, deixar que passasse.

Acordei meu vizinho de banco e falei com ele o que eu estava pensando. Seu olho sozinho me olhou sério e senti que ele concordava comigo. Resolvi agir. Levantei-me e fui ao motorista. Falei, expliquei, contei, informei. Ele me olhou espantado. Não pareceu acreditar muito mas senti uma leve onda de preocupação tomar conta da cara dele. Insisti, altas vozes e os dois boiadeiros já estavam interessados. Repeti. a história, contei do negro, os olhos nas coxas, a pressa de descer. Eles entenderam e acreditaram na hora. O velho, meu parceiro de assento, estava falando com o casal do banco de trás e pude ver que o homem concordava e a mulher abriu sua cara de susto, a mão na frente da boca. A velha gorda que vinha dividindo o banco com o negro escutava a conversa e não demorou a intervir. De repente muita gente falava e todos acusavam, diziam, todos tinham suas certezas. O motorista parou o ônibus. O cobrador, que dormia lá no fundo, veio depressa saber o que estava havendo. Um dos boiadeiros começou a explicar, eu completei o caso. O cobrador abaixou-se e pegou uma barra de ferro que estava debaixo do banco do motorista. Nessa altura todos os homens do ônibus tinham vindo para a frente. As mulheres esticavam o pescoço e ficavam caladas, ansiosas para descobrir as causas do transtorno, os porquês do ônibus parado, da viagem interrompida.

Eu já sabia o que nos competia fazer, a nós homens decentes e civilizados, com um pingço que fosse de moral. Aí eu sugeri que voltássemos, que fôssemos depressa, a professorinha em perigo, o negro nojento. Voltássemos e queira Deus se não seria tarde demais, tudo consumado. O motorista ainda estava indeciso. Tinha suas ordens, o horário a cumprir. O cobrador agitava a barra de ferro. Um dos boiadeiros insistiu em voltar. Eu achei que estava até passando da hora, se demorássemos mais íamos somente voltar para vingan-

ças. Recontei todos os movimentos do negro, os olhares, as brancas coxas da professora, as escuras unhas de gretas, o pé descalço, o dinheiro amarrotado na palma da mão, o beijo roxo, os olhos riscados de vermelho, o calombo na cara. Insisti, tinham que acreditar, decidir logo, meu companheiro de banco que confirmasse. Ele fez. que sim com a cabeça, silencioso. Eu já não tinha mais argumento nenhum e isso me afogava, me deixava impotente, o negro, a professora, as coxas rijas, o rosto gordinho. Aí então me encheu o saco e eu resolvi comandar. Mandei virar o ônibus e voltar. O motorista, meio assustado me obedeceu, enquanto todos os passageiros aprovavam e em suas caras ia-se formando o ódio.

O ônibus voltava rápido, a paisagem sendo apenas largas manchas coloridas dentro dos barulhos da tarde. Estávamos quase todos de pé, dentro do ônibus que corria, cada um se preparando do seu modo para as coisas que iam acontecer. O cobrador ia batendo devagar o pedaço de ferro no cano niquelado que era parte do encosto do banco e fazia um fraco ruído metálico, enquanto pedacinhos do prateado ficavam grudados no ferro. O motorista fazia curvas e curvas, a poeira levantando, vermelha e morna. De repente, depois de um bosque de eucaliptos apareceu a escola, branca e pequena, no começo do morro. O ônibus diminuiu a marcha e todos nós fomos olhando, lado e lado, esquerda, direita. repassando touceiras, escarafunchando sombras, os

ouvidos prontos para o grito. O cobrador abriu a porta e pendurou-se para fora, o ferro na mão, procurando ver melhor.

Então ele viu o negro que caminhava devagar pelo lado da estrada. Gritou. Eu gritei também, o desgraçado decerto já fizera o malfeito, ia fugir. Mandei o motorista tocar pra cima do negro. Ele viu o ônibus vindo, vindo, procurou desviar-se assustado, atravessou correndo a estrada e começou a subir um barranquinho que ia dar nos fundos da escola. O ônibus encostava no barranco quando o cobrador, os dois boiadeiros, outros homens e eu descemos correndo, as mulheres gritando e vindo atrás. Então eu vi quando pegaram o negro, foi o cobrador que alcançou primeiro e bateu nas pernas, o negro caiu e deixou rolar o pacotinho de roupas. Gritou e caiu, apavorado, acuado, meio trepado no barranco, enquanto todos começavam a espancar com os pés, as mãos, paus e pedras e o negro gritava, gritava, gritava.

E gritava ainda quando a professora surgiu em cima do barranco, fresca em seu vestido branco, vindo da escola, de mãos dadas com uma meninazinha pequena. E gritava enquanto eu pude ver nos claros olhos dela uma intensa surpresa por encontrar ali o ônibus parado e aquele feroz grupo de homens que batiam, batiam, batiam até matar.

ANEXO B
“O espartilho”

O espartilho

Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas, os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. *A nossa família*, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na *nossa família*, frisava lançando em torno olhares de complacente ternura, como se lamentasse os que não faziam parte do nosso clã. Uma orfãzinha como eu seria a última das órfãs se todas as noites não agradecesse a Deus por ter nascido no seio de uma família assim.

Não havia o medo. No princípio. E por que o medo? A casa do vizinho podia ter sido edificada sobre a areia, mas a nossa fora edificada em terra *firmíssima*, acentuava minha avó em meio às citações bíblicas. Que importavam as chuvas, os ventos?!... A primeira imagem que tenho de mim mesma é a de uma menininha de avental azul, instalada na almofada de veludo da sala de visitas com um vago cheiro de altar. Ao lado, minha avó fazendo tricô. Tinha uma sacola da qual não se separava, uma sacola de cetim com rosas aplicadas e onde levava tudo: chaves, dinheiro, óculos, remédio, romãs, agulhas... O casarão era enorme com seus quartos e corredores que não acabavam mais. Enfiando tudo na sacola, ela evitava a caminhada de voltar ao quarto para apanhar a tesourinha. Fiscalizava o serviço e dava suas ordens com a sacola debaixo do braço. Organizado o programa do dia e devidamente trancada a dispensa, ia para a sala, punha a sacola no chão e retomava o tricô. Às vezes permitia que eu abrisse nos joelhos o pesado álbum vermelho, de cantoneiras de prata. Muitos retratos já não tinham nenhum mistério mas sobre outros minha

avó respingara algumas reticências: “Um dia, Ana Luísa, quando você for maior...”

O fato é que na realidade nunca chegou a me contar nada, tive que ir tateando, uma palavra aqui, um gesto lá adiante, peças que ia juntando pouco a pouco enquanto esperava pelas tais revelações. Que teria acontecido com tia Bárbara, a bela tia de olhos amendoados e sorriso de quem estava prestes a mostrar os dentes, um pouco mais que o fotógrafo esperasse, um pouco mais... Quando fiz perguntas, minha avó baixou os olhos também amendoados. Franziu a testa. “Um dia ela saiu para comprar rendas e nunca mais voltou. Tinha um certo desequilíbrio nervoso...” Sim, eu saberia de tudo direitinho quando crescesse, não só a respeito dela como de outra tia misteriosa, tia Ofélia: “Tomou veneno ao invés de magnésia fluida. Morreu um mês depois do casamento”, informou minha avó num tom seco, sem disfarçar a impaciência. Preferia falar sobre o avô com sua sobrecasaca negra, bigodes negros e pastinha na testa. Sempre de perfil, as mãos apoiadas na bengala de castão de prata, o queixo ligeiramente apoiado nas mãos, em atitude sonhadora. Morrera jovem ainda, de uma queda de cavalo. “Este foi tirado uma semana antes do acidente, acrescentou, passando as pontas dos dedos nas cantoneiras douradas do retrato onde meu avô posava elegantemente montado num cavalo também de perfil. Era um homem justo, murmurou com voz rouca. Que Deus o guarde.”

Deus devia guardar também tio Maximiliano com seus maliciosos olhinhos verdes, “toda nossa família tem os olhos verdes”, dissera um dia minha avó voltando para mim os olhos verde-água. Uma sobrancelha do tio era bem mais alta do que a outra, numa expressão que combinava com a dos lábios irônicos, de cantos para baixo, ilustrando o verso que minha avó copiara com tinta roxa: “Conheço-te, mundo, e quanto! E quanto...!” Casara-se com uma inglesa e se

transformara no mais poderoso homem de negócios da época. “Que inteligência, que caráter! Fundou fazendas, cidades...”

Eu ficava pensativa. Fundador de fazendas, vá lá, mas fundador de cidades?! ... Cidade para mim era uma coisa enorme, complicadíssima com suas ruas, prédios, praças... Um só homem poderia construir aquilo tudo? Fundador de cidades, eu repetia baixinho. E buscava na página seguinte a carinha iluminada da inglesa de cachos e dentinhos separados. Conheceram-se a bordo, quando tio Maximiliano voltava da Europa. “Tiveram onze filhos! Eram felicíssimos, suspirou minha avó raspando com a ponta da unha os furos que serpenteavam por entre a gola de marinheiro da mocinha. Que pena, os bichos estão comendo...”

Os mortos já tinham sido devorados. Agora era a vez dos retratos. Nem o laço de fita na cabeça de tia Consuelo fora poupado, só os olhos, os grandes olhos em forma de amêndoa permaneciam intactos. Eu já sabia que a magra tiazinha entrara para o convento e lá morrerá. Mas por que, vovó, por que o convento? Minha avó tomava aquele ar nostálgico: “Vocação... Tão sensível a pequena Consuelo, chorava tanto! Uma santinha. Ao completar vinte anos, viu um anjo sentado aos pés da cama. Nesse mesmo dia avisou meus pais: vou ser freira. Lembrava um pouco Santa Teresinha.”

Ele se casara com a inglesa de cachos por causa de dinheiro, tio Maximiliano não passava de um pilantra. Quando Margarida me contou, fiquei horrorizada. E quanto à pobre tia Consuelo, chorava porque sentia falta de homem... Reagi com violência, mentira, mentira! Por que pretendia ela desmoralizar com essas e outras coisas piores ainda os meus ídolos familiares? Não, não podia haver toda essa sujeira de ambição e sexo nos corações espartilhados dos mortos do álbum. Os mortos de espartilho... Todos usavam

espartilho, até tia Consuelo com sua cintura de vespa e peitinhos estrábicos, cada qual apontando para um lado, assim como os meus olhos.

Eu teria me salvo se naquele dia aceitasse com naturalidade a história secreta de tia Bárbara, a de sorriso ambíguo, que saiu de casa para comprar rendas e acabou fugindo com um padre. Sem dúvida eu teria me salvo se tivesse suficiente senso de humor para achar a história divertida, falando abertamente sobre o assunto ao invés de me calar num pânico que me consumiu. Mas havia o caso da minha mãe. E o preconceito maior de classificar as pessoas em dois grupos rigorosos e nítidos como o material de um laboratório de química: pessoas boas e pessoas más. O Bem e o Mal – com letra maiúscula – não se misturavam jamais. Às vezes o Diabo entrava sorrateiro nas casas e vinha espionar por detrás de algum móvel para saber o que estava acontecendo. Mas se via pairando um anjo no teto, enfiava o rabo entre as pernas e lá ia cabisbaixo arengar em outra freguesia. Eu pensava assim, queria que fosse assim. Tia Consuelo rolando de desejo na dura cama da cela, tio Maximiliano fazendo filhos e dinheiro a custa da mal amada inglesa, tia Ofélia se matando um mês depois do casamento, minha mãe, principalmente minha mãe com seu nome e seu violino – toda essa gente rara eu teria aceito e amado muito mais do que aquele tipo de gente da paixão da minha avó. Mas tive medo ao descobrir o medo alheio. A insatisfação e a insegurança que de repente senti em redor me fez vacilar. Fiquei perplexa. Havia minha avó. Mas também ela agora me fazia medo, ela que me ensinara a acreditar na beleza e na bondade sem nenhuma mistura, evidente como nos cartões postais com suas crianças de sapatos imaculados e jovens etéreas que podiam ter tudo nos etéreos corpos – algodão, penas, nuvens – menos um tubo digestivo. Céu total antes e depois da morte. Havia o inferno,

sem dúvida, mas essa era uma idéia muito remota, romanticamente ligada à idéia que eu fazia dos mendigos e criminosos, toda uma casta de gente encardida, condenada a comer na vasilha dos porcos e a viver nas prisões. Seriam lembrados no meu Padre-Nosso diário. E em seguida esquecidos como devem ser esquecidos os pensamentos desagradáveis. “Higiene mental!” advertiu minha avó no dia em que recusei um bife por confessar sentir piedade do boi. “Pense em borboletas quando estiver comendo bois e em bois quando estiver espetando borboletas, prosseguiu ela em meio de um sorriso, muito satisfeita com a graça que achou em si mesma. Não quero uma neta vegetariana, o vegetariano é mórbido, vamos! Os bois nasceram para ser comidos, se não por nós, por outros...”

Aprendi assim desde cedo que fazer *higiene mental*, era nada fazer por aqueles que se despencam no abismo. E compunha na minha imaginação um abismo pedregoso e negro, dentro do qual os pecadores, aos gritos, mergulhavam sem socorro. Contudo, por mais que quisesse não conseguia imaginar os corpos lá no fundo e isso me dava um certo consolo. Podia ser até que muitos se salvassem no último instante, agarrados a um arbusto, a uma pedra... Bois e homens podiam ser salvos inesperadamente devido a intervenções milagrosas, “o milagre faz parte da higiene mental, ensinou-me ela. Pense no milagre que pode acontecer a qualquer um que seja merecedor desse milagre. Se não há mesmo remédio, então a responsabilidade não é nossa. Certo?”

As mulheres que amavam padres se transformavam em Mula-Sem-Cabeça, ponto pacífico para mim. A metamorfose era inevitável. Teria acontecido um milagre no caso de tia Bárbara? – foi o que em primeiro lugar me ocorreu quando Margarida contou, no seu acesso de fúria, que a bela senhora não saiu de casa para comprar rendas e sim para se encontrar com um

padre jovem. Como ora possível, como?... Estremeci ante a imagem de um cavalão descabeçado, tombando aos pinotes na cratera. Lembrei-me do tom perigoso da minha avó, “ela sofria dos nervos, tinha um certo desequilíbrio nervoso...” Lembrei-me também de que minha mãe nunca era mencionada, nunca. Sob qualquer pretexto evocava-se a figura do meu pai com suas histórias, seus risos, seus gestos, “ele tinha tanto charme”, disse minha avó certa vez. Eu não sabia o que era charme mas se isso fazia parte do meu pai, então devia ser bom. E minha mãe? Por que ficara isolada naquele cone de silêncio? Por que sobre ela nunca ninguém dizia nada?

Já sentindo oscilar sob meus pés as largas tábuas claras do assoalho, ainda assim recorri no primeiro instante à tal higiene e encontrei uma saída: Margarida estava mentindo, é mentira!

“Mentira? repetiu ela enxugando furiosamente as lágrimas na barra da saia. Pois vou-lhe contar outros podres da família, quer ouvir? Hem?”

Ela disse *podres* e essa expressão me atingiu como um soco. *Podre* era podre demais, fazia-me pensar em carnes escuras, moscas... Se ao menos tivesse dito *potins*, como minha avó diria, vá lá. Mas Margarida não sabia francês, nem eu. As palavras não podiam posar bem compostas como os mortos do álbum sob o espartilho do medo. Pensei em tapar os ouvidos, em correr para junto de minha avó que haveria de negar tudo ou então simplesmente ignorar o fato com um leve arquear de sobrancelha, “ora que idéia...”

Avancei de punhos fechados, não, Margarida, não continue!

Continuei ouvindo. Sentia mesmo um fascínio brutal pela voz despedaçada a falar sobre minha tia freira, sobre meu tio fundador de cidades, sobre minha mãe... Em meio do meu atordoamento, pude ainda reparar que Margarida foi-se fazendo mais escura, mais escura ela

que chegara a ser quase branca enquanto se preparava para ver o namorado. Os cabelos se eriçaram. Os lábios ficaram cinzentos. Cheguei a achá-la estupenda na sua coragem, atirando-se às palavras com aquele despojamento de quem se atira ao fogo.

Tudo começou quando ela foi ao meu quarto e pediu o lápis emprestado: “Depressa, seu lápis preto, quero pintar os olhos!” Dei-lhe o lápis. Ela aproximou-se do espelho. Estivera a manhã toda com um pano fortemente amarrado na cabeça para que os cabelos ficassem assentados como se os aplacasse uma rede invisível. Passara creme no rosto, um ligeiro toque de carvão nas pálpebras, ali, como brilhavam seus olhos refletidos no cristal amarelado. Sua beleza insólita revelou-se para mim naquele instante em que se preparava sôfrega para o encontro de amor.

Parei de desenhar o vaso de orquídeas o fiquei a observá-la. Achei-a tão branca que só me restou recorrer à lembrança da sua avó, a preta Ifigênia. “Nunca vi ninguém engomar como ela”, dizia minha avó. Saias, camisas, toalhas – tudo devia luzir sob o peso do ferro de engomar, atochado de brasas: era a idade da goma. Tio Maximiliano, o caçula, foi o único que chegou certa vez a devolver uma camisa por encontrar uma ruga no punho. Só compreenderam tamanha implicância quando Ifigênia teve um filho quase branco, de olhos esverdeados. A criança durou dois meses. Tio Maximiliano foi mandado às pressas para a Europa, de onde voltou noivo da tal inglesa de cachos e Ifigênia casou-se com o agregado da família, um sargento de milícias que gostava de dançar e tocar violão. Nasceu Isaura. “Queria que ela se chamasse Florence”, pediu meu avô que tinha paixão pelos romances de Florence Barelay. Mas vigorou a opinião da minha avó: “Dar um nome assim aristocrata à pobrezinha... Se é para recorrermos a romances, vamos pegar então A Escrava Isaura.” No batizado, o sargento dançou,

tocou violão e desapareceu em seguida mas tão completamente que foi como se nunca tivesse existido. Minha avó internou a menina num asilo até que chegasse ao ponto de poder trabalhar. O que não aconteceu porque assim que atingiu a idade de recompensar um pouco a família por tamanhos transtornos, ficou tuberculose. Foi para um sanatório. “Justo quando se pensou que ela pudesse ajudar em alguma coisa, teve que ficar doente, queixou-se minha avó muitas vezes. E assim que melhorou, achou ótima idéia apaixonar-se por um enfermeiro polonês, ter uma filha e morrer em seguida, ainda por comodidade...” Era primavera, o jardim estava cheio de margaridinhas azuis quando a criança chegou em casa. “Será Margarida”, determinou minha avó. E levou-a a um orfanato. Quando completou dez anos, foi buscá-la. Eu precisava de uma pajem e Ifigênia precisava de alguém para ajudá-la nos seus inesgotáveis cestos de roupas para engomar. No baú da morta, viera um retrato do polonês. Margarida pregou-o com taxas na parede do quarto: “Não sou parecida com meu pai?” costumava me perguntar. Quando brigávamos, eu dizia que ela era a cara de Isaura. “Mas se você nem conheceu minha mãe!” protestava. Mas conheço sua avó, respondia-lhe candidamente. Ela então entrava debaixo da cama e se punha a chorar, puxando os cabelos.

Para não comprometê-la com seu amor, Ifigênia afastou-se discretamente da neta. E com maior discrição ainda morreu numa madrugada de inverno, os lábios franzidos como se quisesse avivar com um último sopro as brasas do forro de engomar. “Era minha avó! gritava Margarida para ser ouvida até na esquina. Era minha avó!” Como se a gente não soubesse disso, comentei de mau humor. Estranhei ainda não ouvi-la falar mais na morta, nem no dia de finados, quando minhas tias arrumaram dois grandes ramos de flores: um de lírios para o nosso anjo guloso e outro de cravos-de-defunto

para a laje dos agregados. “Levou o buquê de cravos no cemitério?” perguntou-lhe minha avó. “Levei, Madrinha. Não estavam lá?” espantou-se ela.

Jogou tudo no telhado, vovó. Eu vi quando ela pegou nos cravos e jogou no telhado, segredei-lhe. “No telhado? perguntou minha avó em meio de um sorriso. Encarou-me apertando ligeiramente os olhos: Quero que saiba, filha, que não é nada bonito o papel de espião. Ela é sua pajem, sua companheira. Não se faz assim com uma amiga, entendeu?” Mostrei-me arrependida. De resto, entendi tão bem a lição que nunca mais fiz assim. As delações tinham que ser sutis, tão camufladas que podiam ser feitas em voz alta, na presença até da denunciada, que requinte! Começara a me afeiçoar a esses requintes. Denunciava distraidamente, minha avó ouvia afetando também distração e em seguida cada qual ia para o seu lado com a consciência tranqüila. As vezes minha distração era tamanha que chegava a me espantar quando via Margarida ser castigada por qualquer falta só do meu conhecimento. A surpresa chegava a ser sincera: mas como minha avó soube?

Parece que adivinha, repeti naquela tarde enquanto Margarida soluçava, cobrindo o rosto com as mãos. Apanhei o lápis que ela usara para pintar os olhos. Sentei-me na cama. E com a ponta do lápis fui riscando a palma da mão. Ainda ecoava no quarto a voz musical da minha avó: “Não, Margarida, você não vai se encontrar com esse moço.”

“Por que não, Madrinha? Por que não?...” Margarida ficou repetindo inexpressivamente, a olhar para minha avó através do espelho. Calmamente vovó tirou o tricô da sacola. Falou como se fizesse um comentário banal a respeito do trabalho que foi desenrolando nas mãos. Apanhou as agulhas. “Ora, Margarida, então não percebe? Um rapaz branco, de família importante... Então não percebe?”

Margarida não percebia. A cara em pânico foi empalidecendo. Os lábios tremiam. “Pelo amor de Deus, Madrinha, eu preciso, ao menos hoje!...”

Minha avó teve um sorriso paciente. "Não vê então que ele quer se aproveitar e ir embora? Não seja desfrutável, filha, não alimente essas ilusões. Procuro um moço da sua cor, modesto... Eu seria uma criminosa se consentisse nesse namoro. Está visto que ele jamais se casaria com você como seu pai, um polonês, jamais se casaria com sua mãe... Ainda mais depois da festa feita! Vamos, mude o vestido, tiro essa pintura, amanhã ou depois você já terá se esquecido, filha. E ainda vai me agradecer, note bem o que estou dizendo, ainda vai me agradecer por eu ter impedido.”

Baixei mais a cabeça e continuei desenhando meio às cegas, borrando com o suor da mão a sombra das flores dentro do vaso. “Mas Madrinha, a gente se ama!...” gemeu Margarida ajoelhando-se no chão. Minha avó fungou, já impaciente: “E como insiste!”

Desenhei sem parar até que ela saiu do quarto. Então levantei-me. Apanhei o lápis que Margarida deixara cair e fiquei olhando para seus olhos tão borrados quanto o meu desenho. Soluçava ainda, limpando as lágrimas no dorso da mão. “Eu me mato, eu me mato! Essa bruxa pensa que manda em mim? Já tenho dezesseis anos, faço o que entendo! Ah, queria morrer...”

Comecei a riscar com o lápis a palma da mão. Bruxa, não é? Como uma simples empregada ousava falar assim? Neta de pretos, falando desse jeito... Quebrei a ponta do lápis ao traçar uma haste que se estendeu até meu pulso.

Por que você não arranja um namorado que seja assim da sua cor? perguntei-lhe brandamente. Ela olhou-me. “Parece a Madrinha falando... Você é igualzinha aos outros, Ana Luísa. Igualzinha. São todos iguais”, repetiu baixinho. Recomeçara a chorar

mas esse era um choro sem irritação, infinitamente mais dolorido. Senti a boca salgada de lágrimas. E cravei as farpas do lápis na palma da mão. Minha avó fazia goiabada quando entrei na cozinha e em meio de algumas frases sem importância, informei-a do encontro de Margarida. A lembrança do cheiro das goiabas esmagadas no tacho vermelho voltou a me envolver com seu hálito ardente. Era esse o cheiro da traição.

Eu te ensinei a ler, murmurei tombando de costas na cama. Eu te ensinei a ler.

Sabendo perfeitamente o que significara para ela aquele duro aprendizado, procurava renovar-lhe o sentimento de gratidão. Ao mesmo tempo, desculpava-me: se não fosse eu, quem mais iria ensiná-la? Ah, como ela gostava de livros, com que ardor agarrara-se a mim suplicando que lhe ensinasse ao menos as primeiras letras. Ora, peça à avó que te mande à escola, esquivei-me. Ela sacudia a cabeça, exasperada “Madrinha já disse que não dá tempo, só se você me ensinar de noite, depois do jantar... Por favor, Ana Luísa, me ensina que te conto uma história bem bonita, quer?”

Eu adorava suas histórias e cobrando com histórias e outros pequeninos favores cada lição, chegamos ao fim do alfabeto. Ela estava deslumbrada. Apossando-se das letras rapidamente, fez no início um progresso incrível para logo em seguida mergulhar numa espécie de caos. Regrediu, perdeu-se. Até que de repente, num arranco desesperado, conseguiu ordenar de novo as lições, recuperou o controle e desatou a ler. Era insaciável. Lia o que lhe caía nas mãos, meus livros escolares até os jornais e revistas de bordados que minha avó colecionava. Em falta de coisa melhor, debruçava-se sobre o dicionário. Abria-o ao acaso e fechando os olhos deixava o dedo cair a esmo. Ria-se às vezes, gostosamente, e nesse jogo solitário, de modo inexplicável para mim foi-se afeiçoando à prá-

tica de desvendar o mistério das palavras. Aproveitei seu interesse em meu benefício, eu que achava detestável procurar o significado do que quer que fosse: Margarida, anda, vá ver o que quer dizer *anátema*!

Ela se punha a folhear o dicionário meio desmantelado: “Anátema, anátema, aná... Está aqui! Anátema, excomunhão, maldição, reprovação enérgica...” Concentrava-se. Seu olhar brilhava de secreta alegria, reticente como nos dias em que vinha com caramelos de chocolate escondidos no bolso do avental. Voltava a folhear as páginas rotas: “Quero ver agora o que é reprovação enérgica...”

Senti-me aliviada por ter-me safado daquelas intermináveis lições que me faziam doer os maxilares de tanto bocejar. Ao mesmo tempo, experimentava um certo ressentimento: ela escapara da minha garra, fazia-se independente, livre. Queria dominá-la assim como minha avó me dominava. E ei-la sem precisar da minha ajuda, feliz com seu dicionário enxovalhado, com sua sopa de letrinhas que gostava de alinhar nas bordas do prato, formando palavras: lua, passarinho, gato... Fiquei rondando. E não tardei em encontrar um motivo para tê-la de novo presa: a estante de livros da saleta da minha avó. Ofereci-lhe um romance que me pareceu de amor, quer ler, Margarida? Mas muito cuidado, não deixa minha avó descobrir...

Há muito as estantes envidraçadas já tinham despertado sua atenção. Fascinavam-na sobretudo os romances de capa azul e rosa que limpava com uma lentidão acariciante, passando e repassando nas lombadas o pano de pó: Escrava ou Rainha, O Noivo, A Marquesinha Exilada... Ficou felicíssima com o livro que eu mesma lhe meti no bolso, depressa, leva para seu quarto!

Na manhã seguinte tinha os olhos vermelhos da vigília o das lágrimas: “Ana Luísa, se você soubesse! Que história mais linda, meus céus! A mocinha era pobre e ele tão rico quanto malvado, como ela sofreu,

você precisava ver... Mas no fim deu tudo certo, graças a Deus. Posso pegar outro? quis saber. E diante do meu silêncio amuado, enlaçou-me pela cintura: Você gosta tanto do meu coraçãozinho de ouro. Quer ficar com ele?”

O coraçãozinho teve a duração de cinco romances e três pequenos contos, findos os quais achei que estava na hora de cientificar minha avó do ocorrido. Como ela já andasse mesmo desconfiada, nem precisei completar a insinuação para vê-la levantar-se e trancar as estantes à chave. Ainda assim, eu quis uma explicação: Mas por que ela não pode ler esses livros? São imorais?

Minha avó teve seu sorriso complacente: “Não é questão de ser moral ou imoral, filha, o caso é que esses livros foram escritos para pessoas de outra classe, está me compreendendo? A pobre da menina já está parecendo uma intelectual com essa mania de leituras, é preciso dar um paradeiro nisso antes que ela comece a ter idéias... Bem avisei, não atice a coitada com essas ilusões, quanto mais ela se instruir mais infeliz será. Estaria mil vezes melhor se fosse analfabeta.”

Quando Margarida veio me dizer, no maior desalento, que minha avó trancara a biblioteca, tentei animá-la oferecendo-lhe meus livros, você pode ler os que quiser. Ela sacudia a cabeça obstinadamente. "Não quero mais, não quero mais..." Desapontei-me. Esperava que com minha denúncia ela esquecesse as açucaradas intrigas românticas, demasiado adiantadas para mim, e voltasse às nossas histórias e agora... Não queria também meus livros policiais. Não, não queria. Pôs-se nostálgica, distante. Teria desconfiado? Irritei-me ao ver frustradas uma a uma minhas tentativas de aproximação. Quer dizer que minha avó acertara? Fora mesmo errado deixá-la entrever a existência daquele outro mundo brilhante, descrito nos romances proibidos? De-

pois de ter conhecido os heróis de mãos cor de marfim e pestanas recurvas, iria se contentar com os moços do bairro?

Desconfiei quando a vi acender-se como uma lâmpada. A pele ficou de novo mais clara, o riso mais fácil. Fiz sondagens. Ela resistiu bravamente até que num acesso de entusiasmo não pôde se conter e disse o nome do namorado: Alexandre. Era estudante de Medicina, tinha um carro e uns olhos “assim enormes, bem puxados!...”

Senti que me perdoava. O que obscuramente estimulou-me para a nova delação: A Margarida está se vestindo para se encontrar com ele, disse à minha avó. Ela então raspou com a colher de pau as bordas do tacho de goiabada. E me deu a colher para lamber.

Eu te ensinei a ler, repeti-lhe. Ela chorava sem parar, ajoelhada no chão. Fui me sentindo completamente miserável. Dera-lhe tudo e em seguida lhe tirara tudo, até o coraçãozinho de ouro. E ela sabia disso, o pior é que não dizia nada mas sabia que eu era amiga e confidente. Inimiga e delatora. Eu te ensinei, disse num fio de voz, sem forças para completar a frase. Pressentia uma acusação no seu silêncio e fracamente me defendia recorrendo à velha fórmula.– Lembra? Minha avó não queria e assim mesmo te ensinei. Ela mudou de posição, a esfregar mansamente os joelhos. Enlaçou as pernas. “E daí? perguntou num tom distraído. Não posso ler o que quero, não posso amar quem eu quero...”

Levantei-me e lancei um olhar ao espelho. Vi minha cara angulosa. Meus olhos estrábicos. Não sou boa, pensei. Sou má. Fiz uma careta maligna e em seguida sorri para mim mesma. Agora não podia parar, tinha que prosseguir até ter certeza de que o padre me negaria a comunhão. Fui até minha mesa. As orquídeas me pareceram monstruosas dentro do vaso

azul. Rasguei a folha. E encarei-a: Mas Margarida, por que não procura um outro namorado? Minha avó já disse que esse não pode gostar de você! Não pode, está ouvindo? Não pode!

“Não pode por quê? Por quê? Sua avó diz tudo, Ana Luísa. Mas não diz umas coisas... Calou-se enquanto se levantava. Alisou o vestido amarrotado. Coisas, murmurou como se eu lhe tivesse perguntado que coisas eram. Coisas da família, quer mesmo saber?”

Encarou-me. No começo, falou em voz baixa mas logo animou-se e foi elevando a voz que ficou pastosa como naquela noite em que tomamos quase meia garrafa de licor de cereja. Corri a fechar a porta, Margarida, você está gritando, minha avó vai escutar! Mas ela prosseguia desencadeada. Lívida. Soube então que minha mãe era judia.

Senti a mesma náusea no Domingo de Páscoa, quando comi um ovo de chocolate amargo, que não acabava mais. Nessa noite, em meio do pesadelo, vi passar numa voragem tia Consuelo, tio Maximiliano, tia Ofélia... Tia Consuelo tinha o hábito despedaçado e dançava abraçada a um homem, tia Ofélia corria em redor da cama, uma mão escondendo o seio, a outra apertando o sexo, “não, não!...” E o marido atrás, “Pára com isso, Ofélia! Deixa de bobagem, pára com isso!” Senti na boca o amargor da magnésia fluida que ela bebeu de um só trago, não, tia, não é a magnésia, é veneno! Degolada e nua, vinha agora tia Bárbara, metade mulher, metade cavalo, “Vou comprar rendas!” Desviei-me de uma batina negra e fui de encontro à minha mãe que me enleou na sua cabeleira ressequida, igual a do judeu Moisés, da loja de antiguidades. “Na Alemanha eles pisam em judeus como em baratas!...”

“E não adianta me perguntar como sei de tudo isso, exclamou Margarida avançando para mim. Baixou o tom de voz: Mas a verdade é que fiquei sabendo até

que sua linda avó não foi ao casamento do filho porque ele se casava com uma judia, ouviu bem? Ela tem nojo de judeu como tem nojo de barata, a Sarah na Alemanha seria esmagada, ela disse um dia ao seu pai enquanto calcava no chão o salto do sapato...”

Tapei os ouvidos: é mentira, é mentira! Você é uma mentirosa, é tudo mentira sua!

Ela sorriu. “Era no quarto da minha avó que a sua tia Ofélia ia se esconder com medo do marido. E foi ainda minha avó que a pegou nos braços enquanto ela estrebuchava, a boca preta de veneno...”

Comecei a tremer, os olhos fechados, os ouvidos fechados, mentira, mentira! Quando espiei por entre os dedos, o quarto estava vazio. Fiquei olhando para a pequenina poça de lágrimas no meio do assoalho. Minha mãe, judia?... Mas era horrível ser judeu, todos em meu redor viviam repetindo que era horrível, “ainda prefiro os pretos”, ouvi minha avó cochichar a uma amiga. A amiga fez um gesto qualquer que não pude ver. Minha avó acariciou-me a cabeça: “Não tem perigo, ela é Rodrigues até no andar...”

Agora entendia certas palavras, certos silêncios. Agora entendia tudo, principalmente a insistência com que se referiam às minhas semelhanças com meu pai. Cresci ouvindo a família se referir a essas semelhanças. Mas quase não se tocava no nome da minha mãe. Por que não falam nela? cheguei a me perguntar certa vez. De resto, lembrava-me bem pouco de ambos: tinha a idéia de que ele era alto, forte e gostava de rir. Quanto à minha mãe, ficara-me meio vagamente a lembrança de uns olhos pálidos – seriam azuis? – e de umas mãos louras, meio assustadas. Mais nítido do que sua fisionomia era o perfume do creme que ela usava nas mãos, senti-o numa prima e de repente tive quase inteira sua imagem, tal como me apareceu pela última vez de vestido lilás, segurando um violino. Seria bonita? Certamente não, mas devia ser mansa e

tímida, com medo das minhas tias, com medo do meu pai. Mais forte do que a beleza eu sentia nela o medo e com esse elemento quis delinear-lhe o perfil. Contudo, como no meu antigo jogo de pazel, faltavam algumas peças e fiquei a pensar se não andei tirando pedaços de outros quadros na ânsia de completar o seu retrato.

Tinham morrido num desastre de trens. “Mas não usa mais ninguém morrer em desastres de trem, por que justo agora seu filho e sua nora?...? estranhara uma amiga da minha avó, uma velha de cabelos azulados e dentes também azulados. Fiquei impressionada com a perfeição dos seus dentes e elogiei-os a Margarida que se pôs a rir. “Tudo postiço, sua boba!” Essa amiga era considerada “meio ruim da cabeça”, mas a exclamação que ela fez assim tão aparvalhadamente, gravou-se na minha memória, inesquecível como sua dentadura. Mas se não usava mais!...

Pois ambos tinham morrido num descarrilhamento e sido encontrados de mãos dadas debaixo da engrenagem, contara minha avó, os ossos moídos mas as caras intactas. Reproduzi com essas mesmas palavras o desastre à Margarida. Ela ouviu sem maior interesse, já conhecia os pormenores. Impressionou-se apenas com a palavra engrenagem. Foi ao dicionário saber exatamente o que aquilo significava. Sorriu triunfante. “Acho que a Madrinha quis dizer ferragem...”

Sarah Ferensen, judia. O F com um ponto não era Ferreira, não era Fernandes, era Ferensen. Metade do sangue de Margarida era negro, mas a metade do meu... Fechei a janela, fechei os olhos e encostei a face no vidro gelado. Não, não era mentira. Explicava-se assim o silêncio em torno do seu nome, sua ausência no álbum de cantoneiras de prata, “ela detestava tirar retratos”, justificou minha avó. Fechei os punhos e bati com força na vidraça embaçada. Com a ponta do dedo desenhei um J no vidro. Apaguei-o.

Teria que fazer agora como Margarida, apagar as pegadas da minha mãe para só ficar as do meu pai? Com quatro tachas pregaria seu retrato na minha cabeceira, como ela fizera com o pai polonês. Com quatro pregos eles tinham crucificado Jesus, podiam ter escolhido o ladrão. Mas escolheram a ele e por isso foram condenados a errar pelo mundo sem parada e sem sossego, estava escrito que teriam de viver assim, só querendo riquezas, só pensando em riquezas... Instintivamente fechei na mão o coraçõozinho de ouro dependurado no meu pescoço.

Em Margarida a metade maldita era evidente. E em mim? Examinei minhas mãos. Estaria nas minhas mãos úmidas? Nos meus cabelos castanhos? Nos meus olhos estrábicos? Andei em volta do quarto que de repente me pareceu sem ar. Escancarei a janela. A marca devia estar na minha metade ruim, naquela que intrigava, bajulava, traía. Mas por que fazia tudo isso? “Você tem tanto medo da sua avó! Por que você tem tanto medo assim?” Margarida me perguntara na noite em que recusei tomar o licor. Seria então o medo que me fizera dissimulada? Falsa?

Corri até à sala. Na penumbra do corredor fiquei a olhar minha avó na sua cadeira dourada, as agulhas se entrechocando por entre a malha apertada do tricô cinza a se desdobrar entre seus dedos como uma cota de aço. Desde que o marido morreu nunca mais tirou o luto: envelheceu tudo o que tinha de envelhecer e agora permanecia estagnada no tempo, os cabelos rigorosamente brancos, a pele opaca sob a leve camada de talco com perfume de violeta. Assim imutável como as próprias conservas que preparava nos grandes boiões de vidro, assim solitária posara no seu primeiro retrato de viuvez, os grandes olhos lúcidos, a cintura fina, os seios esborrachados sob o espartilho.

Sentei-me no almofadão de veludo grená, apoiei o queixo nas mãos e fixei-me na tapeçaria que pendia do

teto até a fronteira do piano. Por entre a folhagem ferruginosa do matagal, nos arabescos do desenho, descobri de repente a cabeça de um pequeno leopardo a me espreitar friamente. Estremeci. Desde que tomara conhecimento das coisas em redor, habituara-me a ver aquela tapeçaria sempre naquele mesmo lugar, conhecia-a nas suas minúcias e agora... Como era possível, como?

“Então? Ela está mais calma?” perguntou minha avó com sua voz profunda. Parou de chorar, respondi. Minha avó então sorriu, se é que se poderia chamar de sorriso aquele leve repuxar da pele na comissura esquerda do lábio: formavam-se três preguinhas e ali permaneciam tão exatas como se fossem cavadas na pedra. Um sorriso mineral, sem faltar o talco para secar qualquer eventual umidade.

“Não disse mais nada?” prosseguiu, afetando desinteresse. Assim começávamos nossos diálogos distraídos feitos de perguntas curtas, respostas curtas como os pontos do tricô tecendo a malha do entendimento. Apertei os lábios. Pela primeira vez não quis falar, pela primeira vez as palavras me intimidavam mais ambíguas do que centopéias com suas dezenas de patas formigando em todos os sentidos. Para aonde me levariam? Para aonde?

Desviei o olhar da tapeçaria. Encarei minha avó. Nela havia também um elemento novo, que eu não notara antes. Mas o que poderia ser? Ali estava com seus cabelos sempre iguais, com seu vestido igual, com sua sacola, seu tricô... Senti-me vigiada pelo seu olhar embaçado. Ou seria o leopardo que me vigiava por entre a folhagem? Meu medo deslizava no silêncio como ele deslizava na tapeçaria. Apanhei um fiapo de linha que estava no chão, enrolei-o no dedo.

E se lhe dissesse tudo? Com uma simples palavra, com um gesto ela reduziria os tais podres a qualquer coisa de tão insignificante que nem valeria a pena

encompridar o assunto. “Essa rapariga é muito fantasiosa”, diria, como já tinha dito mais de uma vez, apontando com desdém na direção de Margarida. E continuaria chamando de *desequilíbrio nervoso* à fuga de tia Bárbara, e continuaria qualificando de *lamentável acidente* à morte violenta de tia Ofélia: - na nossa família não podia haver nem adúlteros nem suicidas. Quanto à minha mãe, sim, tinha algumas gotas de sangue judeu. Mas que importância isso podia ter se em mim prevalecia o vigoroso sangue do meu pai? Ou não?...

Repito que me salvaria se naquela tarde tivesse lhe falado frente a frente. Mas não me sentia uma igual, sabia agora que sempre a temera, que o medo sempre estivera amoitado em mim como o leopardo no matagal. Voltei-me para o álbum de retratos na prateleira da estante. Folheei-o lentamente e pela primeira vez achei que as mulheres do álbum estavam tão apavoradas quanto eu. Por que apavoradas? Mas apavoradas. Tinham todas a respiração curta por causa do espartilho e os olhos alarmados, na expectativa de qualquer acontecimento. Enxuguei as mãos úmidas no vestido. O medo brotava dos meus dedos como um líquido viscoso a se infiltrar aos poucos nos retratos. Corrompi os retratos, pensei. Corrompi-os com o meu suor, um suor verde-pálido e que fazia Margarida resmungar enquanto lavava minha blusa do colégio: “A Ana Luísa transpira verde debaixo do braço!” Meu suor era verde, via-o agora do mesmo tom esverdinhado dos retratos que empalideciam e se colavam uns aos outros enquanto eu virava as páginas.

Fechei o álbum. Minha avó esperava. “Mas então?...” perguntou inclinando-se mais para as agulhas. Comparei-a às mulheres do álbum e achei-a rija, poderosa, sustentando com um orgulho feroz toda aquela pirâmide humana.

Então o que? perguntei baixinho. Ela voltou-se para mim. Evitei-lhe o olhar. “Falávamos de Margarida, filha... E refazendo uma laçada. Ela tem estado tão indócil, não é verdade? Desde que arranjou esse namorado fez tamanha diferença!”

Procurei desesperadamente alguma palavra para dizer-lhe e não encontrei nenhuma. Pude apenas inclinar a cabeça, concordando. Seria essa a minha reação habitual daquele momento em diante, concordar, concordar, também acho, a senhora tem razão. Tem razão. Senti a cara arder: pela segunda vez me vinha o impulso de restabelecer nossa comunicação tão misteriosamente cortada. Começaria por tomar suas mãos entre as minhas e naquele meu tom de inocência e malícia, contaria tudo o que Margarida dissera sobre a família, inclusive – e por que esconder-lhe? – sobre a ascendência da minha mãe. Ela teria seu sorriso mineral.– “Ah, disse isso também?” Não negaria nada, era demasiado superior para fazer qualquer desmentido. Esboçaria apenas um comentário sobre as leituras de Margarida, “eu bem avisei que aqueles romances não eram bons para ela.” E aparentemente haveria de perdoá-la, obedecendo ao seu saudável espírito cristão. Por mera curiosidade, sem demonstrar qualquer pesar ou surpresa, eu poderia insistir um pouco mais sobre minha mãe: era mesmo judia? Minha avó teria um muxoxo despreocupado, “*sim e não...*” Gostava dessa forma dúbia quando queria deixar uma resposta em suspenso, *sim e não...* Em seguida, apenas para encerrar com dignidade o episódio, teceria comentários gerais sobre os dissabores pelos quais passavam tantas famílias da melhor tradição. E de relance faria uma referência breve aos nossos parentes: os parentes perfeitos eram perfeitos e os imperfeitos só podiam ser estrangeiros ou loucos, evidentemente. Evidentemente.

“Eu queria que ela soubesse que fiz isso para o seu bem”, recomeçou minha avó apanhando o novelo de lã que rolou no tapete. Não desistia. Levantei-me. Vou fazer minha lição, disse. E saí na ponta dos pés, sentindo na nuca seu olhar de reprovação. Fui para o jardim. Margarida regava as plantas. Já tinha trocado o vestido pelo avental. Lavara o rosto que me pareceu com a expressão de sempre, um pouco mais fria, talvez. Fiquei olhando a água abrir-se no ar como um leque cintilante, trespassado de luz. O som das gotículas caindo na folhagem foi compondo uma música também luminosa.

Essa roseira secou? perguntei aproximando-me. Margarida continuou impassível, regando a terra de um vermelho violento. “Não se pode saber ainda”, respondeu. Sua voz pareceu-me distante, como se viesse de muito longe. Estávamos próximas como há pouco eu estivera próxima da minha avó. Contudo, se estendêssemos os braços não nos tocaríamos mais. Tirei a corrente do pescoço e estendi-lhe o coraçãozinho de ouro: Fique com ele, Margarida, é seu.

Ela olhou-o inexpressivamente. Era como se tivesse lhe estendido um daqueles pedregulhos que sentia sob as solas dos meus sapatos. “Para que eu quero isso?”

Mas é seu, insisti. Ela encolheu os ombros. Pousou em mim o olhar e vi então, que ele estava vazio, sem ódio nem amor, apenas vazio, “Já está dado, não está? Não costumo tomar o que já dei.”

Anoitecia. Voltei para o meu quarto. Antes, pensei em pedir-lhe perdão, Margarida, me perdoe, pelo amor de Deus, me perdoe! Fechei a janela. Durante o jantar, minha avó sondou-me com uma expressão suspeitosa. Advertiu-me por eu ter posto sal na sopa, “você põe sal demais em tudo!” Censurou-me por eu ter deixado cair o garfo, “mais cuidado, Ana Luísa! Veja o que faz ...” Escondi as mãos no regaço e sem

saber porque pensei na minha mãe empunhando o arco do violino.

Quando Margarida entrou com o chá, senti os olhos cheios de lágrimas. agora as três estávamos sós. E veio-me uma saudade atroz do chá da véspera, quando os mortos do álbum ainda eram felizes, quando minha mãe não passava do esboço de uma moça alourada que se chamava Sarah e gostava de música. Ali, como eu sabia então ser simpática, tagarela, como era fácil a hipocrisia, como podia-ser fácil a vida! Era bom dizer o que as pessoas desejavam ouvir, era bom fazer o que as pessoas queriam que se fizesse, a começar pela minha avó. Com que naturalidade me empenhava em conquistar todos, como era forte meu instinto naquele jogo, misto de cálculo e improvisação. Aprendi mais tarde, bem mais tarde que envelhecer é calcular. Como podia haver tanto cálculo em mim? Já nem percebia quando era sincera ou quando mistificava, de tal forma habituara-me a agir de acordo com as conveniências. Muitas vezes foi Margarida quem chamou minha atenção. “Mas Ana Luísa, como você pode achar aquela moça bonita? Aquela do vestido verde... Você estava falando sério? Quando cheguei e vi você dizendo aquelas coisas, quase caí de susto...” Eu então sentia vergonha mas para não me desmoralizar, sustentava a mistificação.

Ela desatava a rir. “Ah, ah, até parece que você ganha alguma coisa com isso...” Eu disfarçava, dissimulada, mas no fundo do coração ficava a indagar por que tinha que prosseguir mentindo, por que precisava bafejar o próximo para receber em troca o miserável sopro da retribuição.

“Até parece que você ganha alguma coisa com isso”, ela disse. E porventura não estava ganhando? Com sua franqueza, com sua agressividade Margarida era rejeitada por todos. Eu não provara ainda do sabor da rejeição. Era a menina normal, prestativa,

pronta para bater claras de ovos para os bolos, levar recados aos vizinhos e recitar nas reuniões das sextas-feiras, quando minha avó convidava as amigas da Cruz Vermelha para as chamadas tardes de caridade. Passavam horas costurando roupas para asilos e orfanatos, o rádio ligado, transmitindo a todo momento notícias do mundo prestes a mergulhar numa segunda guerra. “É o homem do século!” dizia minha avó. Falavam de Hitler.

Apesar do respeito que ela infundia, uma ou outra visitante discordava: “É insuportável com essa mania de racismo! Coitados dos judeus, eles também têm direito a viver...”

“Claro que têm! concedia minha avó com aquele superficial sorriso de diplomata. Devia desconfiar de que havia judias na roda. Mas não, não vamos entrar em política, que tal agora tomarmos nosso chá? Venha, Ana Luísa, venha dizer uma poesia!”

Desligava-se o rádio. Eu entrelaçava as mãos na altura do estômago e de pés unidos, desatava em versos que falavam em vasos de porcelana, jardins, pássaros, rosas, espinhos – temas ricos, riquíssimos de rimas sobre as quais me sentia flutuar como numa vaga de espumas, a voz melíflua, as mãos redondas... Quando o delicado tilintar de garfos ficava menos delicado, quando o contido mastigar tornava-se menos contido eu elevava a voz e acelerava o ritmo dos poemas até que com um simples olhar minha avó avisava que já era suficiente. Então, no meu tom polido, despedia-me das senhoras sem esquecer de dizer-lhes uma palavra amável, de preferência, um elogio breve sobre algum detalhe do vestuário, aprendera com minha avó o elogio do detalhe: a importância do remate de um punho, de um broche, de um botão... Elogiava esse botão. E saía com um ar bem comportado, afetando não ouvir os comentários que ia deixando para trás, “um encanto de menina, não é? Encantadora!”

Eu precisava ser encantadora. Já era o medo mas esse era um medo fecundo, estimulante e que me fazia amar o próximo, ou melhor, fazer com que o próximo acreditasse nesse amor. Teria em troca um juízo benevolente a meu respeito e nesse juízo me amparava. Devia ser o que esperavam que eu fosse, o que minha avó exigia que eu fosse. Agora não era mais. Mas por que mudara? Por que perdera a graça da ironia, da intriga?

“Ana Luísa, vamos jogar uma partida de xadrez”, determinou minha avó pousando a xícara de chá. Levantei-me e fui buscar o tabuleiro. Abri a caixa e coloquei as pedras, as pretas eram sempre as minhas. Não tinha a menor dúvida de que ia jogar mal. Viver mal. Contudo, eram os mesmos dedos da véspera. Que metamorfose os tornara inábeis?

“Namorar o filho de um juiz, imagine. Margarida anda por demais desfrutável!” começou minha avó movendo um peão. Era como se estivéssemos até há pouco tratando desse assunto. Baixei mais a cabeça sobre o tabuleiro. Desfrutável. O que seria desfrutável? Em outros tempos, eu teria pedido à Margarida que consultasse o dicionário. Agora era tarde.

Fui perdendo as peças todas, uma por uma. Minha avó irritou-se: “Por que não avança esse cavalo? Você precisa aprender a lutar, filha! Vamos, reaja!”

A rainha branca atravessou o tabuleiro e encurralou meu rei. Não tive por onde escapar. “Xeque-mate”, disse ela. Abri as mãos e tentei um sorriso. Outra partida, vovó?

“Não? filha. Você está jogando sem convicção. Fica monótono.”

Apanhei meu bordado. Ela acabaria por me desprezar, ah, se ao menos pudesse contar-lhe um caso qualquer, fazê-la sorrir como antes, a ela que achava graça em mim, que provocava minha tagarelice, minhas pequeninas perversidades... Senti-me tolhida:

era como se a agulha de linha vermelha que varava o pano, no mesmo movimento de zigzague, tivesse costurado minha boca.

“Você mudou muito”, disse-me alguns dias depois. Estávamos no jardim. Eu andava de um lado para outro, decorando regras gramaticais. Ela podava uma roseira. Inclinei a cabeça para o ombro, num débil movimento de interrogação: mudei?

“Tenho feito tudo por você, prosseguiu ela voltada ainda para roseira. Dei-lhe os melhores colégios, roupas, livros... Mas tenho notado que de uns tempos para cá você mudou tanto! Ficou apática, sem interesse por coisa alguma, mal responde quando eu pergunto, parece que foge de mim...”

Inclinei a cabeça para o peito, tinha razão, tinha razão, era tão generosa, tão dedicada e eu uma ingrata, incapaz de agradecer com um gesto ao menos tamanha dedicação, ah, como era possível sua neta ter-se transformado numa criatura assim? Uma filha do seu Eduardo, do seu maravilhoso Eduardo?!

Ouvi em silêncio as amargas queixas que se pôs a fazer enquanto ia podando a roseira. A tesoura implacável cortava rente os galhos que foram caindo, tão viçosos quanto os outros. Como ela soubera distingui-los? Recuei. Assim ela me cortaria também se não lhe provasse minha força.

“Chego a pensar às vezes que você tem medo de mim. Por que você tem medo de mim?” perguntou abrandando a voz. Voltei a inclinar a cabeça para o ombro na desolada mímica da submissão. Ela não entendia que era preciso não ter medo para poder justificar-lhe o medo.

“Ana Luísa, você está me ouvindo? perguntou de repente. E noutra tom, como se fizesse um comentário qualquer sobre a roseira podada: Interessante... Você está ficando parecida com sua mãe.”

Senti a cara latejar sob a violência das pancadas do sangue que se concentrou todo ali. Escondi-me atrás do livro. Através das lágrimas vi as letras despencarem pela página abaixo como pequenas latas fundidas.

“O dia hoje passou tão depressa, disse ela deixando cair no cesto a tesoura e as luvas de jardinagem. As visitas já devem estar chegando. Você vai aparecer logo mais?”, quis saber enquanto subia a escada.

Depois que terminar a lição, respondi. Mas ela já tinha desaparecido. O chá. Alguma das senhoras devia ainda insistir, no intervalo: “Recita, queridinha, por que você não recita mais para nós?” Eu voltaria a sacudir a cabeça, tão constrangida, tão infeliz que não só haveriam de se conformar com minha recusa como se sentiriam aliviadas com esse corte no programa. Que graça poderia ter agora aquela menina com cara de macaco exilado, ouvindo as conversas em torno de empregadas domésticas, moda, guerra?...

“É da idade, sussurrou minha avó indicando-me com o olhar apreensivo. Ela está chegando à adolescência e essa idade é muito ingrata, você sabe...”

A amiga concordou distraidamente. Ajudei Margarida a servir o chá. Quando voltei com o leite, uma mulher de óculos e cabelos cor de pinhão atacava a política de Hitler. “É o responsável por essa tensão em que nos encontramos, concordou a vizinha estendendo o prato para receber a fatia de bolo. Pôs-se a comer com voracidade. Se estalar uma segunda guerra, entraremos também, é óbvio! prosseguiu assim que esvaziou mais a boca. Tremo só de pensar que meus filhos poderão ser chamados, tenho três filhos homens, vocês sabem o que isso significa?”

Entrelacei as mãos úmidas. A conversa ia tomando o rumo detestável. Era como no jogo-do-está-quente, quando ordenava a Margarida que fosse procurar sua bolsinha que eu tivera o cuidado de esconder. Ela se aproximava tateante do ponto suspeito enquanto eu ia

vagamente anunciando o perigo: está ficando quente, mais quente ainda... agora está fervendo!

Apenas inverteram-se os papéis, as regras do jogo não estavam mais nas minhas mãos. Pronto pensei cerrando os dentes. Agora a mulher de óculos escuros vai calar a boca e minha avó vai começar a falar sobre os judeus, vai reto ao âmago do assunto, os judeus! E eu vou sair reto desta sala porque se não fizer isso, nunca mais poderei levantar a cabeça. Ela vai falar e eu vou sair imediatamente, é preciso fazer isso, sair imediatamente e bater a porta para que todos saibam que nunca mais hei de permitir que falem contra os judeus!

Não foi minha avó quem falou, ela cortava fatias de bolo e sorria aquele sorriso de anfitriã perfeita que prefere deixar os convidados à vontade. quem falou foi uma velha de cabelos azulados, parecida com aquela que tinha os dentes também azuis. Mas não era a mesma.

“Nesse ponto, acho que ele está certo. Tem então cabimento? Judeu é judeu e já disse tudo!”

Senti a garganta queimar, seca, dilacerada. Cheguei a agarrar o almofadão onde me sentara para saltar. Contraí-me toda dolorosamente. Fiquei. Pela segunda vez poderia ter-me salvo. Deixei passar a oportunidade e fiquei.

“Esta fatia é sua, filha. Pode repetir se quiser”, disse minha avó num tom brando.

Tomei o prato. A inesperada simpatia com que me tratou comoveu-me tanto que tive vontade de gritar. Ela sabe que eu sei, ela sabe, pensei tentando dominar o tremor da mão que segurava o prato. Apenas agora era diferente: o ataque vinha de uma estranha, de uma visita que indiretamente atacava sua neta e isso a atingia também. Tinha que ficar solidária comigo. E de um certo modo, solidária com o filho, até na morte de mãos dadas com a estrangeira sob as ferragens do trem.

Comecei a comer sem parar e era como se estivesse mastigando o guardanapo reluzente de goma. Eu também estava debaixo da engrenagem. Mas viva. Quando voltei para o quarto, Margarida guardava minha roupa na cômoda. Senti o coração pesado: olhei-a como se a visse pela última vez.

Você não se encontrou mais com o Alexandre? perguntei-lhe.

Ela dobrou minha camisola. Havia nos seus gestos uma delicadeza triste. Encarou-me com uma expressão cujo sentido não consegui alcançar e inclinou-se para fechar a gaveta: “Agora tenho outro namorado, pode ir contar isso a ela. Quer o nome? Antônio.”

Movi a cabeça num desconsolo. E tive vontade de dizer-lhe, Margarida, nunca mais, sabe? Nunca mais!... Pude apenas olhá-la. Por um momento, por um brevíssimo momento tive a impressão de que ela acreditou em mim, apesar de tudo, acreditou em mim. Afastou-se em silêncio. Voltou-se da porta e chegou a sorrir.

Quando fui chamá-la no dia seguinte, encontrei o quarto vazio. A cama ainda feita e o quarto vazio. Na parede encardida, a marca do lugar onde estivera o retrato do polonês: um retângulo branco e os quatro furos de tachas. Não sei quanto tempo ali fiquei imóvel perplexa. Fugira com Alexandre? Com o novo namorado? Ou sozinha?...

Minha avó recebeu a notícia tranqüilamente. Mas senti sua cólera desprender-se daquela falsa calma formando uma espécie de aura compacta, tão densa que eu poderia cortá-la com faca. Obscuramente achei-me responsável pela fuga de Margarida. Encolhi-me como um pobre bicho tomado de pavor.

“Fugiu com ele, é claro, com esse estudante... Como se chamava?...” perguntou ela estalando os dedos.

Cerrei os dentes com força. Sua mão roçou pela minha cabeça numa carícia meio enervada:

“Claro que se lembra, filha... Enfim, não importa, tomarei as providências, não hão de ir muito longo. Fez uma pausa. Cruzou os braços: Ora já se viu? Mestiça pretensiosa, ingrata! Quero agora uma preta retinta, com a tradição da raça e que infelizmente já está desaparecendo. Princesa Isabel, não é? Queria que vivesse até hoje para ver em que situação ficamos devido aos seus sentimentalismos!”

A nova empregada chamava-se Joana, minha avó terminou o casaco de tricô cinza e a guerra começou. A guerra, eu repetia a mim mesma. E olhava para o calmo céu de maio, sem nuvens, sem aviões. Olhava para minha avó, imperturbável, sorrindo sarcástica das minhas tias que tempos depois apareceram com a farda de voluntárias da Defesa Passiva Antiaérea: “Não sejam ridículas!”

“Mas se houver um bombardeio!...” protestaram ambas no auge da exaltação. Minha avó arqueava as sobrancelhas, com a contida impaciência de quem lida com criancinhas: “Não vai haver bombardeio. E se houver, o que vocês, duas tontas, poderão fazer? O quê?!”

Resolvi não pensar também no assunto. Milhares de judeus de mãos úmidas como as minhas estavam sendo massacrados. Mas estavam muito longe de mim, a guerra era longe, tudo longe, inútil os jornais insistirem com suas manchetes em pânico, inútil o rádio anunciar de hora em hora as últimas notícias em ritmo de metralhadora. Passei a detestar os jornais. Passei a evitar o rádio. “Não fomos chamados a meter nossa colher torta no meio”, advertiu minha avó.

Fechei-me no meu quarto com meus livros. E lia, lia sem parar, ah, como era horrível quando tinha que abrir minha concha e havia aquela invasão, como era exasperante tudo o que ficava além da minha porta!

Queria passar a mão nos meus objetos conhecidos, sem surpresas, sem imprevistos, só queria usar sapatos já gastos, afeitos aos meus pés. E roupas já velhas, de cores tímidas, que não chamassem nunca a atenção de ninguém, meu Deus, se fosse possível entrar numa greta do assoalho do quarto e ali ficar sem ser vista pelas gentes, sem ser vista pelos deuses! Nos feriados, metia-me em cinemas. Minha avó tinha confiança em mim, achava-me incapaz de cometer os tais desatinos, não por virtude, mas por pura falta de imaginação. Dessa forma, eu tinha uma certa liberdade de entrar e sair sem provocar-lhe observações mais geladas do que as habituais. Chegava a ver três filmes por dia: era quando me sentia bem, diante de uma tela ou mergulhada num romance, tão mergulhada que era uma violência subir à tona e ter que tomar consciência da outra realidade a me puxar pela manga, “Ana Luísa, está na hora do jantar!”

Não freqüentava clubes. Não tinha amigas. Quando me sentia por demais só, entrava numa confeitaria e me punha a comer doces, sem olhar para os lados.

Há muito minha avó já tinha desistido de fazer de mim, a jovem como ela própria fora ou quisera ser – enérgica corajosa, brilhante. Eu era apagada, medrosa. “Mas por quê?! devia se perguntar num misto de desconsolo e revolta. Por que eu tinha que me transformar naquela verdadeira mosca mortal” Gostava dessa expressão, “mosca morta”... Suas esperanças foram-se esboroando uma a uma. Não era fácil me perdoar por isso. Esgotadas as antigas fórmulas com as quais me espicaçava, passou a lançar mão da ironia. Cansara-se de inventar novos estímulos para fortalecer meu caráter, como já dissera mais de uma vez. Eu era fraca, o que para ela significava falta de caráter. Não havia nada portanto a fortalecer. Seus lábios, de natureza finos, ficavam mais finos ainda quando me dirigia a palavra. “Ana Luísa, seus dedos já são cur-

tos. Roendo assim as unhas, como é que eles vão ficar?” Irritava-se com meu penteado: “Com o cabelo todo para trás sua testa fica maior ainda, filha. Por que não corta uma franja?” Minha magreza era também o tema predileto das suas investidas: “Você está ficando uma tábua, Ana Luísa. Não sei por quem teria puxado, as moças da nossa família sempre foram tão saudáveis...”

Só meu estrabismo ela aceitava com uma ponta de satisfação: “Meu Eduardo tinha esse mesmo olhar estrábico, lembrava. Era seu maior encanto.”

A comparação com meu pai me fazia sorrir, aliviada. Devia residir aí a única nota harmoniosa que havia em mim.

Nos primeiros anos do curso ginásial, estudei ferozmente para ser a primeira da classe. Dava-me náusea passar o tempo todo empenhada numa vigília mesquinha para ter notas mais altas, repugnava-me fazer provas com o objetivo de agradar especialmente cada um dos professores. Todo aquele processo da competição me era odioso. Submetia-me a ele só para fazê-la esquecer a funda decepção que minha simples presença lhe causava. Não, não esquecia. Examinava superficialmente meu boletim, dizia um “ainda bem!” e não se detinha mais no assunto. Meus pobres louros escolares eram considerados deveres: pois não tinha bons livros, boa comida, uma casa confortável? E então?

Não me empenhei mais em vencer naquela melancólica corrida. Dedicava-me apenas às matérias que realmente amava; quanto às outras, procurava alcançar a média suficiente para a promoção. Com isso, ela passou a examinar detidamente meu boletim e que agora constituía mais uma prova da minha mediocridade. Substituiu o “ainda bem!” por um sorriso com qualquer coisa de triunfante: “Que decadência, hem, filha? Eu devia saber que aquele seu primeiro impulso não podia mesmo durar...”

Uma noite – estávamos no Natal – falei-lhe da minha intenção de fazer um curso especializado de línguas. Ela tamborilava com as pontas das unhas no copo e o som do cristal era tão frio quanto a sala de móveis pesados, mal iluminada. “Sua mãe tinha essa mesma facilidade para línguas, disse ela lentamente. Aliás, os judeus em geral...”

Concordei em silêncio. Mostrara-se ácida desde cedo, assim que soube de mais uma derrota do Eixo, “culpa desses ingleses! Foi assim também quando perdemos a...” Estalou nervosamente os dedos. Como não encontrasse a referência, calou-se.

Fomos para a sala onde estava armada a árvore. Ali reuniu-se a família em meio de uma conversa entremeada de frutas secas, vinho e sarcasmos trocados entre minha avó e o grupo mais próximo de parentes que se amavam e se detestavam com igual intensidade. Quando todos se foram, ela lançou-me um olhar gelado: “Ana Luísa, por que não pôs seu vestido novo? E esse cabelo!... Já disse que sua testa é grande demais, não disse? Seria muito difícil experimentar uma franja? Por que insiste em ser desagradável? Feia?!”

Sentei-me no almofadão. Eu gostaria de ser bonita, respondi. Ela apanhou no chão uma avelã e apertou-a entre o polegar e o indicador, como se quisesse quebrá-la. Sentou-se na cadeira dourada. “Isso é polêmica, filha. Você está fazendo polêmica. Essa sua negligência é direta contra mim.”

Tive vontade de rir. Seria um riso trêmulo, mas riso. Baixei o olhar para um sino cintilante que pendia de um galho da árvore. E apertei o estômago. Minha mãe também sofria do estômago, os medrosos sofrem do estômago.

A senhora acha que sou infeliz só para desgostá-la? perguntei num tom tão apagado que teve que se inclinar para ouvir.

Joana entrou para levar os pratos e com isso fiquei sem a resposta que gostaria de ter. Estendi a mão e fiz o sino girar. E se me casasse? Se me casasse poderia me libertar. Mas ficaria em lugar o marido, teria então que me livrar dele. A não ser que o amasse... Mas minha avó já advertira que era muito raro os dois combinarem em tudo. E esse em tudo que ela queria dizer, era o amor. “Raríssimas mulheres sentem prazer, filha. O homem sim mas a mulher não, o que não tem essa importância que parece. Temos que cumprir nossas obrigações, o resto é supérfluo. Se houver, melhor, mas se não houver paciência, ninguém vai morrer por isso...”

Ninguém? tive vontade de perguntar-lhe. Lembrei-me de tia Ofélia a correr em redor da cama, a mão escondendo o sexo, “não, não!...”

Baixei o olhar para o álbum de retratos. Primeiro elas tirariam o espartilho e depois se deitariam obedientes, tão geladas quanto os lençóis, “ninguém vai morrer por isso...” Mas elas já estavam mortas.

“Tive notícias de Margarida, começou minha avó enquanto abria um vidro de água de colônia que ganhara. Aspirou o perfume. Tapou-o com um ar de enfado. Afinal, não fugiu com o tal estudante, fugiu com o primeiro vagabundo que encontrou na esquina, um desses desclassificados, preto... Preto, imagine. Quando penso que criei aquela desavergonhada como filha!”

Fiquei a alisar com a ponta do dedo o vinco de uma folha de papel prateado. Se Margarida tivesse fugido com o estudante, sem dúvida seria uma pretensiosa, mas a ingratidão seria menor. Mas com um preto! Criá-la como filha para acabar com um preto! Não podia mesmo deixar de se sentir diretamente agredida.

Esperei que me desse detalhes. Não quis dar: “Esse assunto não me interessa mais. E voltando-se para Joana: Já pôs água para o chá? Então venha

adiantar seu trabalho”, ordenou tirando o tricô da sacola. Dera-lhe os novelos de lã para fazer um casaco. Quando o casaco ia chegando ao fim, a pretexto de que os pontos estavam mal feitos, desmanchava uma boa parte e assim conseguia seu objetivo: obrigar a jovem a ficar sempre entretida com alguma coisa. “Essas meninas não podem de jeito nenhum ficar desocupadas, é preciso dar-lhes serviço o tempo todo para que não se ponham a pensar em bobagem..”

Joana sentou-se no tamborete e retomou as agulhas do casaco encantado. Reparei que a lã do novelo já estava ficando ensebada. Debrucei-me, na janela e fiquei a olhar para o céu cheio de estrelas. Amava a Deus? Ou simplesmente o temia? Meus olhos se turvavam de lágrimas quando imaginava a morte da minha avó. Contudo, a idéia de liberdade me fazia flutuar como a poeira luminosa da Via-Láctea. O que era medo e o que era amor?

Podia ouvir meio remotamente sua voz melodiosa tecendo comentários a respeito de um dos seus temas prediletos: a virgindade. “É o único tesouro das moças pobres, Joana. Sem dinheiro, sem família, o que lhe restará depois? O quê?!”

A virgindade! Para ela, as jovens se dividiam em dois grandes grupos: o grupo das virgens e o grupo das que não eram mais virgens. As primeiras percorreriam a estrada de flores sem tropeços ou imprevistos com óleo suficiente nas lamparinas. Haveriam de se casar, ter filhos, felizes como devem ser felizes todas as que se conservaram puras. As jovens do segundo grupo, as virgens loucas, estariam fadadas a um caminho completamente fechado de espinhos. Desmoralizadas, na maior solidão acabariam seus dias chorando lágrimas de sangue, isso se não lhes sobreviesse algo de pior o que minha avó nem ousava mencionar. Levantava a mão espalmada e punha-se a sacudi-la profeticamente, “não gosto nem de pensar!...”

Fui para meu quarto. Deixei em cima da cômoda os presentes que vinham me lembrar que eu não era mais uma menina: dois vidros de perfume, um par de pequenas argolas de ouro, uma echarpe de seda, um romance provavelmente de amor... Minha avó dera o corte de lã para um tailleur. E um figurino francês.

Deitei-me de bruços, acendi o abajur e li até de madrugada. Quando o problema do herói da história pareceu esmorecer, apaguei a lâmpada e pensei no meu problema. Não queria pensar mas era inevitável: agora ia se travar a batalha do casamento. Batalha? Por que lhe dava um nome assim pomposo? Não haveria batalha alguma, ela já decidira que eu devia me casar cedo. Restava-me colaborar. “Não quero fechar os olhos antes de deixá-la em segurança”, ouvia-a dizer várias vezes. E segurança significava casamento. Referia-se sempre de maneira a mais cruel às minhas tias solteiras, essas “encalhadas” como costumava chamá-las. O desprezo com que pronunciava essa palavra, fulana parece que “encalhou”...

Eu queria estudar, viajar, ler. Mas tinha que casar porque “o brilho da juventude dura muito pouco, filha. Veja o exemplo das suas tias que ficaram distraídas, borboletando. Quando deram acordo de si...”

Senti as lágrimas descerem mornas pelas minhas têmporas. “Deus vomitará os mornos”, ela gostava de citar. Cortar logo a tal franja para esconder a testa, usar soutiens com enchimento para aumentar o busto, sombrear as pálpebras para dar à fisionomia um toque de mistério... E fazer com que o estrabismo se transformasse em motivo de charme, assim como em meu pai. Esfreguei com força o lençol na cara. As meninas da minha idade já se enfeitavam espontaneamente, o natural instinto as inspirava diante do espelho, ninguém precisava dizer-lhes como fazer para os rapazes se aproximarem. Por que eu resistia? Teria razão minha avó? Fazia questão de ser feia só para

irritá-la? Pensei em minha mãe com seu violino inútil, com sua morte inútil. Deixara-me um nome que eu aprendera a renegar: Ferensen. E aquela impotência. Aquela insegurança. A guerra já estava no fim, os judeus iam ser deixados em paz de agora em diante. Mas até quando? Por que minha mãe não vivera um pouco mais para me dizer que eu devia levantar a cabeça e rir dos tolos, dos enfatuados que ainda insistiam no preconceito de raça? Por que não vivera para dizer o quanto eu, sua filha, era bela, inteligente, graciosa?!... Afoguei os soluços no travesseiro. Fora cômodo para ela morrer ainda jovem, de mãos dadas com o homem que amava. Mas e eu?

A luz delicada da manhã já se infiltrava pelas venezianas quando fechei os olhos. Mas que felicidade? Não, não, ela não podia ter sido feliz, a família toda até hoje lembrava como as mulheres o cercavam, como era grande o seu fascínio. Podia ter resistido. Mas era vaidoso demais para resistir. Do ventre da minha mãe já lhe ouvia o choro, as queixas... E então? Pensando bem, a melhor coisa que ela fizera mesmo foi ter morrido de mãos dadas com ele, debaixo de toda aquela engrenagem. “Não é engrenagem, é ferragem”, corrigira Margarida. Minha Margarida... Libertara-se. Mas estava desesperada demais para usar dessa liberdade. Enxuguei as lágrimas. Um dia haveria de encontrá-la e então lhe diria que atormentando-a como a atormentei, fora quem eu mais amara na infância. Aspirei com energia a brisa fresca da manhã, apaziguada com a idéia de que devia estar escondido em mim um grão ao menos da coragem daquela longínqua tia Bárbara que saiu de casa para comprar rendas e acabou desaparecendo com um padre.

Este não serve porque é velho e míope, pensei durante a missa do primeiro domingo do ano. Fiquei sorrindo para o teto da igreja, onde anjos esvoaçavam por entre flores. Minhas idéias também se despetala-

vam sem sentido como as rosas das guirlandas. Distraí-me em calcular como o pintor fizera para pintar aquele teto, que posições tomara... Difícil, não? Fixei-me num anjo de cabelos castanhos como os meus. E estrábico. A irritação da minha avó quando alguém lhe sugeriu que eu podia ser operada do estrabismo. “Operada por quê? Mas se é esse olhar que lhe dá uma nota mais marcante, o único sal que ela tem!...” Troquei com o anjo um olhar de cumplicidade.– nosso único sal. De resto, a desconfiança que tinha em relação a médicos não lhe permitia pensar sequer em operações supérfluas, “ai daquele que lhes cair no bisturi!”

A missa terminara e ela não apareceu embora tivesse dito que era falta grave não assistir à primeira missa do ano. Vivia pregando a necessidade de se praticar os mandamentos da Igreja mas ela mesma não seguia mandamento algum. “Comigo é diferente”, respondeu a um tio que ousou chamar-lhe a atenção. Sugeriu que entre Deus e ela havia uma certa aproximação, um secreto entendimento que a dispensava desses rituais. Joana também não precisava ir à missa, mas por outros motivos: “Primeiro a obrigação e depois a devoção”, dizia-lhe. Podia haver forma melhor de agradar a Deus do que ficar em casa trabalhando?

Quando saí da igreja, chovia. Foi então que Rodrigo veio me oferecer o guarda-chuva.

Eu já lera em romances, vira no cinema essa fórmula fácil de dizer um ao outro logo no primeiro encontro: “Tenho a impressão de que já nos conhecemos há tanto tempo!”

Não tive a impressão, tive a certeza. Ele aproximou-se e me ofereceu o guarda-chuva. Deixei-me levar com a mesma naturalidade com que me conduziu. Falava alto. Ria alto. Mas não era vulgar. Os gestos lentos tinham a agilidade harmoniosa de um gato. Sua mão segurava meu braço afetuosamente mas com certo

desprendimento, de forma que eu pudesse me desvencilhar se quisesse. Encarei-o de repente. Minha cara ardeu: tive ainda a certeza de que seríamos amantes.

Você estava na missa? perguntei-lhe. Ele riu atirando a cabeça para trás. O riso era contagiante: “Na missa? Eu?...” Vestia um belo impermeável preto mas o guarda-chuva era velhíssimo, da pior qualidade.

“Vou fazer seu retrato, disse enquanto tomávamos café num bar. Assim mesmo como está, de pulôver vermelho e meio vesguinha, você é meio vesguinha... Também sou pintor, adiantou rapidamente. Mas minha paixão é o *jazz*, um dia ainda vou dirigir uma orquestra de *jazz*.”

Na semana seguinte eu já estava instalada no seu apartamento minúsculo, ouvindo seus discos. Falei-lhe sobre minha avó. Ouviu-me com a maior seriedade mas as vezes desatava a rir. Mesmo quando parava de rir, a cara ainda continuava iluminada. “Você está perdendo aquele jeito de quem está soterrada debaixo de um monte de pedras, disse acariciando minha cabeça. E já não olha tanto para os lados, como se estivesse fugindo da polícia.”

Tinha quatro anos mais do que eu, cursava vagamente um vago curso de admissão, pintava, ouvia *jazz* e acabara de ganhar uma bolsa de estudos para a Irlanda.

Por que para a Irlanda? lembrei-me de perguntar. Ele ficou me olhando. Os cabelos louros eram crescidos. As mãos finas, de unhas bem cuidadas.

“Quero sua testa descoberta no retrato, disse puxando minha franja para trás. Juro que vai ser o retrato mais lindo do mundo.”

Falava muito nesse retrato. E nas enormes viagens que faríamos montados na sua motocicleta. No fundo do coração eu sabia que não ia haver nem retrato nem viagem. Mas isso também não tinha importância, nada tinha importância, aprendi com ele. Nem

isso? Sou judia, Rodrigo, pelo menos metade judia, disse-lhe durante um almoço. Ele esvaziou o copo de vinho e inclinou-se, sigiloso: “Não direi ao garçom, Lulu, mas só se você me der seu quinhão de carne de porco. Faço qualquer negócio por um naco de carne de porco!” bradou agarrando os talheres. E sorriu: “escuta, amor, você vai me prometer que nunca mais sentirá pena de si mesma, que não vai se achar mais nenhuma coitadinha, vamos, prometa! Não sei o que será de nós nem nada, mas haja o que houver, você vai me prometer ...”

Eu conhecia bem os defeitos maiores da minha avó o que podiam se reduzir a dois: orgulho e avareza. Sabia ainda que tinha esses mesmos defeitos sem ter sua coragem. Mas só no amor é que descobri o quanto eu era egoísta e mesquinha, de uma mesquinharia feita mais de tristeza do que de outra coisa. Confessava-me a ele com a maior humildade, sou ruim, covarde, não te mereço! Ele sorria: “De repente você vai ficar de bem consigo mesma e então vai ser formidável. Eu também estive assim mas passou. Somos muito jovens, Lulu, jovens como os bois que não sabem a força que têm... Acabou a guerra mas logo vai começar outra. E quando não tem guerra tem guerrilha, por Deus! tudo isso é válido, faz parte da vida. Temos que ser descuidados, guarde essa palavra, descuidados, nada de previsão, nada de planos. Amar também assim, descuidadamente.”

Durante dois meses usei de todos os recursos e estratégias para esconder de minha avó meu pobre amor. Para esconder-lhe sobretudo a esperança. Pergunto hoje a mim mesma se desde o primeiro dia em que encontrei Rodrigo ela já não teria pressentido sua presença. Deixou-me prosseguir por curiosidade, malícia como fazia nas nossas partidas de xadrez, quando me animava a lutar, “avança logo esse cavalo!” Montei no meu cavalo e galopei pelo tabuleiro numa ingê-

nua demonstração de independência. Quando achou que eu já estava exorbitando, entrou rápida com seu jogo.

“Domingo a Joana vai fazer uma torta de galinha. Por que não o traz para almoçar aqui?” perguntou-me. Senti um calafrio. O tom era brando. O olhar manso. Mas sua bondade me assustava ainda mais do que seus sarcasmos.

Não sei se ele vai poder, comecei vacilante. Ela atalhou-me:

“Claro que pode, filha. Não gosto de vê-la namorando pelas ruas, como essas empregadinhas.”

Abracei-o com força, beijei-o repetidas vezes, na boca, nos olhos, nos cabelos, Rodrigo, Rodrigo!... Ele empertigou-se: “Vovo nazista vai ter um impacto diante da minha elegância, olha aí, veja minha gravata assinada, Jacques Fath, Lulu, Jacques Fath!”

A gravata não fazia sentido com a roupa desbotada nem com os sapatos de andejo, com prováveis furos nas solas. Lembrei-me do primeiro dia em que nos vimos, quando me apareceu com a capa preta. E com aquele guarda-chuva miserável. Ri-me por entre as lágrimas. Ele riu também. “Ora, Lulu, o que  que ela poderá nos fazer?...”

Fez.  verdade que o amor teria resistido se não fosse tão frágil assim, tão sem viabilidade, como aquela criança que morreu sem motivo aparente, enquanto o médico são conseguia dar uma explicao que não explicava, “não tinha viabilidade...” verdade que seu sutil conta-gotas teria destilado em vo o veneno se soubéssemos nos defender. Não soubemos. Nossas primeiras brigas começaram quando eu quis adverti-lo do perigo, das ciladas, Rodrigo, ela não pode gostar de você, essa amabilidade toda  falsa, não acredite Ele resistia. Era por demais distraído, fiel à palavra que tanto usava: descuidado. Chegou a se irritar comigo: “Sei perfeitamente que sua avo  uma burguesa inveterada, nasceu assim, vai morrer assim, é um tipo.

Respeito esse tipo. Sei ainda que sou o oposto do homem que ela sonha para genro, para neto, corrigiu rindo. E daí?... Enquanto for simpática com a gente, que mal há nisso?”

Convidava-o quase diariamente para jantar. Servia bons vinhos, provocava sua tagarelice. E ficava a sorrir na sua cadeira dourada, a sacola de tricô ao lado, as agulhas metálicas caminhando sinuosas debaixo da lã. “O nosso baterista”, costumava chamá-lo. Como eu protestasse, fazia um ar cândido: “Mas se foi ele mesmo que disse que seu ideal é tocar numa bateria... Você não ouviu?”

“Nosso baterista vai pintar meu retrato”, anunciou-me. Eu discutira com ele na véspera, chamara-o de irresponsável. Discutíamos agora com frequência. A reconciliação fazia-se no amor, total, plena. Para em seguida ficarmos mais amargos ainda, ilhados por entre as cobertas.

Ele não tem dinheiro para as tintas, disse-lhe.

“Posso pagar adiantado”, respondeu ela amarrando um avental na cintura espartilhada. Preparava um bolo.

Perturbei-me. Que significava aquilo? Teria mudado tanto assim? Ultimamente vinha queixando-se de pontadas no coração, falta de ar... Seria a preocupação da morte que a fizera acolher o primeiro pretendente?

“Pena que ele não pretenda nada, prosseguiu num tom consternado. Mais de uma vez já afirmou que não pensa tão cedo em casamento, está radiante assim solto, até o fim do mês irá a Irlanda... Estou repetindo as palavras dele.”

Interpelei-o com a maior aspereza: Sei que não quer se casar comigo, sei disso, mas por que tinha que dizer a ela! Era preciso?!... Ele aumentou o volume da vitrola e deitou-se no sofá. “Sua avó tem razão, você sonha mesmo é com uma casa, uma geladeira, um

cachorro. E eu não tenho nem o cachorro... Só posso oferecer um lugar na minha motocicleta. Vamos?”

Servi-o de uísque e servi-me também. E o dinheiro para a viagem? perguntei-lhe. Ele estendeu-me a mão num movimento gracioso. “Vovó me ofereceu um empréstimo, pensa que com isso se livra de mim. Para as tintas, fez questão de frisar. Ela é muito elegante...”

Elegantíssima, eu disse. Deixei-o recostado nas almofadas, belo como um anjo ouvindo em êxtase o seu *jazz*.

“Então partiu mesmo? surpreendeu-se ela uma semana depois. Não era muito certo, coitado. Mas tão simpático!”

A sala com um vago cheiro de altar. As porcelanas. A tapeçaria com o leopardo espiando por entre as árvores. O piano, o lustre com pingentes em formato de lágrimas, a sacola de tricô tudo, tudo estava exatamente como há dez anos, quando ali vinha me sentar, ouvindo maravilhada as histórias sobre os eleitos da família que viveram e morreram em estado de perfeição. Por que tinha medo, aprendi a falar no mesmo tom da minha avó: nós, os Rodrigues... Por que tinha medo aprendi a calar desde o momento em que Margarida levantou o tapete e mostrou o assoalho carcomido: os podres da família... Quando dei acordo de mim, fugia espavorida como um rato por entre as pernas das pessoas que passeavam tranqüilas como se estivessem num parque.

O amor me fez fulgurante. É certo que fora um amor afobado como um desses frutos que apodrecem antes de amadurecer. Assim que minha avó vestiu sua cota de malha cinzenta, ele depôs as armas logo no primeiro degrau da escadaria. Mas que importava a duração? Fora amor. Passara velozmente como no sonho que tive na véspera, onde nem cheguei a ver as feições de Rodrigo, só pude adivinhar-lhe o vulto, Acenou-me. E sumiu deixando atrás de si a barulho da motocicleta

que logo se confundiu – poeira e som – com o motor de um caminhão de estrada. Mas fora amor. Apurou-se minha autocrítica, nunca pude me ver com tamanha lucidez como me vi, com uma dureza que muitas vezes fez Rodrigo me repreender: “Não exagere, Lulu, a gente é sempre melhor do que pensa...”

Mas mesmo nas fases mais agudas dessa autoflagelação eu tive o que nunca tivera antes: esperança. Esperança em mim, nos outros, esperança em Deus que eu nem sabia se existia ou não, mas que de qualquer forma jamais me abandonaria mesmo quando me perdesse como a última das ovelhas na fossa mais escura. “Avance esse cavalo!” ela ordenava naquele jogo em que eu preferia perder as peças para apressar a derrota. “Avance esse cavalo, vamos, reaja!” Eu teria aprendido a reagir se ela me pedisse com bondade, eu precisava de bondade, um simples afago, um olhar teria me ajudado tanto. Mas era enérgica demais, tinha que me sacudir, me interpelar naquele tom de fio de navalha. E eu sabia agora que no fundo me amava, mas por que esse fundo era tão fundo assim? Por que um pouco ao menos daquele amor não viera nunca à superfície? De que me adiantava saber que havia um musgo aveludado debaixo do mármore? Mas se eu só tocava no mármore... “Avance esse cavalo”

Agora ele avançava com naturalidade, sem pensar sequer na vitória, mas que vitória?... Cuspira o freio cheio de sangue, ah, como era belo assim livre meu cavalo negro.

“Por que você está sorrindo?”

Eu estou sorrindo? surpreendi-me. Tive vontade de rir. No dia seguinte, quando ela encontrasse meu quarto vazio, haveria de entender o secreto sorriso.

“Quero que saiba, filha. tudo o que fiz e tenho feito é só para o seu bem. Nunca permiti que lhe faltasse nada, dei-lhe tudo do melhor, fiz sacrifícios enormes!”

Não esquecerei, prometi encarando-a. O ódio que

devia ter sufocado, as lágrimas que devia ter engolido em meio de toda aquela humilhação de nos saber amantes. E sem poder explodir, tendo que agir lentamente, contrariando sua natureza despótica, fazendo-se humilde, ela que era o próprio orgulho. Tendo que apalpar o terreno como uma cega, ela que tinha olhos poderosos.

“Nunca quis interferir e se ofereci a Rodrigo...” começou reticente. Calou-se meio assustada, mordiscando a ponta da agulha de tricô. Não, não era prudente provocar-me para novas competições, melhor falar do empréstimo em outra ocasião: não faltaria oportunidade para lembrar que Rodrigo me trocara por uma viagem. Considerava a partida ganha. Contudo, agora estava exausta, tinha que se refazer desses dois meses nos quais envelhecera demais. Pedia a trégua.

“Toda essa história desse rapaz... Não queria que você sofresse, filha.”

Mas eu não estou sofrendo, respondi.

Ela voltou-se escandalizada:

“Não?!...”

Inclinou-se afetando examinar as agulhas. Quer dizer que eu fora uma desmiolada, uma impudente e ainda continuava assim calma? Sem sofrimento? Conseguiu sorrir. Era triste de se ver o arremedo de sorriso franzir a face rosada como pedra antiga.

“Ainda bem. Decerto também ele vai se conformar, vocês são tão jovens, é fácil esquecer.”

É fácil, murmurei levantando-me. Apertei as palmas das mãos contra os olhos. Era estranho ouvir ainda sua voz que parecia vir de dentro do álbum de retratos. E o álbum estava na prateleira.

“Logo você conhecerá alguém que a ame realmente, não é, filha? Não precisa ser rico, precisa é ter juízo. Você levará um bom dote, tudo o que tenho é seu, claro.”

É claro, repeti apanhando o novelo de lã que rolou pelo chão. Lembrei-me de repente de um gatinho

que achei na rua e levei para casa. Dois dias brinquei com ele ali naquele tapete. No terceiro dia ela mandou Margarida levá-lo dentro de um saco, “detesto gato!” Chamava-se Raimundo.

“Você está me ouvindo, Ana Luísa?” perguntou empertigando-se.

A senhora dizia que vou-me casar com um moço ótimo, que o importante é me guardar, murmurei no mesmo tom servil da meninice.

Olhou-me com uma expressão intrigada. Estaria sendo irônica? Eu?... Suspirou pensativa. E cruzou os braços, como se sentisse frio:

“Saber se guardar, sim, insistiu baixando a voz. Nós, os Rodrigues, somos às vezes impetuosos. Mas temos muito amor-próprio.”

É que também sou Ferensen, atalhei-a com doçura. Ela sacudiu a cabeça energicamente.

“Não fale assim! Você é Rodrigues, eu sempre disse que nosso sangue é forte, predomina. Não quero que tenha esse complexo, filha.”

Encarei-a. Eu devia estar sorrindo quando respondi. Ela perturbou-se. Não tinha mais esse complexo? Bizarro... Encolheu de leve os ombros, entrelaçou as mãos entre os seios e contraiu a boca num ricto doloroso.

A senhora está se sentindo mal? perguntei aproximando-me.

“Aquela dor...” disse debilmente, alisando o peito. Desabotoei-lhe a gola alta do vestido. Usaria de agora em diante o recurso da doença: já que eu mudara, também ela mudaria de tática. Haveria de me dobrar com a chantagem da morte.

Quer que tire seu espartilho? perguntei ao sentir-lhe na cintura a rigidez das barbatanas.

“Não, filha. Eu me sentiria pior sem ele.”

Abri a janela. O céu estava palpitante de estrelas. Respirei de boca aberta o hálito da noite: logo iríamos amanhecer!

ANEXO C

“O profeta”

O profeta

Todas as ilusões perdidas, só lhe restara mesmo aquele gesto. Suspenso já o passadiço, e tendo soado o último apito, o vapor levantaria a âncora. Olhou de novo os guindastes meneando fardos, os montes de minérios. Lá embaixo correrias e línguas estranhas. Pescoços estirados em gritos para os que o rodeavam no parapeito do convés. Lenços. De longe o buzinar de automóveis a denunciar a vida que continuava na cidade que estava agora abandonando. Pouco lhe importavam os olhares zombeteiros de alguns. Em outra ocasião sentir-se-ia magoado. Compreendera que a barba branca e o capotão além do joelho compunham uma figura estranha para eles. Acostumara-se. Agora mesmo, ririam da magra figura toda negra, exceto o rosto, a barba e as mãos mais brancas ainda. Ninguém ousava, entretanto, o desafio com os olhos que impunham respeito e confiavam um certo ar majestoso ao conjunto. Relutou com os punhos trançados nas têmporas à fuga de seu interior da serenidade que até ali o trouxera. Ao apito surdo teve consciência plena da solidão em que mergulhava. O re-

torno, única saída que encontrara, afigurava-se-lhe vazio e inconseqüente. Pensou, no momento de hesitação, ter agido como criança. A idéia que se fora, agigantando nos últimos tempos e que culminara com a sua presença no convés, tinha receio de vê-la esboroadada no instante de dúvida. O medo da solidão aterrava-o mais pela experiência adquirida no contato diário com a morte. Em tempo ainda.

– Desçam o passadiço, por favor, desçam!...

A figura gorda da mulher a seu lado girou ao ouvir, ou ao julgar ouvir, as palavras do velho.

– O senhor falou comigo?

Inútil. A barreira da língua, sabia-o, não lhe permitiria mais nada. O rosto da mulher desfigurou-se com a negativa e os olhos de súplica do velho. Com exceções, o recurso mesmo seria a mímica e isso lhe acentuaria a infantilidade que o dominava. Só então percebeu que murmurara a frase, e envergonhado fechou os olhos.

– Minha mulher, meus filhos, meu genro.

Aturdido mirava o grupo que ia abraçando e beijando, grupo estranho (mesmo o irmão e os primos, não fossem as fotografias remetidas antes ser-lhe-iam estranhos, também), e as lágrimas que então rolaram não eram de ternura, mas gratidão. Os mais velhos conhecera-os quando crianças. O próprio irmão havia trinta anos era pouco mais que um adolescente. Aqui se casara, tivera filhos e filhas, e casara a filha também. Nem recolhido às molas macias do carro que o genro guiava cessaram de

correr as lágrimas. As perguntas em assalto respondia com gestos, meias-palavras, ou então com o silêncio. O corpo magro, mas rijo, que apesar da idade produzira trabalho, e garantira sua vida, oscilava, com as hesitações do tráfego, e a vista nenhuma vez procurou a paisagem. Mais parecia concentrar-se como que respondendo à avalanche de ternura. O que lhe ia por dentro seria impossível transmitir no contacto superficial que iniciava agora. Deduziu que seus silêncios eram constrangedores. Os silêncios que se sucediam ao questionário sobre si mesmo, sobre o que de mais terrível experimentara. Esquecer o acontecido, nunca. Mas como amesquinhá-lo, tirar-lhe a essência do horror ante uma mesa bem posta, ou um chá tomado entre finas almofadas e macias poltronas? Os olhos ávidos e inquiridores que o rodeavam não teriam ouvido e visto o bastante para também se horrorizarem e com ele participar dos silêncios? Um mundo só. Supunha encontrar aquém-mar o conforto dos que como ele haviam sofrido, mas que o acaso pusera, marginalmente, a salvo do pior. E conscientes disso partilhariam com ele em humildade o encontro. Vislumbrou, porém, um ligeiro engano.

O apartamento ocupado pelo irmão ficava no último andar do prédio. A varanda aberta para o mar recebia à noite o choque das ondas com mais furor que de dia. Ali gostava de sentar-se (voltando da sinagoga após a prece noturna) com o sobrinho-neto no colo a balbuciarem ambas coisas não

sabidas. Os dedos da criança embaraçavam-se na barba e às vezes tenteavam com força uma ou outra mecha. Esfregava então seu nariz duro ao arredondado e cartilaginoso e riam ambos um riso solto e sem intenções. Entretinham-se até a hora em que o irmão voltava e iam jantar.

Nas primeiras semanas houve alvoroço e muitas casas a percorrer, muitas mesas em que comer, e em todas revoltava-o o aspecto de coisa curiosa que assumia. Com o tempo, arrefecidos os entusiasmos e a curiosidade, ficara só com o irmão. Falar mesmo só com este ou a mulher. Os outros quase não o entendiam, nem os sobrinhos, muito menos o genro, por quem principiava a nutrir antipatia.

– Ai vem o "Profeta"! Mal abri a porta, a frase e o riso debochado do genro surpreenderam-no. Fez como se não tivesse notado o constrangimento dos outros. Atrasara-se no caminho da sinagoga e eles já o esperavam à mesa. De relance, percebeu o olhar de censura do irmão e o riso cortado de um dos pequenos. Só Paulo (assim batizaram o neto, que em realidade se chamava Pinkos) agitou as mãos num blá-blá como a reclamar a brincadeira perdida. Mudo, depositou o chapéu no cabide, ficando só com a boina preta de seda. Da língua nada havia ainda aprendido. Mas, observador, se bem que não arriscasse, conseguiu por associação gravar alguma coisa. E o "profeta" que o riso moleque lhe pespegara à entrada, ia-se tornando familiar. Seu significado não

o atingia. Pouco importava, no entanto. A palavra nunca andava sem um olhar irônico, uma ruga de riso. No banheiro (lavava as mãos) recordou as inúmeras vezes em que os mesmos sons foram, pronunciados à sua frente. E ligou cenas. Do fundo boiou a lembrança de coisa análoga no templo. O engano esboçado no primeiro dia acentuava-se. A sensação de que o mundo deles era bem outro, de que não participaram em nada do que fora (para ele) a noite horrível, ia se transformando lentamente em objeto consciente. Eram-lhe enfadonhos os jantares reunidos nos quais ficava à margem. Quando as crianças dormiam e outros casais vinham conversar, apalermava-se com o tom da palestra, as piadas, concupiscentes, as cifras sempre jogadas, a propósito de tudo, e, às vezes, sem nenhum. A guerra o despojara de todas as ilusões anteriores e afirmara-lhe a precariedade do que antes era sólido. Só ficara intacta sua fé em Deus e na religião, tão arraigada, que mesmo nos transe mais amargos não conseguira expulsar. (Já o tentara, reconhecia, em vão.) Nem bem se passara um ano e tinha à sua frente numa monótona repetição o que julgava terminado. A situação parasitária do genro despertou-lhe ódio, e a muito custo, dominou-o. Vira outras mãos em outros acenos. E as unhas tratadas e os anéis, e o corpo roliço e o riso estúpido e a inutilidade concentravam a revolta que era geral. Quantas vezes (meia-noite ia longe) deixava-se esquecer na va-

randa com o cigarro aceso a ouvir numa fala bilíngüe risadas canalhas (para ele) entre um cartear e outro.

– Então é isso?

Os outros julgariam caduquice. Ele bem sabia que não. O monólogo fora-lhe útil quando pensava endoidar. Hoje era hábito. Quando só, descarregava a tensão com uma que outra frase sem nexos para ele. Recordava-se que um dia (no início, logo) esboçara em meio a alguma conversa um ténue protesto, dera um sinal fraco de revolta, e talvez seu indicador cortasse o ar em acenos carregados de intenções. O mesmo na sinagoga quando a displicência da maioria tumultuara uma prece.

– Êsses gordos senhores da vida e da fartura nada têm a fazer aqui – murmurara algum dia para si mesmo.

Talvez daí o *profeta*. (Descobriria, depois, o significado.)

Pensou em alterar um pouco aquela ordem e principiou a narrar o que havia negado antes. Mas agora não parecia interessar-lhes. Por condescendência (não compreendiam o que de sacrifício isso representava para ele) ouviram-no das primeiras vezes e não faltaram lágrimas nos olhos das mulheres. Depois, notou-lhes aborrecimento, enfado, pensou descobrir censuras em alguns olhares e adivinhou frases como estas: "Que quer com tudo isso? Por que nos atormenta com coisas que não nos dizem respeito?"
Havia rugas de remorso quando re-

cordavam alguém que lhes dizia respeito, sim. Mas eram rápidas. Sumiam como um vinco em boneco de borracha. Não tardou que as manifestações se tornassem abertas, se bem que mascaradas.

– O senhor sofre com isso. Por que insiste tanto?

Calou. E mais que isso, emudeceu. Poucas vezes lhe ouviam a palavra, e não repararam que se ia colocando numa situação marginal. Só Pinkos (ele assim o chamava) continuava a trançar sua barba, esfregar o nariz, e contar histórias intermináveis com seus olhos redondos. Inutilidade.

O mar trazia lembranças tristes e lançava incógnitas. Solidão sobre solidão. Interrogava-se, às vezes, sobre sua capacidade de resistir a um meio que não era mais o seu. Chiados de ondas. Um dedo pequeno mergulhando em sua boca e um riso ao choque. Riso sacudido. Poderia condenar? Não, se fosse gozo após a tormenta. Não, não poderia nem condenar a si mesmo se por qualquer motivo aderisse, apesar da idade. Mas os outros? Cegos e surdos na insensibilidade e auto-suficiência! Erguia-se então. Caminhava pelos cômodos, perscrutando no conforto um contraste que sabia de antemão não existir. Aliciava argumentos contra si mesmo, inutilmente. E do fundo um gosto amargo, decepcionante. Os dias se acumulavam na rotina e lhe era penosa a estada aos sábados na sinagoga. O livro de orações aberto (desnecessário, de cor murmurava todas as preces) fechava os olhos às intrigas e

se punha de lado, sempre de lado. No caminho admirava as cores vistosas das vitrinas, os arranha-céus se perdendo na volta do pescoço, e o incessante arrastar de automóveis. E nisso tudo pesava-lhe a solidão, o estado de espírito que não encontrara afinidades

Soube ser recente a fortuna do irmão. Numa pausa contara-lhe os anos de luta e subúrbio, e triunfante, em gestos largos, concluía pela segurança atual. Mais que as outras sensações essa ecoou fundo. Concluiu ser impossível a afinidade, pois as experiências eram opostas. A sua, amarga. A outra, vitoriosa. E no mesmo intervalo de tempo! Deus, meu Deus! As noites de insônia sucederam-se. Tentou concluir que um sentimento de inveja carregava-lhe o ódio. Impossível. Honesto consigo mesmo entreviu sem forças essa conclusão. E suportou o oposto, mais difícil. As formas na penumbra do quarto (dormia com o neto) compunham cenas que não esperava rever. Madrugadas horríveis e ossadas. Rostos de angústia e preces evolvendo das cinzas humanas. As feições da mulher apertando o chale no último instante. Onde os olhos, onde os olhos que mudos traíram o grito animal? Risada canalha. Carteados. Cifras. Olha o "profeta" aí! E caras de gozo gargalhando do capote suspenso na cadeira. Impossível.

Gritos amontoados deram-lhe a notícia da saída. Olhou o cais. Lentamente a faixa d'água aumentava aos acenos finais. Retesou todas as fi-

bras do corpo. Quando voltassem da estação de águas encontrariam a carta sobre a mesa. E seriam inúteis os protestos, porque tardios. Aproveitara as duas semanas de ausência. O passaporte de turista (depois pensavam em torná-lo permanente) facilitara-lhe o plano. O dinheiro que possuía esgotou-se à compra da passagem. Regresso. A empregada estranhou um pouco ao vê-lo sair com a mala. Mas juntou o fato à figura excêntrica que no início lhe infundira um pouco de medo. Planos? Não os tinha. Ia apenas em busca da companhia de semelhantes, semelhantes, sim. Talvez do fim. As energias que o gesto exigiu esgotaram-no, e a fraqueza trouxera hesitações. E ante o irremediável os olhos frustrados dilataram-se na ânsia de travar o pranto. Miúdas, já, as figuras acenando. O fundo montanhoso, azulando num céu de meio-dia. Blocos verdes de ilhotas e espumas nos sulcos dos lanchões. (Há sempre gaivotas. Mas não conseguiu vê-las.) Novamente os punhos cerrando e trançando, as têmporas apoiadas nos braços, e a figura negra, em forma de gancho, trepidando em lágrimas.

ANEXO D
“Sem rumo”

SEM RUMO

Observou o intruso parado à porta:

caboclo alto e magro, barba crescida e cabelos por cortar, olhos de gato, pardos e pequenos, faces encovadas de doente ou faminto no rosto miúdo vivo. “Dia patrão”. A voz era descansada, calma e profunda, uma voz de nortista, contrastando com a cantante e rápida do homem do bar. A roupa compunha-se de calça de cáqui, presa à cintura por um barbante, e, à guisa de camisa, um paletó de brim já sem uma das mangas. Cor de ambos indefinível. Descalço. Uma sacola encardida pendurada num dos pulsos.

– Dia, patrão! Dia, patrão!

– Bom dia. Alguma coisa?

– O senhor pode me informar se esta casa aí é o Ministério do Trabalho?

– É, sim. A delegacia.

– E qual a hora que eles começam a trabalhar?

– Ao meio-dia é que abre.

– Meio-dia! A gente precisando e ter que ficar na espera. E é do trabalho; imagine se fosse da diversão. Nem abria nunca. Devem ser umas dez horas, né?

– Mais ou menos.

- Bem. Paciência. Vamos esperar, posso, não posso.
- É o jeito...
- Entrou, sentou-se. As palavras seguintes saltaram uma a uma, pausadas, moles:
- A gente vem de tão longe...
- Onde é você?
- Sou das Alagoas, sim senhor. Nasci em Viçosa. Lugar pequeno, mas porém bonito, patrão.
- Veio de lá há pouco tempo?
- Vim não, patrão. Faz muito tempo que saí, sim senhor. Eu era um gurizote desse tamainho. Seca, meus pais morreram, peguei um pau-de-arara e me toquei. Doze anos eu tinha, mas tão pequenino que nem parecia oito. Meti o pé no mundo. Sou viajeiro.
- Nunca mais voltou lá?
- Voltar voltei, patrão. Mas não me dei bem não senhor. Me acostumei a andar, sabe, a andar. Queria conhecer este Brasil, melhorar de sorte. Bobagem: tudo igual pros pobre. Continuo então: me parece que tenho bicho carpinteiro, sim senhor, patrão, bicho carpinteiro. Não crio raiz, nunca posso parar muito tempo em nenhuma parte, me toco logo pra diante, sem rumo certo.
- Por quê?
- Pensou, coçou a barba:
- Nem sei; melhorar mesmo não melhora. Viajar... conhecer... talvez.
- Já conhece o Brasil todo?
- Todo não – e riu. – Alguma coisa, alguma coisa. Que não é fácil conhecer ele todo: um mundão! Nunca mais que acaba.
- Como veio parar aqui?
- Pois é, eu lhe conto, né, sim senhor, patrão, eu conto. Mas me deixe descansar que estou com fome, faz muito tempo que não vejo o de comer.
- Quer fazer um lanche?
- Ah, se quero... mas porém... – e fez um gesto expressivo com os dedos, significando que não tinha dinheiro.
- Não se preocupe com isto. Depois você me dá uma ajuda na mudança de uns caixotes. Enquanto mastigava o pão e engolia o café, explicou:
- É assim: vou andando por este mundão sem fim, quando falta o de comer, paro, trabalho um pouco, não me

acerto, largo e continuo a andar; a última vez que estive parado, trabalhando, foi lá bem pro norte de Santa Catarina, sim senhor, quase no Paraná, o nome do lugar até que não sei não, não me lembro, trabalhei numa estrada de ferro que estão fazendo, só uns dias, mas o trabalho era duro, muito duro que nem queira saber, e quando eu digo duro é porque sei, e eles exploravam a gente: pagavam uma porcária de miséria e o povo todo tinha que comprar no armazém deles, pagar pousada pra eles, tudo pelo dobro do preço. Vim membora, sim senhor, quem trabalha pra macho é relógio. E isso quando não pára.

– E como veio parar aqui, se mal pergunto, como foi que veio de lá até aqui?

– Vim no calcanho, patrão, sim senhor, no calcanho; sem um tostão no bolso, me disseram, os sacanas, que ainda fiquei devendo, veja só; por todo este estradão de Deus só um chofer me deu carona, coisa de uns quinze quilômetros, os outros dizia, “ não posso, não posso não”; que dias passei, patrão, que dias! Nem queira saber: apanhei frio e calor, chuvas e geadas, dormi nas estradas, debaixo de árvores, nos matos, nalgum rancho que encontrava vazio. E a comida? Nem me pergunte, patrão, pedia nas casas, não tenho vergonha de confessar; pedir, acho, é melhor que roubar. Ou não? Já nem sei mais. Pedia. Mas só um ou outro dava, quase todos me mandavam trabalhar, mas não me diziam onde nem me ofereciam trabalho, patrão, como se eu fosse algum malandro, se não andasse à procura de trabalho. Cadê ele, porém! Isto me doía fundo. Logo eu que já trabalhei com gente boa, que já dei do duro. “Me arranjem trabalho pra ver...” dizia. “Não tem não...” respondiam. E então? Veja só: trabalhar como? Só se eu lhe contar o que já trabalhei, em quê, no mato e nas cidades, do norte ao sul, medo do pesado não tenho não. Tocava pra diante. Quando a fome era muita da grande, da demais, eu comia banana e outras frutas verdes que apanhava no mato. Até raízes. Passava num roçado de milho, apanhava duas ou três socas. Engolia assim mesmo ou, mais adiante, numa casa, mandava assar. Depois, toca pelo caminho, comendo milho assado com poeira e tomando água fresca que encontrava nas bicas ou em riachos de beira de estrada.

– Viajou muitos dias?

Acabou de mastigar, refletiu, meneou a cabeça:

– Não sei não, não senhor. Perdi a conta.

– Que veio fazer aqui?

– Vim trabalhar, sim senhor. Me disseram que na base aérea estão precisando, uns aterros.

– Você já esteve lá?

– Já, patrão. Não me deixaram entrar, não senhor. O homem que contrata os serviços mandou dizer que tenho de tirar uns papel aqui no Ministério do Trabalho pra levar pra ele. Até achei estranho: em geral gente com papel em dia é que não querem.

– É. Aqui na agência do Ministério... Mas, você nunca tirou, já tirou, ou já tomou alguma providência, já tem algum documento da Delegacia de Polícia?

– Como?

– Tem algum papel de polícia?

– Não senhor, daqui não tenho não senhor.

– E de outro lugar?

– Também não. Nenhum. Perdi tudo. É uma história muito complicada pra mode lhe contar.

– Não, pra mim não precisa contar. Só que...

– É, é mesmo patrão. Nem tinha me lembrado. Sempre é bom andar de bem com esta gente. Mas minha papelada andava toda em dia. Até pedi, quando perdi tudo, uma declaração. Só o que resta. Quer ver, quer, patrão?

– Não, não precisa, mas acho que você não devia mais perder tempo.

– É, isto, bem lembrado. Bem, obrigado por tudo, patrão, muito obrigado. Vou lá. Depois eu volto. Não vou me esquecer do serviço pra lhe pagar a bóia. Onde fica mesmo a casa?

– Fica ali, naquela rua, olhe... quebre à esquerda, depois....

O caboclo levando-se, o dono do bar levou-o até a porta, mostrou.

– Obrigado, patrão, sim senhor. Vou lá, vou lá, sim senhor. Até logo mais.

À tardinha, voltou sorridente:

– Boa tarde, patrão, como lhe corre a vida? Tá uma tarde bonita mesmo, né ? Taqui os papel da polícia, veja. Só falta ali – e fez um curioso meneio com a cabeça, na direção do prédio.

– É – disse o dono do bar – agora só falta aquele ali.

O caboclo pediu licença, sentou-se perto do balcão, no mesmo lugar de antes, sobre uns caixotes, puxou um pedaço de fumo de corda do bolso, tomou a faca e começou a cortar o fumo. Depois de picado, mexeu-o entre os dedos, bem, até fazê-lo ficar solto. Então, pegou um pedaço da ponta de um jornal.

– Dá licença, patrão – ia dizendo, ao mesmo tempo em que rasgava.

– Tome uma palha de milho, é melhor.

– Não, não, patrão, não. Eu quero é papel desse de jornal mesmo. Posso tirar? Não gosto de palha de milho.

– Pode. Gosto não se discute. Mas me explique por que não gosta de palha de milho. Os bons fumantes de palheiro...

– Palha de milho, patrão, dá muita sede. A gente cospe muito. A sede dá fome. E a fome é o diabo. Fome é mesmo o único diabo do pobre, patrão. Outros não há, não. Só a fome. Eu sei. Sei.

Voltou a atenção para o cigarro: cortou o papel, formando a mortalha, pôs-lhe o fumo, enrolou-o entre os dedos, com cuidado extremo, levou a beirada do papel aos lábios, colou uma das extremidades do papel ao corpo assim formado. Depois, cigarro na boca, pediu:

– Me dá um fogo, patrão.

Acendeu o cigarro, tirou longas baforadas e, enquanto seguia no ar as aspirais de fumaça, cuspinhou para um lado e agradeceu:

– Obrigadinho, patrão, muito obrigado. Bem, agora eu vou até no ministério ali. Vou ver se tiro os papel aqueles.

– Depois eu volto. Até mais logo, sim!

No outro dia. Tardinha chuvosa e triste. Bar vazio como sempre. Uma lâmpada iluminava parcamente o ambiente, esparzindo sua luz sobre as prateleiras com garrafas de bebida, latas de conserva, algum de comer, cigarros e teias de aranha.

– Tarde feia, hein, patrão.

– É. Como vai? E então?

– Hei, patrão, tou indo, né. O caso é que ainda não arranjei o dinheiro pros papéis aqueles do ministério. Tou vindo agora, outra vez, de lá. E nada.

– É muita coisa?

– Pra mim é. Preciso, também, de retrato. Mais dinheiro.

– E daí?

– Não sei não.

– Onde ficou ontem?

– Dormi num tal de “Albergue Noturno” que me indicaram, aquele prédio perto do riacho da avenida, sabe onde é, mas não gostei não. A gente toda ficou em pelo enquanto eles vão passar uns troços na nossa roupa, diz que é pra mode de desinfetar. Deixa é uma catinga danada. Depois o povo todo vamos tomar banho. Banho dá fome, imagine. Luxo. E a fome é o diabo; pros pobre é mesmo o único diabo. Depois a gente vamos rezar; reza não mata a fome, não. Comida, que é bom mesmo, quase da nenhuma. Nenhuma. Não gostei não, patrão, não gostei nada. Nem volto. Se precisar, vou dormir no jardim.

– E agora, que vai fazer?

– Vou ver se arranjo o dinheirinho aquele, fazendo uns servicinhos avulsos por ali. Me disseram que num tal de Estreito, pro outro lado da ponte, estão carregando navio argentino com madeira. Quem sabe. Se não... não sei. O que for há de vir, né? Me arranje um cafezinho bem quente; estou encharcado. E tremendo de frio.

– O dono do bar serviu-o, depois deixou-o falando e foi atender dois pretos que acabavam de entrar. Ambos molhados, tiritantes.

– Que toró – diz um, baixo e magro.

– Uma caninha pra gente – pede o outro, alto e forte.

– E rápido, rapidinho.

O baixo e magro, de roupa escura e remendada, descalço, nervoso e ávido, pega logo do copo.

O caboclo está continuando com a conversa:

– ... se eu topasse um trabalhinho qualquer...

Mas o baixo e magro interrompeu-lhe a frase e oferece:

– Uma cachacinha pra esquentar? Hun!

– Não, obrigado. Não bebo. Nunca bebi.

– Mas uma caninha num dia de chuva é bom – quem responde é o preto alto e forte.

Este veste um terno de brim escuro. A roupa está gasta, suja e amarrotada. Um pedaço de chapéu cobre-lhe a cabeça. Calça sapatos cambados.

Pega o copo da mão do companheiro e diz:

– Então não quer?

E sem esperar resposta, bebe, deixando um restinho no fundo. Estala os beiços, faz “birr”, exclama “eta caninha boa”, dá o copo ao baixo e magro, o qual vira o resto de um gole, depositando o copo no balcão ao mesmo tempo em que faz um gesto pedindo que o caixeiro repita a dose.

O caboclo, enquanto o alto e forte paga a cana, dá um sorriso irônico que lhe repuxa a boca:

– A caninha é mesmo boa pra tudo: calor, frio, chuva e sol, dor de cabeça, de dente, de estômago, de ouvido, de cotovelo – remédio milagroso pra tudo. Mas a caninha é mesmo boa é pra quem gosta. Quem gosta é que faz dela remédio pra tudo. Meio pra mode poder ir bebendo.

– Eu não preciso de desculpa. Bebo porque gosto – afirma o alto e forte, encarando o outro.

– Ainda bem. Admiro gente sincera.

– Mas que é remédio, lá isto é também. O meu ermão..

– Não sei não.

– Vancê tem cara de viajado, de de fora. Tô lhe estranhando esse seu jeito – prossegue o mesmo preto.

– Estranhando pro mode de quê?

– Tu é nortista, né, né mesmo? – insiste, enquanto o baixo e magro se esforça por perceber o que dizem.

– Sou de Viçosa. Alagoas. Lugar bom. Pequeno mas porém bonito e bom. Por que quer saber, se mal pergunto.

– Porque nortista gosta de pinga, é mesmo bom no copo; lá diz que é mesmo terra de pinga boa. Conheci um baiano, hu–hu, que coisa...

– Que é, é, cana boa é de lá. Mesmo em Viçosa. Mas aqui está um que não gosta. Nunca bebi.

– E lá das Alagoas veio para aqui, hein! Como?

– No calcanho. Andando. Por este mundão de Deus. Quem tem perna vai a Roma.

– Que é que ele diz, cumpadre – pergunta, curioso, o baixo e magro.

– Que é de Viçosa, Alagoas, e que nunca bebeu cana – retruca o alto e forte, virando-se para o companheiro. E ao caboclo:

– Ele é surdo....

– Ah, surdo... Eu tinha um companheiro lá prá ri

banceiras do S. Francisco, depois me acompanhou pra S. Paulo, podia vir o mundo abaixo que ele não ouvia. Como aquele nunca vi... Morreu esmagado numa construção. O elevador carregado esmagou ele, sem que ele escutasse o barulhão da descida.

– Nunca bebeu cana... – murmura o surdo, um espanto profundo na voz baixa e cheia de admiração. Aquilo, para ele, é inconcebível. “Nunca bebeu cana... han..han...” repete para si mesmo, querendo se convencer daquela verdade. Dirige-se, agora, num tom mais alto, ao caboclo:

– Vai ficar aqui ou vai se tocar pra diante?

– Pois é, né, sabe, sim senhor, estou procurando trabalho, o patrão aqui sabe, já contei tudo pra ele.

– Sim – confirma o do bar.

– Que é que ele disse? – pergunta o surdo.

– Está procurando trabalho – responde o alto e forte, em voz gritada.

– Trabalho ... tá duro...

– Mas eu...

– Fale bem alto – interrompe o dono do bar – ele é surdo que nem uma porta.

– Aqui é difícil de se arranjar trabalho – esclarece o alto e forte.

– É, é muito difícil – confirma o do bar. E depois de uma pausa – cada vez mais difícil.

– Mas porém eu trabalho em qualquer coisa. Nunca escolhi, sei fazer de tudo um pouco. Pau pra toda obra.

– Vou ver se arranjo os papéis pra mode de trabalhar nos serviços da base.

– Da base aérea? Da base aérea, veja!

– É.

– Que nada – o surdo gesticula muito, excitado. – Que nada. Hum–hum. O dinheiro lá custa a correr. Quando corre. Eu tinha um primo lá, que trabalhou duro mais de quatro semanas e não recebeu um tusta.

– E o meu irmão – exclama o alto e forte, agitando os braços – o meu irmão está trabalhando um tempão danado, dando duro, aquela besta, e nem enxergou a cor do dim.

– Não seja bobo. Não vá pra lá. Você precisa é dum troço que dê grana logo–logo. Hun–hun, deixe ver.

– Pois é, né, mas muita gente me disseram que eles paga bem.

– Que foi? Que foi, hun–hun.

– Ah–ah–ah – só vendo. Disseram pra ele que os homens da base paga bem – escarnece o alto e forte.

– Foi aqui mesmo perto de Florianópolis, quando eu vinha pra cá.

– Que paga nem meio paga. Besteira. Vai por nós. Eles podem contratar bem, pudera. Mas pagar, hun–hun – fala o surdo, convictamente, enquanto engole nova pinga.

– Vai esperando. Sentado – confirma o alto e forte, abanando a cabeça, ao mesmo tempo em que pega o cálice da mão do companheiro.

– Qué que vou fazer então? Não sei onde arranjar outro. Vocês mesmos me dizem que tá duro arranjar serviço, me dizem que aquele não serve. E outro? Não conheço a cidade, nem sei onde procurar. Tenho andado nestes últimos dias de um lado pro outro, e necas. Medo de trabalhar não tenho não, já contei aqui pro patrão o duro que tenho dado, olhe estas mãos, trabalho desde deste tamaninho.

– Que foi que ele disse?

– Que medo de trabalhar não tem – grita o alto e forte.

– Levei todo dia pra chegar na tal de droga da base.

– O que hun–hun? Fale mais alto, ouviu.

– Levei o dia todo pra chegar na base aérea.

– Mas tem um caminhão que leva de graça – informa o surdo.

– Tem! Pois eu não sabia. Outra vez eu pego ele.

– Pega nada, pega nada – retruca o surdo – Hun–hun, pra quê? Aquilo não dá dinheiro, já disse.

– Mas porém eu tenho precisão, necessito de me virar, né?

– Que é que ele disse cumpadre Cid? Hun–Hun...

– Diz que tem de trabalhar.

– Ter tem, é claro. Quem não tem? Hun–hun.

– Vocês não sabem de nada? – interfere o dono do bar.

– Cumpadre Cid – volta outra vez o surdo – e aquele carregamento de madeira pra Argentina?

– Necas. Tá no fim.

– O que?

– Tá no fim.

– Pena. Tali um trabalhinho bom. Biscate legal.

– Não adianta mais não...

– Pois tinham me falado.

– Tava ali um trabalhinho bom. Não tá mais.

– Cumpadre Cid – é o surdo, pensando, procurando – o Mané Português da venda não estava precisando dum empregado pra mode de cuidar das carroças e fazer as entrega das compra pros freguês?

– Precisar, precisava! É mesmo – exclama o cumpadre Cid.

– Ele paga mais ou menos. Dá casa e comida. – explica o surdo.

– Bem me servia, era bom mesmo.

– É um bom homem – comenta o cumpadre Cid. – A mulher também é boa senhora.

– Hun–hun, muito boa gente. Prestativa – torna o surdo. E virando-se para o dono do bar:

– O senhor conhece, né?

– Não, não conheço.

– O quê, hun–hun?

– Não conheço.

– Não conhece? Será possível! Um negociante da importância do Mané Português e o senhor não conhece ele! Hun!

– É que estou há pouco tempo aqui – esclarece o dono do bar.

– O que é que ele diz, cumpadre Cid? – nota-se uma pontinha de desprezo no tom do surdo.

– Está há pouco tempo aqui e por isso é que não conhece o Mané Purtuguês.

– Vá lá, hun–hun, ah, sim, agora sim. Não era possível...

– Mas porém – fala o caboclo – onde é que nós ficamos, cadê a casa do homem qué pra mode de nós ir lá.

– Fica lá pras bandas da avenida Tico-Ttico – diz o cumpadre Cid – não tem como errar.

– Que foi que ele perguntou?

– Perguntou aonde é a casa do Mané Purtuguês – grita o dono do bar.

– Fica um pouco pra cá do Saco dos Limões ...não tem como errar... hun–hun... você...

– Não, não, cumpadre, tu tá enganado... corrige o alto e forte.

– O quê? Hun–hun.

– Tu tá enganado. Tu tá enganado.

- Enganado eu, nunca, nunca, hun–hun.
- Tá, sim. Tá.
- Me explica: enganado como, me explica, anda.
- O Mané Português está morando na Avenida Tico–Tico.
- Que Tico–Tico que nada. No Saco dos Limões é que é. Hun–hun.
- Sai pra lá.
- O quê?
- Não te alembra então... daquele nosso porre...
- Ele se mudou, homem, se mudou faz um tempão.
- Verdade. Mesmo? Tens certeza? Eu não sabia. Depois daquela nunca mais fui lá.

Mas que farra gozada, hein, hein?

– Se mudou... vai por mim. No Saco é fácil de achar, tem uma placa na frente, indicando, fica bem na estrada, uma casa grande, bonita.

– Tá melhorando, o sacana do portuga.

– É, mas eu não sei não – murmura, desanimado, o caboclo.

– Vá perguntando. Fica até mesmo no caminho da base – esclarece o alto e forte, meio sem jeito.

– Pro lado das mulheres da vida – acrescenta o surdo – Tem umas casas novas ali perto, escondidas. Cada dona...

– As puta – informa, objetivo, o cumpadre Cid.

O caboclo sorri:

– Quanto tempo faz que eu não durmo com mulher! Estou com uma vontade, ocha! Mulher é bom, né? Hein, patrão! A última vez, sabem, foi num lugar que chamavam de Serra Alta. Nem sei mais se Santa Catarina ou Paraná. Uma galegona boa, carnuda, uma peitarama, parei lá, o homem dela estava fora, fiz o meu joguinho, deu deu, não deu não deu, paciência. A gente precisa de mulher, né?

– Precisar, precisa – diz o cumpadre Cid. E depois de uma pausa – mas o diabo é que elas querem dinheiro.

– Às vezes com uma conversinha... bom papo, sabem com é.

– Faz como eu: casa – interrompe o surdo, atento à conversa, sem escutá-la, mas entendendo-a pelo sentido e pelas expressões fisionômicas.

– Casar com uma espiga como a dele é melhor não – diz em voz bem baixa o cumpadre Cid.

– Que foi que tu disse, cumpadre Cid? Hun–hun.

– Nada não. Nós tava falando dele ir no homem.

– Hun–hun. Bem. Hum.

– Mas voltando ao nosso causo, como ficamos? Se vocês querem ir comigo até lá, lá na casa, eu vou.

– Casa?

– O que ele diz, cumpadre Cid?

– Pra gente ir na casa.

– Casa, que casa? Das mulher?

– Não, na venda. Como é mesmo o nome dele?

– Mané Purtuguês.

– Hun–hun, nós não pode, não é cumpadre Cid – se desculpa o surdo, apelando para a confirmação do outro, que responde mais que rápido:

– Temos que trabalhar, fazer uns carroto já, só estamos esperando estiar um bocadinho mais. Olha, melhorou, tá uma chuvinha que vai logo parar. Sinão a gente ia, pode acreditar – explica, meio titubeante, como quem deixou alguma coisa por contar, mas que não a quer ou pode contar.

– É, pois é, né, então se vocês não vai comigo, aí eu não vou não, né?

– Mas você não está precisando do emprego? – pergunta o dono do bar.

– Precisar preciso. E muito. Mas porém se eles não for comigo lá eu não vou não. Sei, aí não vai adiantar nada, sabe, sei como são essas coisas, como é, tenho tarimba, chego lá assim de mãos abanando, sozinho, desconhecido, o homem me olha e vai logo dizendo que não tem precisão de pessoa alguma não, ou que já arranhou outra, eu cheguei tarde, uma pena. Fim.

– Por que acha isso?

– Porque sei. Experiência. Depois, debaixo da chuva, como é que vou encontrar a tal de casa. Será na tal de Tico-Tico ou no tal de Saco dos Limões? Hein! Que me diz disto?

Os dois pretos não respondem. Se olham. Quietos. É ainda o dono do bar quem fala:

– Mas não precisa ir agora. Deixa estiar. Depois, já não ficou explicado que o homem mudou, é no Saco que ele mora agora.

– É, mas não dá não. Só se eles for comigo. Não conheço o homem, mas conheço muito bem estas coisas todas. Sabe lá quem sou eu! Tempo perdido, acredite. Ele vai me ver, me olhar – e adeus. Só com alguém conhecido.

– Mas nós não pode ir.

– Compreendo.

– Que é cumpadre Cid?

– Nós pode ir com ele? – berra o cumpadre Cid.

– Não, a gente temos que trabalhar, se pudesse bem que ia, hun–hun – responde o surdo, ao mesmo tempo que pede – bota mais uma aí pra gente. Bem cheinha, que é a saideira.

Bebem, e o cumpadre Cid diz:

– Bem, agora nós vamos embora assim mesmo, que já é tempo, a chuvinha afinou mas não quer parar; se tu quiser, depois a gente se encontra, vamos pensar em outras coisas. Aqui mesmo ou noutra lugar.

– É, né, pra mode de ir lá no...no.. como é mesmo o nome dele?

– Mané Português. Ou então vamos pensar noutra saída. Pode ser que falando com outros conhecidos eles se lembrem. Tá!

– Pois é, bem, vocês vão comigo lá no Mané Português.

– Hun–hun, que é que ele diz, cumpadre Cid?

– Ele diz pra nós ir com ele.

– Nós não vai, nós não pode.

– Agora não, depois, depois a gente se encontra.

– Não faz mal não, eu compreendo – deixa cair o caboclo.

– Bem, então até logo – dizem o surdo e o cumpadre Cid, da porta.

– Até logo – respondem o caboclo e o dono do bar.

O chuvisco continua a cair com insistência. Mais fino, pegajoso, agora puxado por um vento sul. Porém ambos o enfrentam.

Sentado outra vez, o caboclo volta a fumar. O dono do bar folheia uma velha revista. Silêncio, modorra.

Aos poucos, vagarosamente, a chuva começa a amainar.

Uma nesga de sol, a última da tarde, corta o céu escuro, furando nuvens compactas. As nuvens, pouco a pouco vão sendo empurradas pelo vento. Agora escurece. Na rua, a 73

água escorre, formando pequenos regatos entre a lama e a sujeira. Num deles, minúsculo barco de papel voga.

O caboclo ergue-se.

– Bem, vou andando, patrão, né, é tarde. É tarde e o tempo melhorou.

Apressadas, pacotes sob o braço, pessoas passam.

– Para onde vai você?

– Não sei não. Pra qualquer parte, sim senhor. Se não arranjar os tais papéis, me atiro pra diante. Também, com o que disseram, já desanimei. Como vim até aqui, assim vou membora, mais pro sul, dizem que lá no Rio Grande a coisa está bem melhorzinha.

– Por que você não foi ver aquele serviço no Mané Português?

– Sabe, eles não quiseram ir comigo. Tinham razões, sei. Sozinho não ia adiantar nada não. Eu sei, eu sei muito bem, patrão. O senhor também sabe, nem lhe preciso explicar. Ia olhar pra mim...

– É.

Parou um pouco, como quem pensa, se espreguiçou, espiou a rua, voltou-se, levantou-se, olhou para as prateleiras, encarou o dono do bar, sorriu, disse:

– O homem lá ia me olhar e dizer “já arranjei outro, tu chegou tarde”, ou coisa parecida, me despedir delicadamente, isto no caso de ser bom sujeito, sei como são estas coisas, conheço bem, minha sina mesmo, já vi, é andar, sem rumo. Vou andar.

Fez nova pausa. Depois:

– Bem, patrão, muito agradecido por tudo. Vou andando, sim senhor. Até mais ver. Quem sabe na roda da vida a gente volta a se encontrar. Agradecido e felicidades.

E se foi. Por alguns instantes, na viela invadida pelas sombras, pelo restinho da chuva, pelo vento e pelo frio, o homem do bar ainda distinguiu o vulto indeciso e agachado caminhando lentamente por sobre as poças d'água que a chuva deixara.

Depois, mais nada.

ANEXO E
“História natural”

História natural

Era difícil aquela vida sozinha. Quando o professor Santana se recolhia no seu quarto, que ficava debaixo do dormitório dos maiores, sufocava de tanta solidão. Não podia dormir, não podia deixar de pensar. Pensava em sua vida sem sentido, no medo, sobretudo. Procurava esquecer que falhara, que nunca poderia sair para o mundo. Lembrava-se dos pequenos sucessos de sua vida diária, dos alunos, dos problemas miúdos com que procurava encher o grande vazio da alma. O peito se estreitava, ele fazia ligeiros exercícios de relaxamento, para ver se acalmava. Relaxe, Santana, respire fundo, relaxe. Não pense em nada, procure lembrar-se de uma paisagem calma de pinheiros soprados por uma brisa suave. Não, não se deixe levar por aí, não pense no mar. Nenhum músculo tenso, o corpo se liquefazendo. Calma total e absoluta.

Os exercícios de ioga não conseguiam ocupar-lhe inteiramente o tempo. Tinha de fazer os exercícios escondidos, porque, se os alunos o vissem de pernas para o ar, o julgariam louco. Ele não estava ainda louco, só tinha medo de sair pra a rua, de deixar o colégio. Um pavor da amplidão, do ar livre; necessitava dos muros do colégio. Dava poucas aulas e os dias se estendiam imensos, cheios de sombra silenciosa. Tentava preparar as aulas, mas o espírito inquieto voava para além dos muros do colégio, faltava-lhe o ar. Não queria fugir,

desejava mesmo que as janelas do colégio tivessem grades, para que pudesse respirar, para que ficasse à vontade, sem medo. Não saía nunca, prisioneiro do colégio, prisioneiro de si mesmo.

As tardes eram a pior parte do dia. Quando o sol se punha detrás da mata, ele andava de uma extremidade à outra do campo de futebol. Que é que se passa comigo, pensava, por que não me sento numa dessas pedras e vejo simplesmente anoitecer? Não podia com aquela calma, com o silêncio, de onde brotava o canto das cigarras, o ruído da mata na boca da noite. E andava até cansar as pernas. Assim poderia, mais tarde, dormir.

Custava muito a dormir. Rolava na cama, acendia a luz, tentava ler, não conseguia, as palavras eram difíceis, pensava que já estava com sono, deitava-se, e de novo só pensamentos no escuro, o coração batendo mais forte quando ele se deitava sobre o lado esquerdo. Abria a janela, procurava estudar o céu de estrelas. Pior, porque o peito era pequeno demais para tamanha amplitude, para o enxame daqueles pequenos mundos. Lembrava-se de velhas lições. O sol era uma estrela insignificante no universo, uma poeirinha na galáxia de que fazemos parte. Queria um mundo limitado e não aquele rolar de mundos. O mundo devia ter fim, como aqueles muros que cercavam o colégio.

Se ele ocupasse as mãos talvez conseguisse livrar o pensamento daquelas torturas. Estamos precisando de um pequeno museu, disse um dia. Foi assim que lhe nasceu a idéia de um museu de história natural. Lecionava ciência e história natural e sentia muita falta de exemplares para explicar melhor, para prender a atenção dos alunos. Ele não conseguia manter a disciplina na classe, por mais de uma vez o diretor ameaçou-o de dispensa. Era o fim, era a morte. Seria até roupeiro, mas não sairia do colégio.

Ele não conseguia jamais sair do colégio. Não gostava de se lembrar, porque sentia mais forte a angústia de não poder sair. Não queria ter passado, o passado me sufoca, pensava, não posso conter suas ondas, depois de iniciadas. O professor Santana rompera com tudo para poder ficar ali. Não podia voltar para a sua cidade, não podia mais viver com o padrasto nem com ninguém. Dizia que brigara com o padrasto, que sua vocação era lecionar. Não era verdade, o padrasto sempre o tratara muito bem. Quando pensava ma, não terminava a segunda sílaba, porque quase tinha náusea de se lembrar da mãe.

Viera para o colégio como todos os alunos e era mesmo muito pequeno, devia ter onze anos incompletos. No princípio não era

como agora, ele pensava em casa, na mãe, nas conversas com o padrasto, que ele chamava de padrinho. Tinha saudades de casa, achava que não suportaria a separação. Quando chegassem as férias, voltaria para a sua cidade, de onde nunca deveria ter saído. Foi aí precisamente – nunca devia ter saído de casa – foi aí, pensava, que se iniciou a série de encadeamentos que o prenderam ao colégio, que não permitiram que ele arredasse os pés.

Ou teria começado antes? Pelas sombras onde a memória perdia o chão e via a terra sumir-se. Na impossibilidade de saber precisamente onde aquilo começara (aquele desejo de ficar, o medo sem sentido de enfrentar os homens lá fora, aquele desejo de querer viver para sempre num ambiente de adolescência e de meninos), criou uma porção de desculpas que como muletas o aparavam. Meu padrasto não me suporta, dizia para o diretor. Mas não é o que ele me diz, afirmava o diretor. Santana tinha todas as desculpas engatilhadas – É porque o senhor não o conhece, aquilo tudo é fingimento, é um homem terrível.

O diretor foi deixando que ele ficasse.

Quando não sentia mais saudades de casa e tinha medo? Não gostava de pensar esta pergunta, preferia aceitar como verdadeira as desculpas que inventara para os outros. Quando deixou de sentir saudades de casa? Ele não se arriscava a perguntar por quê.

Foi nas férias do primeiro ano. Preparara tudo, escreveu uma longa carta para a mãe, contando-lhe as primeiras vitórias nos estudos. Passara de ano, era o primeiro aluno da classe. Ia pôr a carta no correio, mas não tinha selo, precisava comprar selo. Quando se aproximava da agência dos correios se distraía com qualquer coisa. Voltara duas vezes ao colégio com a carta no bolso. A carta já estava amassada e suja. Na verdade, o envelope queimava no bolso e ele não sabia por que tinha vontade de jogá-lo na privada e dar descarga. Porque rasgar ele não conseguiria. Você não vai para a sua casa, perguntou-lhe o diretor. Disse ele – Vou sim, estou só esperando a resposta de uma carta que escrevi para minha mãe. A carta ainda continuava no bolso porque ele não conseguia nunca comprar selo. E se não saía de seu bolso, como é que podia ter resposta? Mas ele esperava a resposta. Angustiava-se de pensar que não conseguia comprar selo e não recebia resposta. Será que estou ficando louco? Pensou um dia. Tenho de resolver logo este caso, pensou, senão eu enlouqueço, amanhã eu desço para comprar o selo. Desceu, mas ainda dessa vez não comprou o selo, pois quando se aproximava

da agência, envelope na mão, distraiu-se e caiu da calçada, quebrando a perna.

A perna quebrada agora não me permite ir pra casa, escreveu numa carta à sua mãe. A primeira carta, um dia, sem que ninguém visse, jogou na privada e deu a descarga. Para não levantar suspeitas. Suspeitas de quê? Por que fazer aquilo escondido, por que não podia rasgar a carta? Não sabia explicar. Veio carta para mim, perguntava ao diretor, toda vez que o via. Não, ainda não, dizia o diretor. Por que não escreve outra? Já escrevi, respondia. E sentia a carta quente debaixo do travesseiro. Teve medo do que estava acontecendo com ele. Pensou em dar a carta ao enfermeiro, para que ele a colocasse no correio. Ficou vários dias tentando uma maneira de falar ao enfermeiro de modo a não dar na vista que tinha jogado na privada a primeira carta. E se o homem tivesse visto? Era possível, às vezes havia um riso muito estranho em seu rosto. Sim, precisava esconder a carta. O enfermeiro ficava olhando muito tempo para ele. Com certeza ele sabia da carta escondida. Sem que o outro pudesse perceber, tirou a carta debaixo do travesseiro e enfiou-a no bolso do pijama. Será que ele viu? Não podia jogar também esta carta na privada, porque seria descoberto. O enfermeiro já desconfiava ou já sabia, estava só vendo? Imaginou uma longa operação para dar sumiço a carta. Cada dia, sem que o enfermeiro pudesse desconfiar, comia um pedaço do papel. Agora ninguém mais descobriria a sua carta, que iria ter o mesmo destino da primeira. Um dia teve muito medo, quando engoliu um pedaço do escrito – querida mãe. Enlouquecia?

A perna quebrada no princípio doía muito e coçava debaixo do gesso, onde ele escrevia pequenas coisas. De vez em quando chamava o enfermeiro e tentava conversar com ele, primeiro porque estava muito sozinho, depois para descobrir se o homem sabia das cartas.

Ele não conhecia ainda muito bem a arte de desviar o pensamento das coisas que angustiam. E pensava com ódio de si mesmo por que não podia nunca colocar uma carta no correio para a sua querida mãe. Já se ia conformando com a idéia de que estava louco e se dispunha a voltar para casa depois de encanada a perna e consultar o médico.

Foi nessa época que o enfermeiro lhe emprestou o livro de ioga. Como não tinha nada que fazer a não ser pensar o tempo todo como desfazer-se das cartas que ia escrevendo, começou a exercitar-se nas primeiras ginásticas respiratórias e nos relaxamentos. Era difícil, necessitava aprendizagem, relaxar todos os músculos do corpo.

Depois de decorar os exercícios, devolveu o livrinho ao enfermeiro. Pediu então seus livros e passou as férias estudando. O diretor estava impressionado com ele, era incrível que o primeiro aluno de sua classe ainda quisesse estudar nas férias. Santana pediu outros livros e começou a apaixonar-se pela história natural. Aquele método de estudar os seres vivos e de aproximar-se das coisas o encantava. Era assim que a vida, mesmo a morte, devia ser vista pelos homens. Tudo objetivamente, sem primeira pessoa. Devia aplicar o método de história natural a tudo, mesmo para resolver os problemas pessoais. Se soubesse aquele método, teria remetido todas as cartas à sua mãe. Agora ele não mais escrevia. Era observar as coisas e anotar, sem maior interferência pessoal. Observar e comparar.

Logo depois sua mãe morreu. Agora ele não precisava escrever carta para mais ninguém. Um dia recebeu uma carta do padrasto dizendo-lhe que a sua casa continuava sendo dele, que se ele tinha como um pai. Pedia-lhe que viesse passar as férias de junho com ele. Agora que sua mãe estava morta, não tinha mais necessidade de escrever a ninguém. Não respondeu à carta do padrasto. E também porque sabia que não seria capaz de colocar a carta no correio. Não queria mais sentir aquela angústia, preferia desistir de fazer as coisas que o inquietavam. O padrasto escreveu ao diretor para saber o que se passava com o menino. Nada, dizia o diretor, conversei com ele, apenas está nervoso por causa da morte da mãe. O padrasto continuou pagando o colégio e assim foi até o fim do curso.

No último ano do colégio, Santana começou a lecionar ciências para os meninos da primeira série. Sentia prazer em ensinar. A única dificuldade que achava era manter a disciplina. Por que só com ele faziam aquilo? Tentava novos métodos, mudava de comportamento diante dos alunos e não conseguia nada. O diretor não gostava daquilo, achava que a indisciplina podia passar da aula do Santana para as outras. Ameaçou de mandá-lo embora pela primeira vez. Santana pediu-lhe pelo amor de Deus, que precisava daquilo para viver, que o colégio era a sua segunda família, que não tinha para onde ir, pois estava brigado com o padrasto. O diretor sabia que não era verdade, mas aceitou a desculpa: ele era dócil e os meninos aprendiam, embora fossem indisciplinados. Tratava os alunos com muito carinho, como se pertencessem ao seu meio. Combinava melhor com os menores do que com os maiores, que eram quase da sua idade.

Santana não dormia mais no dormitório dos alunos, ganhara um quarto.

Era difícil saber exatamente quando deixou de ser Santana apenas para ser o professor Santana. Quando deixou de ser aluno para se transformar no professor.

O dinheiro que recebia mal dava para se vestir. Também era esta a sua única necessidade, pois não saía nunca do colégio, nem tinha vícios. Gostava de passear com os meninos pelo campo, ensinando-lhes pequenas noções de coisas. Como crescia uma planta, de que espécie era, como florescia. Os meninos apreciavam mais aqueles passeios e participavam das lições. Santana fazia tudo isso por gosto. Queria ficar o mais tempo possível junto dos seus meninos. Os maiores o olhavam com alguma desconfiança. Que mania aquela de viver sempre metido no meio da crilada.

Foi desses passeios pelo campo e pela mata que nasceu a idéia de formar um pequeno museu de história natural. Além de ser um interesse novo, o museu significava uma atividade em que ocuparia as mãos e encheria o tempo. O diretor achou boa a idéia e se dispôs a auxiliá-lo comprando o que ele precisasse.

Assim vieram os vidros e os livros especializados em conservar animais e empalhar aves. O professor Santana passava o dia inteiro ocupado em arranjar bichos. No princípio era difícil tirar o mau cheiro que vinha dos animais que ele ia arranjando. Um cheiro adocicado e enjoativo saía das aranhas, que ele passou a guardar em vidros de formol.

Aranhas, escorpiões, grilos, gafanhotos, lagartixas, cobras, tatus e pássaros eram agora a ocupação do professor Santana. Os meninos viviam em torno dele, auxiliando-o na caça dos bichos miúdos. Saíam em bando pela mata. O professor Santana passava as noites no seu quarto, classificando os animais e fazendo quadros, desenhando detalhes. Vieram os quadros coloridos que ele encomendara na capital. Lá estavam os pássaros, multicores, os roedores, os peixes, cujos nomes ele aprendia e cuja descrição conhecia apenas de livros.

Os meninos ficavam agora mais quietos nas aulas. Ele levava para a sala vidros e mais vidros de insetos, e exemplares empalhados, que utilizava nas lições. Para os meninos aquilo era um brinquedo a mais.

O professor Santana sentia-se quase feliz, não mais se olhava interiormente nem dirigia os olhos para as grandes distâncias, com medo das vertigens e das angústias.

Ele precisava pensar direito tudo o que tinha acontecido. Precisava encontrar uma explicação, narrar a si mesmo toda a história, para ver se compreendia o momento exato em que tudo se perdera. Ele não sabia nunca o momento exato em que as coisas aconteciam com ele. Foi assim com o museu de história natural. Tudo ia muito bem, os alunos interessados, ele quase feliz. Era a primeira vez que sentia amor por alguma coisa. Era capaz de amar e receber amor. Tinha para si próprio um desprezo que ia às raias do absurdo. Mas precisava pensar, precisava descobrir por que aquilo tinha acontecido. De repente ele se via despedido do colégio. Fora o culpado. As coisas aconteciam sem que ele pudesse dar conta, mas era o culpado. Via o mundo inteiro recriminando-o, ele era o culpado. Ficava repetindo frases, sem fim, de novo repetindo. Mas não achava explicação e voltava ao raciocínio inicial. Ele era o culpado, tinha certeza. Mas como era culpado, se não tinha dado conta de que aquilo estava acontecendo, de que ele se prendia demais a Marcelo? As coisas começavam imperceptíveis e ia contando até que não podia mais contá-las. Assim foi com Marcelo, assim com toda a sua vida. Mesmo em sonho era assim. Lembrava-se agora, em vez de recordar a sua história, de um sonho. O sonho era assim mesmo ou ele fora alterando os fatos até chegar à versão que agora repetia sempre com ele, toda vez que sonhava? No princípio não era assim, ele fora juntando as coisas. Não, no princípio não era assim. Não podia ser assim o sonho. Ele fora imaginando – é difícil ficar sem imaginar – e inventara uma história para o sonho ficar mais convincente? Era feliz na sua ilha, pois não havia ninguém. Ninguém para amar, ninguém para discutir consigo o seu amor. Antes assim, pensava. Não era porém ele como era agora, mas um menino de uns oito anos que via que era ele. O menino ficava muito tempo feliz, até ia inventando coisas. Esta parte do sonho era a mais bonita, sentia-se leve e era quase feliz. Era quase feliz. Podia ser assim a vida inteira. Começava então a surgir de um canto da ilha, da terra mesmo, uma voz. Ela tapava os ouvidos para não ouvir, porque já sabia o que a voz ia dizer. Você nunca sairá daqui. Você nunca crescerá, dizia a voz. Neste ponto, inexplicavelmente, ele respirava um pouco, não queria crescer. Mas virão os leões, dizia a voz da terra. Acordava apavorado

rado. Mas não estava naquele momento sonhando, precisava pensar no seu caso com Marcelo, antes de tomar uma decisão. Não sabia o que fazer, tinha medo da rua. Sentado na calçada do colégio, olhava a rua com pavor, como se tivesse sido abandonado no espaço. A rua se estendia infinita e ele nunca encontraria o seu fim. Sentara-se porque não tivera coragem de continuar andando. Precisava pensar no que tinha acontecido com ele, precisava encontrar uma explicação, narrar a si mesmo, repetia. Mas em vez de se explicar, lhe vinha de novo a lembrança do sonho que às vezes o assaltava. Ou então uma lembrança antiga, de quando seu pai morreu. Agora sabia que tinha sido quando seu pai morreu. A mãe chorando pedia a tia que o levasse para a sua casa. Ele ficou lá na casa da tia Constança brincando, mas com o coração sobressaltado. Por que o tinham mandado para lá? por que a mãe chorava? porque a tia Constança o olhava tão demoradamente e depois ia para dentro chorar? Ele não encontrava uma explicação. Depois de alguns dias, voltava para casa. Lembrava-se da mãe de preto chorando ainda pelos corredores. Onde está meu pai, perguntava ele. Cercavam a morte do pai de tal mistério que ele não podia nunca saber que o pai morrera. Só mais tarde soube que o pai morrera. Ligava sempre a morte do pai a um desaparecimento, a uma fuga. Para onde seu pai fugira com medo, se perguntava. Mas fugira por quê, medo de quê, se interrogava. Mais tarde soube que o pai tinha morrido. Mesmo assim ficou com a noção imprecisa de que o pai fugira e que, de um momento para outro, podia voltar. A qualquer barulho de passos que ouvia, voltava-se rápido, o coração batendo, porque podia ser o pai. Agora queria lembrar-se de sua história, não aquela história do desaparecimento do pai, mas a sua história com Marcelo. Como foi mesmo que tudo começara. Ele não podia nunca saber, seu espírito estava para sempre condenado a não saber nunca o início das coisas. Ou as coisas não tinham princípio nem fim. Era difícil não acreditar que as coisas tem princípio e fim. Procurava saber como tinha sido o princípio de sua história com Marcelo. A primeira lembrança que tinha de Marcelo era a de um adolescente de cabelos assanhados e olhos vivos. As mãos delicadas sempre brincando com uma corrente de relógio. A corrente rodava nos dedos de Marcelo, encurtando de tamanho, primeiro para um lado, depois para o outro, para a esquerda e para a direita, para a direita e para a esquerda, Foi aí que tudo começou, teve de súbito a impressão de que fora ali que tudo começara. Não, ele agora se lembrava de uma outra imagem. Um menino de repente o olhou no meio da sala e por mais que tentasse, não conseguia

desprezar a vista daqueles cabelos assanhados e dos olhos vivos que o fitavam sem piscar. Ou havia antes desta uma outra imagem? Uma imagem que se funde na outra, sem fim, como cartas de um baralho fugindo. Lembrava-se da história de Alice, que fora atrás de um coelho de casaca e se afundara no buraco por onde ele entrou, caíra fundo, sem fim. Melhor não pensar como era a semente daquele menino que começou a crescer dentro dele. Preferia pensar nos cabelos assanhados, nos olhos que o acompanhavam pelo campo e pela mata, enquanto ele procurava os seus bichinhos. Por que o menino nunca vinha com ele como os outros? O menino que ele sabia que se chamava Marcelo, Marcelo então, só sabia ficar olhando Santana de longe interessado. Vem, convidou-o um dia. Não, respondeu Marcelo. Santana sentiu o peito estreitar-se de ressentimento. Por que ele não vinha? O menino faltou dois dias à sua aula. Ele não disse nada, não comunicou o fato ao chefe de disciplina. Tinha medo de que o menino dissesse alguma coisa, Mas dissesse o quê? Ele não tinha nada a temer, mas temia. Temia e desejava que estivessem sempre presentes aqueles olhos vivos e verdes. Lembrava-se daquele verde, das manchas que boiavam no verde líquido. O coração batia de novo e ele sabia que era medo. Olhava novamente a rua comprida e era a mesma sensação de que se afundava no vazio, de que estava irremediavelmente perdido. Mas ele não estaria perdido, sabia, se encontrasse a chave de sua história. Lembrava-se de outros pedaços, que procurava juntar como quem vai colocando os cacos de porcelana de um deus partido. Eram mãos finas e brancas, umas unhas compridas, rosadas. Chamava o menino ao quadro e quando dizia o seu nome tinha a impressão de que os outros meninos deviam perceber a emoção que havia em sua voz. Um dia percebeu risos. Ou não havia risos, era só impressão. Por que riam? Um dia ele percebeu risos quando chamou Marcelo ao quadro. Esqueceu o que ia perguntar-lhe. Pronto, professor, disse o menino. Uma flor, disse ele conseguindo articular a primeira palavra. A classe inteira riu. Uma flor o quê, professor? Tinha a certeza de que o menino percebia o que se passava. Sentia-se perdido, precisava encontrar uma frase qualquer inteira e não apenas uma flor. Não é flor, disse ele finalmente, eu quero que você escreva no quadro a classificação dos frutos. Desta vez estava vazio. Mandou o menino sentar, chamou o chefe de disciplina e foi lá fora beber água e respirar. Um noite no seu quarto, que era no andar térreo. A janela aberta e todo o colégio às escuras. Não podia saber que horas eram, mas sabia que era tarde. Com uma lente olhava um besouro enorme que um menino

lhe trouxera e ia tomando nota de descrição. Não tirava os olhos da lente. Começou a perceber uma presença ao seu lado, na janela aberta, alguém o espiava. As mãos tremiam. Repousou a lupa sobre a mesa e ficou esperando, sem se voltar, pensando o que devia fazer. Havia alguém na janela, tinha certeza. Quando se voltou, deu com Marcelo, de pijama, que o olhava. Ah, é você, disse-lhe. Me pregou um susto danado. Precisava respirar um pouco. Marcelo olhava-o de uma maneira estranha, sem dizer nada. Salta a janela, disse Santana, e venha ver o besouro na lupa. Não pude dormir por causa do calor, disse o menino. É, eu também não pude, disse o professor e sem saber por quê, sentiu que a frase era perigosa e reveladora. Santana começou a observar mais à vontade o menino. Olhava os cabelos assanhados, o brilho que havia neles, o perfume mesmo podia sentir, a cor da pele, o peito que se mostrava dentro do paletó do pijama aberto. Olhe as patas, disse, as felpas da pata. Sim, é gozado, disse o menino. Marcelo percebia tudo, não podia estar fingindo tanta inocência. Eu quero ver os olhos, disse ele, e Santana sentiu um susto inexplicável. Afaste um pouco a lente, disse Santana segurando a mão do menino. As mãos trêmulas, a respiração apressada. A inocência era fingida. Agora via muito bem toda a cena e tinha certeza de que o menino compactuava naquele jogo estranho e cheio de intenções. Foi então que levou a mão à cabeça do menino, os dedos de leve entre os cabelos castanhos, brilhantes e macios. Podia sentir o seu cheiro, tão perto estava, debruçado sobre a lupa. Marcelo parou e ficou quieto, sem o menor movimento. Até a respiração parecia ter cessado. Depois voltou o rosto para Santana e sorriu. Ele estava salvo. Continuou a acarinhar de leve a cabeleira do menino. Marcelo deixava. Vai embora, disse Santana de repente, pode vir gente. Não, ele não estava inocente, deixava. Não, é cedo, disse Santana, vou lhe mostrar outros bichos. Preciso ir, disse o menino, é tarde. Depois, nos outros dias, Santana não podia mais prestar atenção em coisa alguma, a não ser naquela janela aberta. O menino não voltou mais. Procurava-o com os olhos por todo o colégio. O menino fugia. Uma tarde encontrou-o no campo de futebol e, antes que pudesse fugir, disse-lhe – Quero falar com você, apareça à noite no meu quarto. Fale com a mãe, gritou Marcelo, e os outros meninos voltaram-se para os dois. O gabinete do diretor, o homem gritando com ele. Nunca me aconteceu isto com um professor, dizia o diretor. Você não pode mais continuar aqui. Sim, era uma desonra para o colégio. Não lhe deu tempo de uma defesa,

nem ele queria se defender. Sabia-se culpado, queria logo a punição. Mas não, não podia nunca ir embora. Você nunca poderá sair daqui, você nunca crescerá, dizia-lhe a voz de seu sonho. A rua comprida e ensolarada. Não podia sair. A rua.

O professor Santana olhava a rua comprida e ensolarada que se perdia de vista, vermelha de terra. Sentado no meio-fio, via-se sozinho no mundo, sem ninguém. A quem havia de apelar? Não podia procurar o padrasto na sua cidade. A rua vazia, comprida e ensolarada. O calor era muito e ele suave. Nos seus ouvidos cantava uma cigarra. Ele sabia que o canto não era de nenhuma cigarra por perto. A cabeça rodava. Alguém vinha vindo, rente ao meio-fio. Tentou levantar-se, não conseguiu. Como nunca conseguiria achar o caminho do correio, o caminho de casa.